

**MEMORIA
APRESENTADA À
L'UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À CHICOUTIMI
COMO EXIGENCIA PARCIAL
DO MESTRADO EN EDUCAÇÃO**

**POR
LORENA DE ARAUJO MELO**

**EDUCAÇÃO ET OS NÓS TECIDOS NA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS NUMA
EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL : O CASO DE MASSAROCA**

SETEMBRO 2002



Mise en garde/Advice

Afin de rendre accessible au plus grand nombre le résultat des travaux de recherche menés par ses étudiants gradués et dans l'esprit des règles qui régissent le dépôt et la diffusion des mémoires et thèses produits dans cette Institution, **l'Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** est fière de rendre accessible une version complète et gratuite de cette œuvre.

Motivated by a desire to make the results of its graduate students' research accessible to all, and in accordance with the rules governing the acceptance and diffusion of dissertations and theses in this Institution, the **Université du Québec à Chicoutimi (UQAC)** is proud to make a complete version of this work available at no cost to the reader.

L'auteur conserve néanmoins la propriété du droit d'auteur qui protège ce mémoire ou cette thèse. Ni le mémoire ou la thèse ni des extraits substantiels de ceux-ci ne peuvent être imprimés ou autrement reproduits sans son autorisation.

The author retains ownership of the copyright of this dissertation or thesis. Neither the dissertation or thesis, nor substantial extracts from it, may be printed or otherwise reproduced without the author's permission.

UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À CHICOUTIMI
CHICOUTIMI, QUÉBEC, CANADÁ

**DISSERTAÇÃO APRSENTADA JUNTO AO CURSO DE MESTRADO DE
PESQUISA EM EDUCAÇÃO OFERECIDO PELA UNIVERSITÉ DU
QUEBÉC À CHICOUTIMI COMO EXIGÊNCIA PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE**

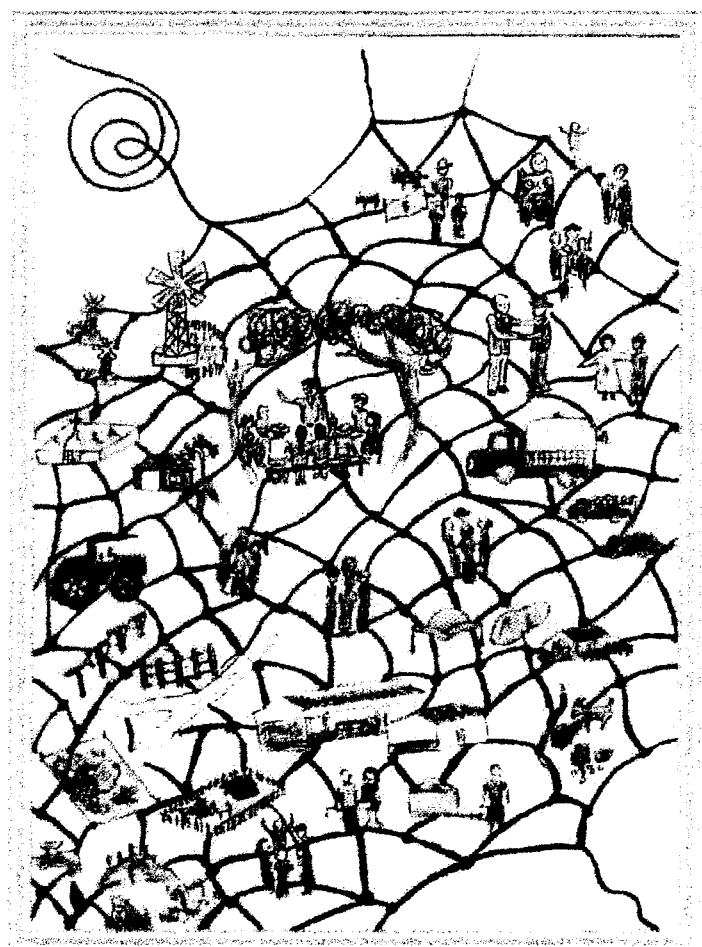
POR
LORENA DE ARAÚJO MELO

*EDUCAÇÃO E OS NÓS TECIDOS NA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS NUMA
EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL: O CASO DE MASSAROCA*

SETEMBRO DE 2002

UNIVERSITÉ DU QUÉBEC À CHICOUTIMI
CHICOUTIMI, QUÉBEC, CANADÁ

***EDUCAÇÃO E OS NÓS TECIDOS NA REDE DE RELAÇÕES SOCIAIS
NUMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL: O CASO DE
MASSAROCA***



POR
LORENA DE ARAÚJO MELO

SETEMBRO DE 2002

LORENA DE ARAÚJO MELO

*EDUCAÇÃO E OS NÓS TECIDOS NA REDE DE RELAÇÕES NUMA
EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO LOCAL: O CASO DE
MASSAROCA*

Dissertação apresentada à Université du Québec à Chicoutimi / Universidade do Estado da Bahia, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO, sob orientação dos Professores Doutores Celso Antonio Favero e Lorraine Savoie-Zajc.

Dedico este trabalho:

A minha mãe pelo sorriso e alegria.

Aos exemplos do meu pai.

AGRADECIMENTOS

Ao Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca, pela intensidade do movimento vivo.

Aos orientadores Celso Antonio Favero e Lorraine Savoie Zajc, pelo entrelaçamento na rede de pensar.

Aos amigos íntimos, pela torcida e à contribuição que fizeram possível a construção deste trabalho.

Ao Rio São Francisco, pelo sabor das travessias diárias.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	ix
LISTA DE TABELAS, FOTOGRAFIAS, FIGURAS.....	xi
RESUMO.....	xiii
RESUMÈ.....	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
CARTOGRAFANDO AS CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE UMA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA RURAL: O Surgimento de um Comitê de Produtores.....	8
1.2. Problema de pesquisa.....	19
CAPÍTULO II	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
2.1. Rede, poder e saber - fio condutor de uma trama.....	24
2.2. Comunidade - além do sentido unívoco.....	32
2.3. As comunidades rurais.....	34
2.4. Desenvolvimento local - para além da questão agrícola.....	37
2.5 Poder local e suas manifestações.....	39
2.6. Educação - a conexão com o movimento social e a escola.....	40
CAPÍTULO III	
O PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO.....	55
CAPÍTULO IV	
TECENDO A TRAMA DAS RELAÇÕES.....	69
4.1. Organização das Comunidades a partir do CAAM conectadas ao PGD....	70
4.2. A rede de relações tecidas no percurso do PGD.....	71
4.3. As comissões de apoio tecendo-se na rede de relações.....	77
4.4. O caminhão do Comitê: tensões e embates.....	85
4.5. A chegada do trator.....	89

CAPÍTULO V	
A ERUM: NOVA EXPLOSÃO NO CAAM.....	95
5.1 1. A ERUM: Um sonho e um investimento coletivo.....	96
5.1 2. A ERUM e as forças em jogo.....	99
5.1 3. O CAAM e a decisão política pela ERUM.....	103
5.1 4. A ERUM alterando os modos de existência das comunidades.....	107
5.1.5. A ERUM tecendo outros fios da rede de relações.....	109
5.6. Lote irrigado: mais um desafio lançado ao CAAM.....	110
CAPITULO VI	
LIGANDO OS FIOS DA REDE DE RELAÇÕES.....	115
6.1.Como se tecem os fios da rede de relações do CAAM.....	115
6.2. A educação informal no CAAM: Os cursos de capacitação.....	116
6.3. Os cursos de capacitação cruzando-se com escola x comunidade.....	120
6.4. Os jovens expressando seus desejos.....	125
6.5. Os estudos de realidade operando na vida social do CAAM.....	127
6.6. ERUM: um território desterritorializado.....	133
CONCLUSÃO.....	140
ANEXO 1	
MAPA GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO - BAHIA.....	145
ANEXO 2	
MAPA DAS COMUNIDADES DE MASSAROCA.....	146
ANEXO 3	
MAPA MENTAL DAS COMUNIDADES RURAIS DE MASSAROCA.....	147
ANEXO 4	
ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	148
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	158

LISTA DE ABREVIATURAS

ADAC	Associação de Desenvolvimento e Ação Comunitária
CAAM	Comitê de Associações Comunitárias Agropecuárias de Massaroca
CEB	Comunidades Eclesiais de Base
CCFD	Comité Catolique Contre la Faim et pour le Développement
CENFORM	Centro de Formação Rural de Massaroca
CIRAD	Centre International de Cooperation International en Recherche Agronomique pour le Développement
CPATSA	Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido
DC H III	Departamento de Ciências Humanas - Campus III
EBDA	Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Bahia
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
ERUM	Escola Rural de Massaroca
FFCLJ	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Juazeiro
INTERBA	Instituto de Terras da Bahia
IRFED	Institute de Recherche, Formation, Education et Développement
LPA	Lycée Professionel Agricole/ France
MEB	Movimento de Educação de Base
ONG	Organizações Não-Governamentais
PAPP	Projeto de Apoio ao Pequeno Produtor Rural
PDRI	Programa de Desenvolvimento Rural Integrado
PGD	Plano Global de Desenvolvimento
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PMJ	Prefeitura Municipal de Juazeiro
PFL	Partido da Frente Liberal

PT	Partido dos Trabalhadores
SAR	Sistemas Agroalimentares Rurais
SEC	Secretaria de Educação

LISTA DE TABELAS, FOTOGRAFIAS E FIGURAS

TABELAS

3.1- Quadro demonstrativo das entrevistas	60
---	----

FOTOGRAFIAS

4.1- O caminhão como meio de transporte comunitário	85
4.2- Comissão de capacitação	87
4.3- O trator	89
4.4- Reunião da comissão de equipamentos	90
4.5- Mapa das unidades geoambientais	91
4.6- Reunião do CAAM	96
5.1- Capacitação dos professores	97
5.2- Blocos temáticos	99
5.3- Construção da ERUM	102
5.4- Primeiro dia de aula da ERUM	104
5.5- Transporte escolar	107
5.6- Comissão do lote	111
5.7- Destino da produção do Lote irrigado	113
5.8- Curso de pintura	116
5.9- Curso de conservação de forragens	117
5.10- Curso de beneficiamento do leite	117
5.11- Montagem da casa de farinha rústica	118
5.12- Apresentação do planejamento de 2001	118
5.13- Projeto de saúde	120
5.14- Curso de cisternas de placas	121
5.15- Beneficiamento da carne de caprino	122
5.16 Estudo de cadeias produtivas	123
5.17- Estudo de cadeia produtiva da uva	125
5.11- Reunião dos jovens	125
5.12- Manifestação cultural "roda trocada"	128
5.13- Manifestação cultural "cantiga de roda"	128
5.14- Jardim da ERUM	129
5.15- Transporte de água	131
6.1- Rede de relações conectadas ao cotidiano	140

FIGURAS

6.1- Primeira estrofe da poesia tecendo uma manhã	7
6.2- Segunda estrofe da poesia tecendo uma manhã	23
6.3. Terceira estrofe da poesia tecendo uma manhã	54
6.4- Quarta estrofe da poesia tecendo uma manhã	68
6.5- Quinta estrofe da poesia tecendo uma manhã	94
6.6- Sexta estrofe da poesia tecendo uma manhã	114
6.7- Poesia completa da rede relações tecidas no CAAM	139

RESUMO

Esta pesquisa investiga processos educativos e, em particular, uma experiência de educação compreendida dentro da trajetória de desenvolvimento do Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca (CAAM), em Juazeiro (Bahia), no período de 1982 e 2001. Busca analisar esses processos pela rede de estratégias políticas e de relações sociais que se atravessam em diversos pontos da experiência.

O percurso da investigação pode cartografar, através de um estudo de caso, os desdobramentos que foram impostos à dinâmica do CAAM e das comunidades que ele reúne ao se materializarem as ações educativas e os novos modos de existência que foram aí se processando. Na pesquisa de campo, o levantamento de dados foi feito através de entrevistas semi-estruturadas, privilegiando os relatos dos envolvidos no processo.

A análise dos dados levantados fez-se das inúmeras possibilidades de construção de saberes e de conexões entre práticas diversas e pode traçar os fios de redes de relações que se fizeram no curso do desenvolvimento comunitário.

A explosão da Escola Rural de Massaroca (ERUM), o desafio lançado ao CAAM de administrar um lote irrigado, o processo de territorialização e desterritorialização da ERUM, a manifestação das associações pela sustentabilidade dos recursos naturais, surgem entre os demais embates e tensões vividos, e são percorridos pela análise construindo as conexões pelas linhas e aberturas que traçam uma multiplicidade sempre a se fazer.

RESUMÉ

Cette recherche analyse les processus d'apprentissage et en particulier une expérience d'éducation pensée comme élément de la trajectoire de développement du Comité des Associations d'Agro/éleveurs de Massaroca (CAAM), municipé Juazeiro-Bahia), de 1982 à 2001. L'analyse de ces processus est fait sous l'angle des stratégies politiques et des relations sociales qui ont influencé divers moments de l'expérience.

La réalisation de la recherche a permis de cartographier, à partir d'une étude de cas les transformations qui ont été imposées à la dynamique CAAM et aux communautés qui le composent quand les actions éducatives et le projet afférents se sont développés. Durant la recherche de terrain les données ont été obtenues utilisant les techniques d'enquêtes semi-structurées, en privilégiant les témoignages des personnes engagées dans les processus.

L'analyse des données a reconstitué les nombreuses possibilités de constructions des savoirs et les connections entre les pratiques. Cela a permis de retracer les fils des réseaux qui sont nés au cours du travail de développement communautaire.

Le succès de l'Ecole rurale de Massaroca (ERUM), le défi pour le CAAM l'administration d'un lot irrigué, le processus à la fois de territorialisation et délocalisation de l'ERUM, l'intérêt des associations pour la durabilité de l'exploitation des ressources naturelles naissent des tensions et des conflits mais aussi des analyses et des connexions qui définissent orientations et ouvertures qui elle même dessinent une complexité toujours à construire

INTRODUÇÃO

Esta dissertação se propõe a caminhar na analise das transformações que ocorrem no Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca (CAAM) e compreender as diversas trajetórias percorridas no período de 1982 a 2001. Buscou analisar de que modo a educação, entendida aqui como os diferentes processos de produção de saber, participou do percurso de desenvolvimento comunitário, principalmente do CAAM.

A experiência de Massaroca não vem se desenvolvendo de modo linear e contínuo. Sempre estão emergindo conflitos, tensões e há inúmeras versões sobre os acontecimentos, muitas vezes contraditórios entre si. Atualmente, por exemplo, quando alguns acreditam ter-se acabado toda potencialidade da experiência, outros, pelo contrário, crêem estar, enfim, vivendo processos extremamente ricos, libertos das formas colonizadas que os conduziam anteriormente. Essa constante efervescência da realidade se manifesta no número de trabalhos que continuam a ser escritos sobre a região. No caso, esta dissertação pretendeu abrir espaço para situar a diversidade de afetos, interesses, estratégias, ao invés de tentar responder unidirecionalmente às questões que vieram com os acontecimentos; pretendeu apanhar a complexidade na sua dinâmica. Não seria importante, para quem vive profissionalmente a intensidade da experiência, poder contribuir para que, sem nenhuma pretensão de julgamento e muito menos de esgotar a questão, fossem avaliadas as práticas e potencializados os esforços de construção dessa realidade? O próprio processo de pesquisa foi demonstrando o grande interesse que essa discussão desperta não só nos que vivem e atuam em Massaroca, mas entre pessoas e instituições que se abrem para pensar as questões do nosso mundo contemporâneo.

Reconhecem-se as limitações deste esforço de pesquisa ao tentar dar conta de uma temática tão ampla, considerar a educação em um processo de desenvolvimento comunitário. O que ora se apresenta são os modos de uma realidade social complexa, como

complexas são as relações de poder e saber que nela se estabelecem, se criam, se transformam. Tentou-se dar uma visibilidade ao mergulho efetuado nessa vivência onde linhas traçadas remetem a outras linhas e conexões constituídas em processos de territorializações, desterritorializações e reterritorializações.¹ É algo dos processos nos quais o que se produz não é uma repetição de idéias ou fatos, e sim uma vontade de criar e mudar as formas traçadas por uma certa linearidade que estabelece causas e efeitos. Não se pretendeu, com isso, estabelecer novas verdades nem fechar questões. Quem sabe trazer ao conhecimento científico a possibilidade de roçar a realidade, fazendo o leitor rir ou chorar. Esta é simplesmente uma abertura para compreender um campo de novas forças e nos fazer avançar em nossas problemáticas como um movimento de dança voando nas asas que se abrem para produção das diferenças.

Para alcançar o objetivo proposto, definiu-se que a situação investigada seria analisada através dos dados obtidos durante a pesquisa, ou seja, dos relatos dos entrevistados, da observação participante, das transcrições das entrevistas, das análises de documentos, fotografias e das demais informações disponíveis, além da vivência profissional desta pesquisadora, que possibilitaram abranger o problema estudado. O material pesquisado indicou três abordagens, as quais se constituíram em objetivos específicos de estudo a fim de estabelecer conexões e relações com a rede de poder e saber, quais sejam: comunidades a partir do CAAM; 1) analisar a criação de uma escola rural na trajetória do CAAM; 2) analisar os processos de educação formal e informal no CAAM; 3) tecer a trama das relações e organizações das comunidades a partir do CAAM.

A exposição sistemática do trabalho possui duas partes. A primeira parte introduz o primeiro, segundo e o terceiro capítulos que obedece à seguinte ordem: o primeiro capítulo

¹ Os conceitos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização foram tomados da obra de Deleuze & Guattari buscando-se indicar os movimentos da realidade estudada que foram capazes de constituir e materializar modos singulares de existências (territórios) guardando a abertura para novos cursos e se destruir (desterritorialização) podendo, aí nesse processo, sofrer a oposição ao seu movimento pela tentativa de recomposição do território, de recondução às formas anteriores (reterritorialização). Vale observar que o Estado opera uma desterritorialização "que, no entanto, é imediata e recoberta por reterritorializações sobre a propriedade, trabalho e o dinheiro" (Deleuze & Guattari, 1997: p. 224).

cartografa² as condições históricas da experiência em estudo, trata do surgimento do Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca, assim como indica o problema de pesquisa, situa esta investigação dos desdobramentos que foram impostos à dinâmica do CAAM ao se materializarem as ações educativas.

O segundo capítulo situa o marco teórico deste estudo no contexto do conhecimento científico, abordando os conceitos teóricos considerados como ferramentas para a compreensão do objeto estudado. Para o esforço de captar os agenciamentos e relações do CAAM, esta pesquisa valeu-se do conceito de rede, que é "mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade" (Latour, 1994: 9). As ações criam articulações em rede, através de práticas econômicas, sociais, organizacionais, políticas, educacionais que se conectam entre si, numa multiplicidade sempre a se fazer. Nessa trajetória, as práticas ganham visibilidade e dizibilidade,³ ao tempo em que podem ser pensadas segundo as dimensões de poder e saber que, falando como Foucault, se implicam mutuamente. Poder e saber são relações que buscam fixar uma ordem aos corpos, ordem essa que "define as divisões entre modos de fazer, os modos de ser e os modos de dizer, que faz com que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa; é uma ordem do visível e do dizível que faz com que essa atividade seja visível e outra não o seja, que essa palavra entendida como discurso e outra como ruído" (Rancière, 1996:42).

Dessa discussão também deriva uma reflexão sobre os conceitos de comunidades rurais, desenvolvimento local e educação e o modo de adotá-los nesta pesquisa. "Os conceitos como abstração tendem a estabelecer uma identidade e um ser que se dizem num só sentido" (Albuquerque, 1999: p. 32). O que se busca é pensar as comunidades rurais, o

² Pelo princípio de cartografia, não há entrada necessária, uma direção a seguir. A realidade pode ser acessada de infinitos pontos e pode remeter a quaisquer outros pontos em seu território. Ver uma forma de cartografia em Gallo (IN: Alves & Garcia (org), 2001).

³ Os conceitos de visibilidade e dizibilidade foram estudados a partir de Albuquerque, para compreender uma nova forma de ver e dizer a experiência em movimento, que abre caminho para novas formas de sentir e conhecer a singularidade dos processos.

desenvolvimento local e a educação como conceitos flexíveis, capazes de captar as variações que sofre no movimento a realidade estudada.

No terceiro capítulo esboça-se o percurso da investigação que descreveu, de um modo geral, a metodologia da pesquisa e pode ser complementado pelo texto dos demais capítulos os quais vão, de forma concreta, pinçando as linhas de forças nas dinâmicas da realidade estudada. Tratou-se, portanto, de traçar linhas e conexões em diferentes dimensões da nossa problemática e configurá-las também pelas práticas que ali se desenrolavam. Estas, desdobradas em idas e vindas, correm para todos os lados com ações que se configuraram na trama, na rede tecida pelas relações de poder e saber, constituídas nas dimensões macropolíticas e micropolíticas, processadas nas ações e práticas que instituíam o modo de existência do CAAM.

O problema desta pesquisa remeteu a um esforço de se captar a realidade pelo seu movimento, aderindo a ele, evitando estancá-lo em uma forma definitiva. Tal esforço significa que se lançou mão dos diferentes recursos metodológicos, dentre os quais, e principalmente, aqueles capazes de acolher o que, ainda que sutilmente, pulsava entre as formas visíveis e destacáveis do real " fazendo um *surf* na articulação de toda espécie de vetores de inteligência coletiva" (Guattari apud Rolnik. 1996: p. 13).

No percurso da pesquisa, foram utilizadas diversas fontes: documentos, uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado, diagnóstico participativo, fotografias, livros e textos que tomaram o Comitê como tema de estudo, relatórios elaborados por esta pesquisadora e outros técnicos vinculados ao Estado além de considerar a atuação profissional desse trabalho em Massaroca, seja como parte dessa realidade, seja como conhecedores dos vários processos ali trilhados. Isto se deve ao esforço empreendido de tomar tais fontes como material de trabalho para captar outras relações, diferentes daquelas feitas anteriormente e reconstruí-las, pondo-as para funcionar de outro modo. Buscou-se, através da pesquisa qualitativa, cartografar o estudo de um caso onde os conceitos teóricos,

articulados por essa problemática, foram dando visibilidade e dizibilidade ao movimento captado na experiência. Em suma, tratou-se de um estudo que, embora descritivo, buscou expor, além do estado de coisas, o movimento das forças que, se constituindo nos diversos percursos, se articularam numa rede de práticas coletivas e individuais.

A segunda parte está intimamente ligada com a primeira, articula a teoria e a prática da pesquisa. Esboça os capítulos quarto, quinto, sexto, e a conclusão. Os dados aparecem já postos em rede, num mapa, dada a especificidade dos instrumentos de abordagem qualitativa. O quarto capítulo traça linhas e conexões em diferentes dimensões da problemática estudada, configurando-as também pelas práticas cotidianas e por seus desdobramentos. Descreve como os fios da rede de práticas foram tecidos pelas estratégias políticas do CAAM e pelas comissões de apoio. Aqui a rede foi percorrida segundo as ações do PGD, articulando o processo de organização das comunidades e o trabalho das comissões de crédito, equipamentos (caminhão e trator) lote e de capacitação. As interações e atribuições dessas comissões vão ligando as tarefas pontuais ao caminhão, à chegada e atuação do trator, ao crédito alternativo, ao lote irrigado, e às ações de capacitação que vão se configurando na tessitura das redes locais de poder e saber. Cada uma delas desenvolveu processos educativos das mais diversas formas, dependendo das necessidades, expectativas e interesses compartilhados pelos componentes do processo.

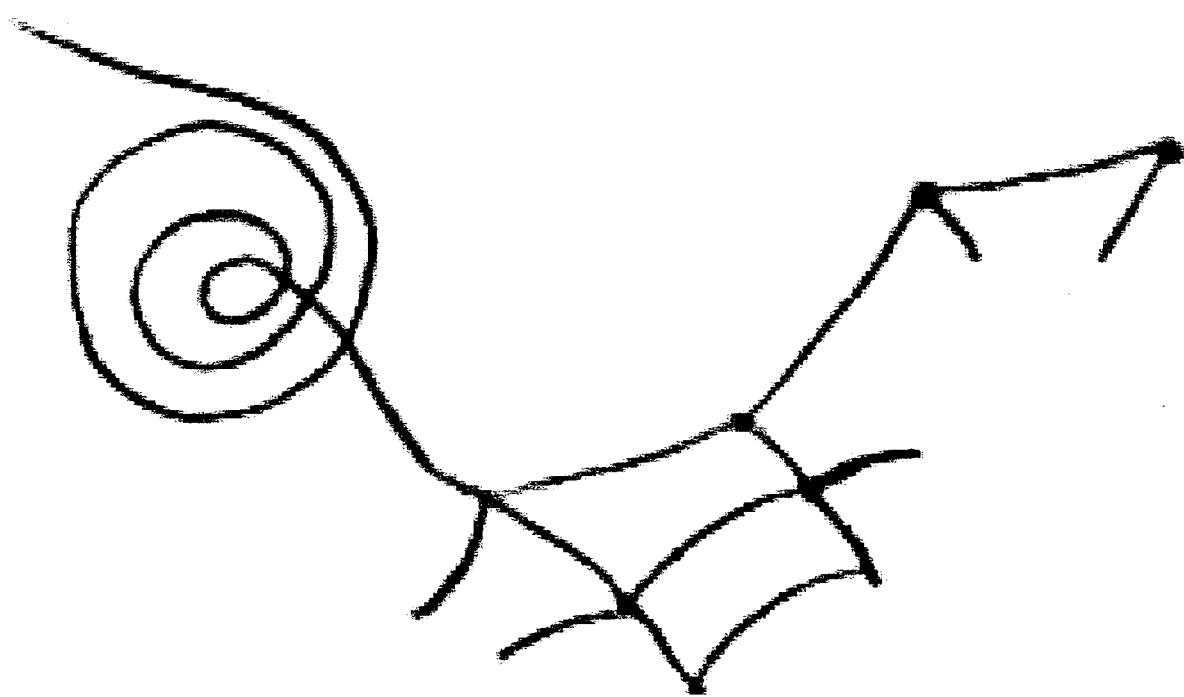
O capítulo quinto aborda, essencialmente, a questão da Escola Rural de Massaroca-ERUM, como uma explosão no movimento do Comitê. Todos as ações, realizadas até então, foram trazidas pelo novo movimento e entram nas questões da escola perturbando, arrastando para outros lugares, como diz Deleuze, (1997: 135), "é o movimento pelo qual se abandona o território. Os territórios, mesmo as casas, são constantemente atravessados por vetores de desterritorialização, isto é, podem abrir-se, engajar-se em linhas de fuga, e até sair do seu curso e se destruir", para surgirem novos processos de reterritorialização.

O sexto capítulo apresenta uma síntese da trama das relações e os fios da rede que tece o movimento das comunidades ao longo de quase vinte anos de percurso, trazem à tona os elementos da educação formal (ERUM) e informal (cursos de capacitação), os quais são entendidos como processos de desenvolvimento local na trajetória do CAAM, que nas palavras de Rolnik (1996: 13) "forma-se um primeiro agenciamento que começa a cruzar com outras trajetórias : novos agenciamentos se põem a funcionar. Impossível dizer quem é quem nesse processo, cada experiência vai se conectando a outra e vai imprimindo um novo sentido". Por fim, na conclusão, tentamos relacionar as teorias estudadas à problemática, com base na nossa investigação, deixando uma reflexão de como foram tecidas as redes de relações e como se materializaram as ações educativas no processo de desenvolvimento comunitário e as criação de novos saberes.

Foram esses os principais propósitos esboçados neste trabalho, a partir de uma inserção profissional desta pesquisadora em uma realidade concreta. Privilegiaram-se as experiências dos que vivem na região de Massaroca, e, particularmente, a sua organização maior - o Comitê das Associações – através do contato direto, procurando participar de suas atividades, ouvir, captar as práticas cotidianas e teorias de vida que mostravam e enunciavam a experiência de desenvolvimento local desdobrados em processos educativos.

Esta pesquisa constitui-se numa experimentação constante, em meio às intervenções técnicas e políticas desta pesquisadora e às análises que potencializaram os movimentos cotidianos, abrindo-se sempre para outras possibilidades que insurgiam na singularidade da rede de poder que aí se produzia. Nesse sentido, entendeu-se que o agir produz saber e poder, cujas relações estão sempre sujeitas a alterações. Multiplicidades processam-se e diferenças evidenciam-se. Saberes, éticas, estéticas, políticas se constituem nesse processo e são estudados em suas diferenças.

**"Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos..."**



CAPÍTULO I

CARTOGRAFANDO AS CONDIÇÕES HISTÓRICAS DE UMA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA RURAL: O SURGIMENTO DE UM COMITÊ DE PRODUTORES

Massaroca é um dos sete distritos do município de Juazeiro, sertão norte da Bahia. Sua região é um espaço geográfico, social, econômico e político, no qual se distribuem pequenos produtores, vivendo em comunidades rurais. É marcada pelo clima semi-árido e está incluída no “polígono das secas”, com chuvas escassas e irregulares, apresentando média pluviométrica anual de 400mm. A diversificada vegetação de caatinga apresenta-se, em alguns trechos, com uma cobertura vegetal estratificada de arbustos e poucas ervas; outros, encontra-se uma densa cobertura de árvores que se unem pelas copas, formando uma vegetação mais abundante, misturada com arbustos e ervas, entre elas, a umburana, umbuzeiro, aroeira, mulungu, macambira, mandacaru, faveleira⁴. A vegetação natural da caatinga vai traçando a composição da paisagem aliada ao cotidiano das comunidades que se expressa nos diferentes modos de se orientar e de se organizar no mundo.

A ocupação do espaço, em Massaroca, surgiu na segunda metade do século XVIII, concomitante à crise da atividade pecuária na região. Essa crise influenciou a queda do

⁴ O dados geográficos foram extraídos do documento Massaroca: Uma experiência de planejamento comunitário (1989).

setor açucareiro, ao qual fornecia os animais de tração e carne no Estado de Pernambuco e se dava em meio ao crescimento econômico da mineração no Estado de Minas Gerais. Tal situação provocou o deslocamento da produção bovina para o Sul do Brasil que passou a ser o maior pólo de criação. A crise do setor econômico resultou na venda e divisão dos grandes latifúndios, na ausência dos proprietários e no abandono das terras. Os grandes proprietários passaram a concentrar os investimentos nas proximidades do rio São Francisco e de seu afluente perene, o rio Salitre, áreas que apresentavam condições mais favoráveis e com potencialidades superiores àquelas mais afastadas. As terras com pouca água ficaram menos povoadas do que aquelas às margens do rio⁵.

Em meio a esta situação, surgem, em 1807, os primeiros moradores da região de Massaroca⁶ que começaram a se estabelecer nos locais com água (riachos, barreiros, aguadas) e a desenvolver uma agricultura familiar baseada na pecuária extensiva, com a utilização dos recursos naturais de baixos custos. A divisão das propriedades por herança ou por venda constituiu pequenas unidades familiares reunidas em comunidades rurais, o que possibilitou o uso comunitário das áreas devolutas⁷ de fundo de pasto⁸.

Encontra-se nessa região uma estrutura fundiária composta de pequenas propriedades, em sua maioria pequenos proprietários de terras, com áreas de 20 a 100 ha, e cada família possui uma casa e uma pequena área cercada e cultivada⁹. O espaço não cercado é utilizado para a exploração comunitária do rebanho, denominado fundo de pasto.

⁵ Sobre os dados históricos aqui expostos ver Furtado (1978).

⁶ Vaqueiros, caboclos, ex-escravos, ou presos que se apropriaram de terras situadas entre as sesmarias ou inexploradas Prado Júnior (1960).

⁷ São áreas desocupadas consideradas como de propriedade do Estado ou da União.

⁸ Fundo de pasto - Áreas abertas de pastoreio coletivo de animais. Posteriormente a luta pela regularização fundiária do fundo de pasto, com a obtenção de título coletivo da propriedade, foi o primeiro movimento de organização das comunidades em defesa da terra e criação das associações comunitárias da região.

⁹ Dados extraídos do documento Estudo de Itinerário de Desenvolvimento (1994).

A área de caatinga¹⁰ em que se encontra o fundo de pasto é de terras geralmente inaptas para o plantio, porém a vegetação diversificada oferece pastagem para o rebanho durante quase todo o ano, com a oferta de alimentação a baixo custo e sob pouco trabalho para o pastoreio, o qual se limita, no período da seca, a soltar e a recolher o rebanho em cercados para o fornecimento de alimentação complementar.

As atividades econômicas de maior expressão dessas comunidades são a caprino e ovinocultura em campo aberto, caracterizada como agricultura familiar. Nesse sentido, as relações de trabalho que se estabelecem são predominantemente de base familiar (entre o dono da casa e os membros não remunerados da família). Essas relações se constituem com base afetiva, mantêm entre si vários elos, que se efetivam, por exemplo, com a doação de animais aos afilhados, participação em eventos sociais: festas, casamentos, enterros, missas, corridas de argolinha, etc.

Nas relações familiares de produção verifica-se a ajuda mútua, em forma de solidariedade, no jeito de cuidar dos animais do vizinho, como se fossem de sua propriedade. Quando esses animais adoecem ou quando se perdem nos locais de aguadas e no fundo de pasto, são reconhecidos pelos produtores através do sinal (marca nas orelhas ou nos quadris) que identificam seu dono. Ao ser encontrado, por qualquer membro de outra comunidade, o animal é levado ao dono para que sejam feitos os cuidados necessários. No mais, as relações interpessoais são atravessadas por laços de parentesco sangüíneo ou de amizade, afetividade, solidariedade e, vale a pena acrescentar, de rivalidade.

Esse sistema de produção familiar vem se modificando com a ampliação e diversificação da agricultura, ocorridas a partir da adoção de técnicas agropecuárias, orientadas pelos serviços de assistência técnica e extensão rural, que se destinam ao cultivo

¹⁰ Caatinga - Ecossistema com área de mato espesso formado por uma diversificada vegetação típica da região semi-árida do Brasil.

de pastagens (capim buffel, elefante, guandu), culturas alimentares, comumente chamadas de subsistência (milho, feijão, mandioca) e reserva de caatinga. A ampliação das áreas individuais tornou-se visível com a introdução de novas pastagens cultivadas em sistemas de consórcio, com as culturas alimentares, e tem constituído uma condição essencial para o melhoramento da caprinocultura. Essa prática reforça um sistema de manejo alimentar e sanitário do rebanho, que possibilita a entrada das culturas no mercado, o que dá visibilidade ao modo como a agricultura e a pecuária vão se estabelecendo para intensificar uma produção com a qualidade capaz de atender às exigências do mercado.

Todo um processo de intensas modificações das áreas individuais dos produtores, no sistema de produção, evidencia um conjunto de novas atividades agropecuárias e sua articulação com o mercado local e regional, respondendo às demandas com o fornecimento de produtos básicos da agropecuária: pele, carne, leite, além dos respectivos subprodutos. Com exceção da pele, que não é beneficiada na comunidade, os demais são também consumidos pelas famílias. As culturas destinadas à alimentação são: milho, feijão de corda, mandioca, guandu, além da melancia que, atualmente, é a principal *cultura de renda*¹¹, papel antes desempenhado pelo algodão, por muitos anos e, posteriormente, pela mamona e sisal.

As relações de articulação com o mercado também proporcionam outras preferências nos hábitos alimentares das comunidades que, antes, eram satisfeitos dentro do próprio sistema. Pouco a pouco, novas relações se estabelecem e as famílias passam a comprar no mercado aquilo que corresponde à substituição, de certos produtos seus, por outros industrializados. Eis alguns exemplos dessas mudanças de hábitos alimentares: o milho, é consumido sob a forma de cuscuz. As comunidades, em sua maioria, vendem ou reservam o milho para os animais e compram a massa de cuscuz do supermercado porque já vem pronta é *mais fácil de ser usada*; a mandioca, quando da realização da farinhada¹², a

¹¹ Entende-se por *cultura de renda* a atividade agrícola que não se destina ao consumo e sim ao mercado, abrindo-se aí a possibilidade de novos recursos para outros investimentos, individuais ou coletivos.

¹² Farinhada época do beneficiamento da mandioca para a comercialização e também oportunidade de festas, encontros.

comunidade vivencia uma grande festa, na ligação da produção com a vida afetiva e cultural. Os vizinhos e amigos vão participar dos trabalhos de mutirão, em suas mais diversas etapas: desde a colheita até à transformação do produto. As comunidades convidadas, (homens, mulheres, jovens e crianças) compartilham das noites de lua, em cantigas de terreiro e de roda, danças e namoros que surgem durante a realização e organização do trabalho. A transformação da mandioca, normalmente realizada pelas mulheres, em beijus, goma, tapiocas e farinha, também faz parte de suas preferências alimentícias; entretanto, vendem a farinha produzida artesanalmente por elas e compram outra nos supermercados, *por ser mais fina*; de igual forma ocorre com a galinha de capoeira¹³, que é vendida viva nas feiras livres e substituída pelo galeto congelado, *por ser mais rápido para cozinhar*. A compra de produtos alimentares está diretamente relacionada à renda familiar, que provém regularmente da venda de produtos agrícolas ou da pecuária, atividades artesanais e comerciais, benefícios de pensão e aposentadorias, venda de mão-de-obra nas propriedades vizinhas ou nos centros urbanos. Quando essa renda não é suficiente, são outras atividades não ligadas à agropecuária que permitem satisfazer as necessidades básicas da família.¹⁴

A organização do sistema de produção das comunidades rurais, que tinha nas relações familiares sua principal referência, vai, portanto, se transformando com a exploração de culturas de mercado. Até 1940, a agricultura era voltada para o autoconsumo, restringindo-se ao cultivo de culturas alimentares nessas comunidades (milho, feijão, mandioca, abóbora etc). Já na década de 80, Andrade (1983) enfatiza, ao estudar as características da agricultura regional e a organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do submédio São Francisco, que as atividades agrícolas ocupam áreas bem inferiores àquelas ocupadas pela pecuária, tendo, porém, maior importância, tanto pelo volume como pelo valor da produção, pela oferta de trabalho, por sua participação na produção de renda, pela contribuição ao comércio e empregos que geram no setor de serviços. Entre 1981 e 1982, a agricultura atravessou uma fase de grandes transformações,

¹³ Galinha criada solta na capoeira de forma rústica.

quer pela introdução de novas culturas e técnicas, quer por suas ligações com o processo de modernização capitalista que se opera na região.

A penetração capitalista não se faz por um simples processo de substituição do antigo pelo moderno, muitas vezes aproveita hábitos e estruturas existentes e as absorve, desde que tragam uma contribuição incentivadora à acumulação capitalista. (Andrade:1983:77)¹⁵

Esse processo de substituição do antigo pelo moderno, de apoio às culturas de exportação e à criação de um mercado interno de consumo das mercadorias industriais voltadas para a agricultura, intensifica-se na região do submédio São Francisco, a partir de 1950, quando começaram a ser exploradas culturas destinadas ao mercado. O algodão representou, nesse período, uma importante fonte de renda, que ganhou maior expressão quando a estrada de ferro, partindo de Salvador-Ba, alcançou a cidade de Juazeiro-Ba. A presença da ferrovia valorizou as terras na região de Massaroca, porque, facilitando o escoamento da produção agrícola da área de sequeiro para o porto de Salvador, permitia o crescimento da mesma. Essa ferrovia, aliada ao desenvolvimento da navegação no médio São Francisco, no trecho Juazeiro-Bahia a Pirapora-Minas Gerais, permitiu o desenvolvimento de Juazeiro-Bahia e Petrolina-Pernambuco. Essas evoluíram de centros comerciais e de convergência da produção agrícola, para centros industriais, beneficiando tanto o algodão como a mamona, com indústrias têxteis e de óleo, além de outras indústrias menores. Principalmente as estratégias de mercado que se operavam com a construção da rodovia e da estrada vicinal, facilitavam o acesso à comercialização, por exemplo, do algodão, que foi reduzida em 1960, com a introdução da mamona como outra cultura destinada ao mercado. Essas outras formas de produção lançaram as comunidades no mercado e ampliaram a venda de caprinos nas próprias comunidades e na região.

Nesse ínterim, nas comunidades da região de Massaroca, configurava-se uma articulação do processo de produção familiar com as relações econômicas integradas à

¹⁴ Sobre o assunto ver Silva (1994)

¹⁵ Ver Andrade (1983)

dinâmica do mercado. Nessa articulação, surgiram mudanças na organização do trabalho, no caráter familiar da agricultura. O trabalho de mutirão e ajuda mútua foi substituído, em alguns casos, pela contratação de mão-de-obra temporária (dias de serviços) o que passou a se constituir em estratégia e dinâmica do mercado regional e local, para atender às mais distintas fases do processo de trabalho produtivo dessas comunidades. Assim, além da estratégia da agricultura familiar e, em alguns casos aliada a essa, surge a estratégia de contratação de mão- de- obra¹⁶.

Em meio à ampliação e integração ao mercado e à transformação do sistema familiar da agricultura dentro do modo capitalista de produção, as comunidades rurais de Massaroca engajaram-se em questões de outra ordem, que as levaram a realizar outras formas de organização com ações voltadas para a participação popular nos movimentos religiosos, através dos Movimentos de Educação de Base (MEB)¹⁷. Com a evolução desses movimentos, surgiram as primeiras iniciativas formais organizando as associações comunitárias que, mais tarde, representariam papéis estratégicos nas políticas de desenvolvimento direcionadas pelos programas governamentais para essa região. A busca de recursos públicos fez surgirem outras associações comunitárias na região, através de atividades pastorais, incentivadas pela ação das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs¹⁸.

Na década de 1980 foi lançada, na região, uma série de programas e políticas governamentais (federais e estaduais), direcionada para o meio rural do Nordeste, com a implantação de diferentes projetos, cuja finalidade era promover o desenvolvimento econômico, social e político, tanto nas áreas de sequeiro como nas irrigadas. Conhecidos como Projetos Especiais, *eles objetivavam atender às regiões nordestinas, proporcionando*

¹⁶ A esse respeito ver a tipologia dos agricultores traçada por Tounneau et al (1998), citada neste trabalho no capítulo IV.

¹⁷ MEB - Movimentos de Educação de Base, criados em 1961pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)

¹⁸ As (CEBs)comunidades eclesiás de base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEBs podem ter por iniciativa própria, dez, vinte ou cinqüenta membros.

*uma melhoria das condições de vida do pequeno produtor rural através de investimentos em infra-estrutura e propostas associativistas.*¹⁹ Entre os mesmos destacam-se o Projeto Sertanejo, o Projeto São Vicente, e o Projeto de Apoio ao Pequeno Produtor Rural - PAPP. Estavam todos ligados a instituições financeiras internacionais, que estabeleciam as políticas de desenvolvimento rural.

Em meio a esse processo e estimulado pelos recursos e serviços previstos para essas realizações, o movimento associativo começou a crescer na região, ampliando-se em 1982, com a intervenção da assistência técnica e extensão rural da Emater-Ba²⁰ (hoje EBDA), CAR²¹, Embrapa²², Interba²³ e outras instituições governamentais responsáveis pela implementação de tais projetos.

O atendimento às demandas dos produtores estava condicionado a sua participação e organização nas associações. Sob essa condição, estariam se efetivando as ações dos Programas de Desenvolvimento Rural Integrado (PDRI), que pensavam as propostas de desenvolvimento direcionadas ao cumprimento de metas a serem atingidas. Na intervenção das políticas públicas, alguns técnicos, engenheiros agrônomos em sua maioria, pedagogos, sociólogos a elas vinculados, realizavam ações técnicas não só voltadas para a reprodução dos projetos, pois alguns deles buscavam captar o modo como a organização social das comunidades traçava suas estratégias de apropriação coletiva e individual de recursos financeiros destinados ao desenvolvimento.

Novas forças políticas surgiram e se incorporaram àquelas já existentes nas comunidades da região. Em 1984, a Associação Comunitária de Lagoinha foi formalizada para a regularização de fundo de pasto e captação de recursos dos projetos. Consegiu, através de convênios com órgãos estatais, atingir diversas metas relacionadas com as

¹⁹ Sobre o assunto ver documento POLONORDESTE (1976).

²⁰ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural / Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola.

²¹ Cia de Desenvolvimento e Ação Regional.

²² Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

²³ Instituto de Terras da Bahia - responsável pela regularização das terras

necessidades básicas de infra-estrutura (centro comunitário, passagem molhada, barreiro, cisternas comunitárias, poço artesiano) e outras mais. Essa associação incentivou as demais comunidades vizinhas a engajarem-se na luta pela formalização das associações e pela regularização do fundo de pasto.²⁴ A partir dessa iniciativa, novas forças foram se materializando na constituição de nove associações comunitárias na região, com situações semelhantes e que mais tarde, se organizariam em torno de um Comitê de produtores, denominado de Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca – CAAM.

A organização das comunidades ganhou maior força com a criação do CAAM em 1989, reconhecendo a importância da articulação e a troca de experiência com o *Comité de Hautes Garrigues*, na região de Ganges, sul da França, quando ocorreu um intercâmbio entre técnicos brasileiros e franceses, da cooperação francesa mediante convênio Embrapa-Cirad: produtores de Massaroca e produtores do Comité de Hautes Garrigues²⁵. Integraram-se ao CAAM nove associações comunitárias, numa área de abrangência que atinge 212 famílias das seguintes localidades: Lagoinha, Cipó, Canoa, Juá/Saquinho, Caldeirão do Tibério, Lagoa do Angico, Lagoa do Meio, Cachoeirinha e Curral Novo/Jacaré. Essas associações trouxeram para si os modos de existência vivenciados pelas comunidades, havendo em cada uma delas a organização anterior e a nova organização formal (associações comunitárias).

Ao longo do processo, comunidades e técnicos foram sentindo a necessidade de avaliar as ações governamentais pensadas para essas comunidades componentes do Comitê. Constituíam-se, aí, outras forças políticas, além das forças institucionais do Estado. Outras propostas e encaminhamentos surgiram independentemente das metas a serem cumpridas. Com a considerável experiência em organização comunitária, Lagoinha, uma das nove comunidades que formam o comitê das Associações, consolidou-se nas relações familiares e disparou no processo de luta, onde atuava como referência na articulação das diferentes

²⁴ Dados obtidos no documento Característica da comunidade de Lagoinha: primeira etapa de uma experiência pesquisa desenvolvimento-rural. 1986.

comunidades que ainda não tinham uma maior força política. Os técnicos e alguns produtores compreenderam que as outras associações, sozinhas, encontrariam maiores dificuldades para dar conta das demandas existentes na região. Nesse sentido, técnicos de instituições públicas e dirigentes das nove associações de produtores discutiram, então, a constituição de uma entidade com articulação política de todas as comunidades e suas reivindicações, com poder de força para negociar recursos públicos e conduzir, desse modo, as ações de um plano global de desenvolvimento voltado para as nove comunidades.

Muito do que já se tinha produzido ao longo da experiência das comunidades foi sistematizado pelo projeto conhecido como Plano Global de Desenvolvimento - PGD, cujo objetivo era *organizar os produtores para se apropriarem das inovações tecnológicas e organizacionais; definir com precisão as regras, as linhas de trabalho e as orientações técnicas dos órgãos de modo a integrar-se numa perspectiva de desenvolvimento local, voltado para os aspectos organizativos, econômicos, sociais e políticos.*²⁶ O PGD foi estruturado, inicialmente, em três eixos: *apoio à organização rural*, através de uma formação contínua dentro do processo produtivo; *educação permanente*, compreendendo temas da cultura geral; *capacitação em unidades produtivas*, através de cursos de apoio à diversificação da produção e às unidades produtivas instaladas.

A partir da formação do Comitê, novas práticas foram sendo produzidas na dinâmica das comunidades, principalmente no que se refere à construção e divulgação dos saberes ou de aprendizagem, através de capacitações e/ou formações processuais para potencializar o conjunto dos recursos humanos, considerando sempre as características produtivas e culturais da região.

Um dos desdobramentos importantes da organização do CAAM foi a criação da Escola Rural de Massaroca - ERUM, como um quarto eixo do trabalho do PGD. A sua

²⁵ Mais tarde membros desse comitê francês formaram uma associação, chamada Serra -Serrane, afim de estreitarem as relações com os produtores brasileiros, a qual existe até hoje.

²⁶ Sobre o assunto ver documento Massaroca : Uma experiência de Planejamento Comunitário. 1998.

importância é evidenciada por um projeto de educação que tem como fundamento a realidade local. A educação passou a mobilizar uma participação intensa das nove comunidades, que acreditavam ser a partir dessa que o processo produtivo seria discutido. A construção da ERUM e de sua proposta pedagógica materializou a luta das comunidades por uma educação diferente na região. Havia uma grande insatisfação com o ensino oferecido na sede do distrito de Massaroca, o qual, de modo extremamente precário, repetia o modelo escolar da sede do município, Juazeiro-Ba. Preconizava-se uma escola inserida no meio rural, integrada a esse, produzindo um conhecimento com base no sistema produtivo local em seus diferentes aspectos e, partindo daí, alcançar outras realidades do mundo múltiplo e cheio de surpresas.

A escola concretizou-se como uma saída para muitos problemas vivenciados pelas comunidades, a exemplo do êxodo rural, baixo nível de escolaridade, evasão escolar, deficiência na aprendizagem, dificuldade no acesso aos empregos por concurso. Porém, tornou-se palco de disputa de diferentes interesses, internos e externos, públicos e privados, que atuavam no processo de desenvolvimento local.

O CAAM surgiu, portanto, em uma trajetória de desenvolvimento da região que conjugou formas contraditórias de ocupação do espaço, de produção econômica e de organização sócio-política e afetiva. Conjugou-se, por exemplo, a noção de propriedade individual com a titulação coletiva do fundo de pasto; a agricultura familiar com as exigências do mercado; as relações de compadrio e outras da tradição com as formas institucionalizadas das associações.

Embora estabelecendo uma nova ordem para as comunidades dessa região, as formas que caracterizaram a sua ocupação do espaço, a produção econômica e as relações sociais, políticas e afetivas guardaram a marca da ambigüidade das forças que as constituíram. Forças essas que vieram da tradição, da expansão capitalista, das ações dos agentes governamentais, da criação de novos modos de existência, etc.

As ações educativas, compreendendo tanto aquelas que se fizeram na educação escolar formal (ensino fundamental) ou informal (cursos de capacitações), como as desenvolvidas nas relações de trabalho, de vida e de comunicação foram desdobramentos e agiram nessa rede de forças que constituíam o CAAM.

Alguns estudos já foram realizados em Massaroca, em torno do Comitê: uma experiência de planejamento comunitário por Poudevigne et al. (1989), impacto das ações de pesquisa e desenvolvimento por Choudens (1992); modernização do espaço rural e campesinato por Tonneau (1994), sistema de crédito alternativo e sua influência na economia local por Silva (1994); experimentação e validação de tecnologias em meio real por Tonneau e Sabourin (1997); difusão da inovação entre as comunidades e o papel das relações de proximidade Sabourin, Barros e Peres (1997); desenvolvimento local e associações de pequenos produtores (Barros et al. (1999) dentre outros. Nenhum deles, porém, analisou a dinâmica sócio-econômica das comunidades a partir do Plano Global de Desenvolvimento, ou, quando o fizeram, o foco maior foi dado aos aspectos econômicos e organizativos, mas não aos processos educativos constituídos ao longo da trajetória do Comitê.

O presente estudo justifica-se tendo em vista se propor a trazer à tona o eixo da educação pelo modo como esta se instituiu, produziu modelos, agenciou forças em meio à trama das relações cotidianas das comunidades rurais e de suas organizações.

1.1. O problema de pesquisa

Diante da problemática apresentada, esta pesquisa interessou-se por investigar que desdobramentos foram impostos à dinâmica do CAAM e das comunidades que esse reúne ao se materializarem as ações educativas, em meio a uma rede de poderes e saberes. A

criação da ERUM, os cursos de capacitação, bem como o jogo de apropriação de recursos , técnicos e instrumentos de trabalho e de vida constituem ações educativas, embora ocorram em planos e formas distintas. A elaboração de discursos que enunciam as transformações em processos são ações que se materializam de diferentes modos na localização e na construção do prédio da escola, na elaboração de uma proposta pedagógica; no surgimento das comissões de apoio; na ministração de cursos de capacitação implicando na composição de grupo de produtores para estudos específicos; na aplicação e distribuição de recursos, técnicas e instrumentos; nas estratégias de decisão, avaliação e contabilização de valores em jogo, enfim, nos processos de produção de saber. É justamente como formas e modos diversos que as ações se materializavam. Em que a educação formal contribuiu na construção dos sistemas locais de poder e saber? De um modo geral, que saberes foram formulados e sob quais dispositivos agiram na trajetória do CAAM? O que foi afirmado como formal, como novo, e como isso contribuiu para o desenvolvimento comunitário? Foi a ERUM apenas um aparato institucional ou produziu outros movimentos além da formação escolar?

Pretendeu-se, em suma, pensar a educação, assim compreendida, dentro de um processo de desenvolvimento comunitário, particularmente na trajetória do CAAM entre 1982 e 2001.

O CAAM, mesmo sendo uma organização, não foi recortado, nesta pesquisa, como uma unidade econômica, política, social, organizativa e educativa; foi entendido como um campo de práticas sociais percorrido pela complexidade mesma de uma experiência onde se conjugaram diferentes relações de poder e saber. Nesse campo, onde se movimentaram inúmeras e distintas forças, as ações educativas fizeram-se presentes sob formas institucionalizadas, mas foi pelo modo como se inseriram nos processos do CAAM que essas ações ocuparam um território privilegiado de análise e, de certa forma, constituíram-se em dispositivos para o estudo de novas relações de poder e saber que se processavam na região.

O CAAM, tomado pelas diferentes práticas que o constituíram, foi aqui definido como o campo em que se desenvolveu o problema desta pesquisa (objeto empírico). Traçar as linhas e conexões, que tais práticas agenciaram, permitiu que os problemas vividos fossem enunciados com maior clareza, mostrados nas suas materialidades, bem como possibilitou que se expressassem as tendências que moviam essa realidade. Sendo assim, para se entender como, por diversos fios, se tece a idéia de um conhecimento em rede, foi preciso entender que existem situações do cotidiano de uso e de embate. Negocia-se, discute-se, impede-se, articula-se, cria-se, com o novo conhecimento, a informação sobre tudo que circula, como circula, por que circula e a favor de quem circula.

Foram cartografados nas diversas experiências vividas pelas comunidades nessa região, os modos ocupação do espaço, a produção e as relações com o mercado, as formas de educação e saber, a organização política numa articulação entre diferentes instituições públicas e ONG's e a execução de um projeto de desenvolvimento local.

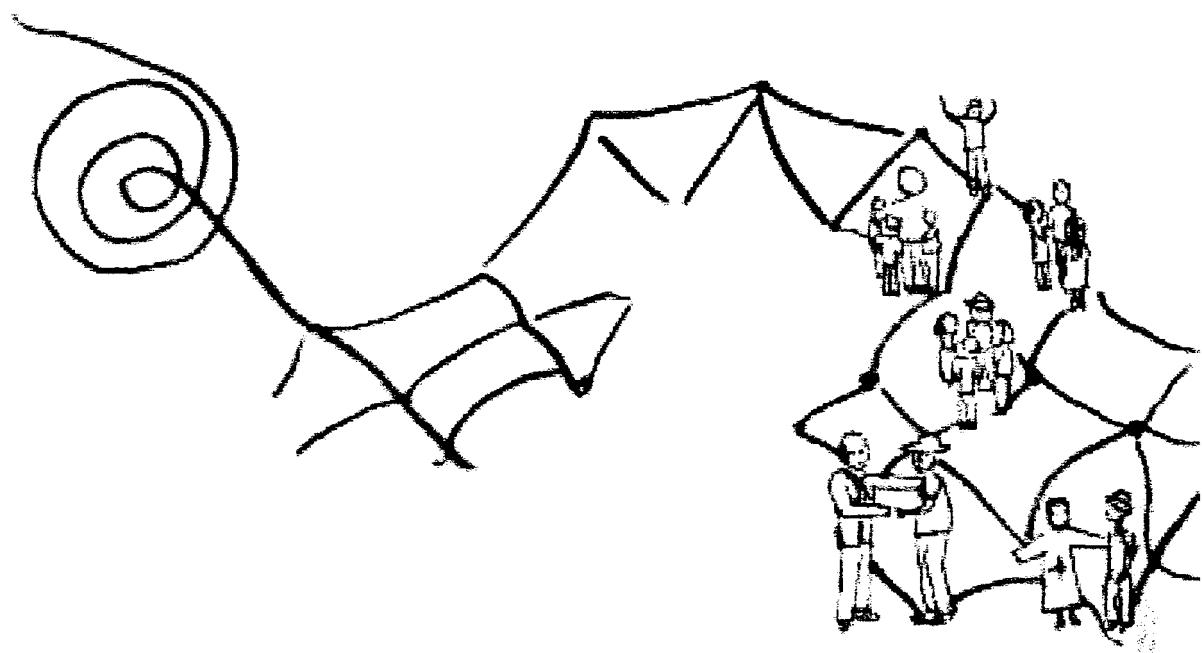
Essas experiências foram analisadas a partir dos diferentes aspectos práticos, teóricos e técnicos dos projetos lançados ao CAAM, considerando a inserção desta pesquisadora nesse campo de pesquisa, enquanto técnica vinculada a um órgão do Estado, que atua nos projetos de *desenvolvimento local* nessa região, em parceria com uma ONG. Foram consideradas as diferentes intervenções que incluem órgãos técnicos e financeiros, concepções técnico-científicas (produção agropecuária, educação etc) estratégias e posições políticas nessa organização comunitária, bem como se consideram nesse estudo as questões que emergiam das relações de trabalho em que esta pesquisadora se insere.

Este estudo analisa, portanto, formas e movimentos educativos na região cartografada acima e o processo de desenvolvimento dessa rede de relações. A análise teve como objetivo principal entender, por um lado, como a educação preconizada para fazer a diferença entre a educação tradicional reprodutiva e a educação que parte da vivência, do

mundo real das comunidades para a produção de um conhecimento novo, pôde provocar o desenvolvimento local, e, por outro lado, como a educação, em seu sentido amplo, se colocou ora como uma rede de construção e reestruturação dos sistemas locais de poder e saber, ora como desestruturadora de velhas e novas práticas sociais das comunidades rurais.

Esperou-se desta pesquisa, portanto, que a exposição e a análise de um conjunto de práticas sociais, produtoras de uma experiência educacional intensa tanto para os que vivem em Massaroca, quanto para os que ali atuam profissionalmente, permitissem pensar como a educação pôde potencializar a experiência de desenvolvimento local. Diante de tais propósitos, a pesquisa situou o seu objeto de estudo nas dinâmicas do CAAM que fizeram justamente a interseção entre a vida de Massaroca e a atuação profissional de técnicos no enfrentamento de problemas contemporâneos da existência.

**"... De um que apanhe esse grito que ele(lançou)
e o lance a outro..."**



CAPÍTULO II

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Procura-se, neste capítulo, apresentar os conceitos teóricos que funcionaram como ferramentas ao estudo das relações entre rede, poder e saber, comunidades rurais, desenvolvimento local e educação, a problemática em estudo. Discute-se como eles se articulam no movimento e vão se alterando nas práticas políticas e organizativas do CAAM, e, particularmente, o que se considera fundamental para a compreensão das diferentes estratégias e políticas de desenvolvimento destinadas à execução dos projetos governamentais que mobilizavam recursos para atender às demandas das comunidades.

2.1 - Rede, poder e saber- fio condutor de uma trama

Os conceitos funcionam como um agente comunicador e como ferramenta de trabalho. Busca-se, sempre que possível, o uso dos mesmos emersos em cada momento, pondo-os para funcionar em novos sentidos, dando-lhes novos lugares. Recorre-se, pois, nesta pesquisa, a conceitos que possibilitem compreender a trama da rede de relações que se está abordando, como parte da estratégia escolhida para dar conta da problemática estudada.

Neste sentido, tomamos, inicialmente, como ponto de partida, a construção dos conceitos de *rede, poder e saber*, para avançar na compreensão deste estudo. Assim, tem-se a necessidade de que os conceitos propostos expressem o significado das diferentes estratégias que se quer mostrar, já que elas organizam a realidade apontando as características distintas do estudo, constituindo-se num campo rico de acontecimentos a partir do qual a teoria funcione como potencializadora deste trabalho.

Tomando como eixo esta abordagem inicial, coloca-se de forma sucinta o conceito de rede como algo inacabado, pois não se pretende esgotar uma discussão que vem sendo desenvolvida, há muito tempo, acerca da abrangência deste tema.

Dada a importância que tem a atividade teórica para a produção científica e o papel que nesse processo cumprem os conceitos, passa-se a acompanhar, assim, com Foucault (1979), que define *rede* de relações como fios que se tecem nas práticas políticas e nas dimensões macro e micropolíticas²⁷ constituídas no cotidiano, isto é, põe em circulação os modos como são constituídos os saberes, os poderes e os acontecimentos.

Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas considerar que existe nos fios desta rede um escalonamento de tipos de práticas políticas diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. Trata-se, portanto, ao mesmo tempo, de distinguir os acontecimentos, as práticas políticas (saberes), diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem uns a partir dos outros.

²⁷ Entende-se por macropolítica o nível da política da constituição das grandes identidades, ou seja, o modo como se cruzam as lutas sociais mais amplas. Micropolítica é aqui entendida como um movimento que se produz através de vários modos de referência, ou seja, a cada vez o problema remete a um agenciamento de enunciação de um outro tipo.

Neste sentido, Latour (1994:7), ao tecer os fios da rede de proliferação dos híbridos,²⁸ através da matéria de um jornal sobre acontecimentos no mundo em relação aos diferentes efeitos da industrialização sobre a humanidade, mostra que o mesmo artigo mistura, assim, reações químicas e reações políticas. O autor enfoca que um mesmo fio conecta a mais esotérica das ciências e a mais baixa política, "o céu mais longínquo e uma certa usina no subúrbio de Lyon, o perigo mais global e as próximas eleições ou o próximo conselho administrativo." As proporções, as questões, as durações, os atores não são comparáveis e, no entanto, estão todos envolvidos na mesma história. Ao acompanhar o estudo esboçado por Latour, vê-se que o mesmo jornal traz algumas páginas relaxantes como o suplemento de livros onde os romances relatam aventuras apaixonantes do eu profundo. Sem estas páginas calmas, conforme o autor, certamente o leitor ficaria tonto. Multiplicam-se os artigos híbridos que delineiam tramas de ciência, política, economia, direito, religião, técnica, ficção. "Se a leitura do jornal diário é a reza do homem moderno, quão estranho é o homem que hoje reza lendo estes assuntos confusos. Toda cultura e toda natureza são diariamente reviradas aí (Latour, 1994: p.7).

Contudo, a questão não parece ser tão simples. As páginas que tratam de economia, política, ciências, livros, cultura, religião generalidades, dividem os assuntos sem fazer nenhuma diferença, como se nada acontecesse. E todos aqueles que tomam decisões irão cortar a fina rede desenhada em pequenos compartimentos específicos, onde serão encontrados apenas ciência, apenas economia, apenas generalidades. Nessa situação esse fio frágil será cortado em segmentos quantas forem as disciplinas puras: não se mistura o conhecimento, o interesse, a justiça, o poder, o global, o local, o humano, que, seguindo Latour , "estas confusões criam mistura, elas tecem nosso mundo." O autor vai, ao mesmo tempo, chamando atenção para pontos incomuns, que não se articulam numa mesma rede, mas na lógica da proliferação dos híbridos, são tratados no jornal como se fossem iguais.

²⁸ Segundo Latour, são ações provenientes de espécies diferentes que delineiam tramas da ciência, política, economia, direito, religião que se instalaram precariamente no interior das instituições científicas tornando o conhecimento recortado em três acordos com as categorias usuais dos críticos: fato, poder, discurso, que tornam invisíveis as finas redes traçadas pelos saberes empíricos.

Portanto, no dizer do autor, que não foge às abordagens de Foucault, qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre reatar o nó atravessando, tantas vezes quantas necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício de poder entre os saberes e os acontecimentos.

Ao tomar-se, por exemplo, uma rede conectada às estratégias traçadas pelo cotidiano, tematiza-se, pois, o estabelecimento de uma nova forma de dizer e ver uma experiência em movimento que, nas palavras de Albuquerque (1999: 26), "abre caminho para novas formas de sentir e conhecer." Estas novas formas de ver e dizer estão relacionadas, portanto, com outras séries de práticas, desde as econômicas, as sociais, as políticas, as educativas, que não estabelecem entre si qualquer determinação, apenas se conectam, se afastam ou se aproximam, formando uma teia de práticas, relações de força e de sentido, o que Foucault (1996: 384) "denomina de dispositivo", para ressaltar seu caráter estratégico." Quando se fala de uma nova visibilidade e dizibilidade, fala-se de novos conceitos, novos temas, novos objetos, novas estratégias, que permitem ver e falar de forma diferenciada da que se via e dizia anteriormente, que permitem organizá-lo de outra maneira, que colocam novos problemas, que, por sua vez, criam outras dimensões da trama histórica, da rede de relações que compõe a trama do cotidiano.

Albuquerque (1999: 31-2), ressalta que são "as diversas práticas que vão sendo tecidas como um nó num rendilhado de séries históricas, como laçadas na variada rede de relações que atravessam o social". As práticas não são aqui consideradas como realizadas por alguém que se colocasse fora da trama, da renda da história, " para tecê-la com suas mãos e agulhas soberanas da consciência transcendental", mas consideram-se como realizadas por alguém que tece uma rede de dentro dela mesma, como se fosse um dos seus fios, como um nó em que vários fios do processo histórico viesssem se encontrar. Entretanto, para pensar uma rede que abarque a experiência em estudo, tem-se de estar atento ao fato de que são as relações estabelecidas entre as instituições, as comunidades, os processos econômicos, religiosos, sociais, políticos, educativos, éticos e estéticos, ou seja,

uma dispersão de práticas e enunciados existentes como fios soltos de diferentes cores que vão se encontrando em determinados pontos e vão dando origem a um desenho, sem que para isso seja necessária a convergência de todos para o mesmo ponto; que todos estejam interligados. "A história aqui tecida, como uma renda, é feita de fios, nós, laçados, mas também de lacunas, de buracos, que, no entanto, fazem parte do próprio desenho, são partes da própria trama "(Foucault, apud Albuquerque, 1985: p 32).

Como se encontra nas análises de Latour (1994: 9) "nossa meio de transporte é a noção de tradução ou de rede. Mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio dos diferentes poderes, saberes e acontecimentos". Deste modo, o conceito de rede é aqui tecido como uma ferramenta de trabalho no sentido proposto por Foucault (1979) e Latour (1994), passa pela constituição das relações de poder e saber e pela opção de descrever as tramas onde quer que estas nos levem. Esse conceito se põe diante de uma política de saber, de um recorte das relações de poder, que se situa fundamentalmente a partir de suas características básicas, isto é, considera-se que o indivíduo que analisa, que conhece é, ele próprio, uma produção de saber, uma produção da rede de forças.

Ao investigar o conceito de saber, Foucault o definiu como um agenciamento prático, como um dispositivo de enunciados e visibilidades. Para ele não há uma diferença entre aquilo que é dito e o que é visto, há sim um eterno combate entre ambos, isto é, o saber é a unidade de estrato que se distribui em diferentes limiares, o próprio estrato existindo apenas como um empilhamento desses limiares sob orientações diversas, das quais a ciência é apenas uma. Há apenas práticas, ou positividades, constitutivas do saber, práticas discursivas de enunciados, práticas não - discursivas de visibilidades. "Mas essas práticas existem sempre sob os limiares arqueológicos cujas repartições móveis constituem as diferenças históricas entre estratos" (Deleuze, 1991: p. 60-1).

Ainda, para Foucault, a questão não é a de relacionar o saber, considerado como idéia, pensamento, fenômeno da consciência, diretamente com a economia, situando a consciência dos homens como reflexo e expressão das condições econômicas. Neste sentido o saber é compreendido como materialidade, como prática, como acontecimento, como peça de um dispositivo político que, enquanto tal, se articula com a estrutura econômica. Ou, mais especificamente, a questão é compreender como como se formam os domínios de saber. A investigação do saber não deve remeter a um sujeito de conhecimento que seria sua origem, mas a relações de poder que o constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político.

A análise de Foucault, ao estudar as relações de saber e poder, considera que todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas indispensáveis para que se formem tanto os sujeitos quanto os domínios de saber. O saber e o poder, segundo Foucault, não estão aqui nem ali mas na vivência direta dos modos de existência.

O poder existe enquanto práticas ou relações de poder. As relações entre poder e o saber são de implicação mútua: não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, como também, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício de poder é ao mesmo tempo um lugar de formação de saber. A cada exercício de poder surge um lugar de formação de saber, o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferências. (Foucault, 1979: p.163).

Para o autor, as estratégias pelas quais *saber e poder* funcionam, são tecidas nos fios de uma rede de relações em que qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede de poder, teia que se expande por toda sociedade da qual ninguém escapa.

O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (Machado, 1982: p.183).

O poder não existe como algo unitário e global, mas como formas heterogêneas, em constantes transformações. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente. O poder não é tomado como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado nem aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem.

Não se trata de conceber o poder como algo centralizado num só lugar ou pessoa e sim entender que o poder em exercício vai muito mais longe, passa por canais mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder, por isso veicula o poder. O poder não tem necessidade de ciência, mas de uma massa de informações, que ele, por sua posição estratégica, é capaz de explorar. (Foucault, 1998: p.1639)..

Numa análise sobre *relações de poder* e *relações estratégicas*, Foucault diz que a palavra *estratégia* é utilizada correntemente em três sentidos. Primeiro, para designar a eleição dos *meios* para conseguir um *fim*; trata-se da racionalidade empregada para se alcançar um objetivo. Segundo, para designar a maneira como um indivíduo atua, em determinado jogo, em função do qual ele pensa como poderia ser a ação; isto é, qual a maneira de se ter vantagens sobre o outro. Terceiro, para designar procedimentos com o fim de privar o adversário de seus meios destinados a obter a vitória. Os três significados descritos reúnem-se em situações de enfrentamento, onde o objetivo é atuar sobre o adversário de modo tal que a luta lhe seja impossível, que, segundo, Foucault, "a estratégia se define, então, pela eleição das soluções vencedoras" (Apud, Barros, 1992).

Neste sentido, Foucault chama de *estratégia de poder* ao conjunto de meios estabelecidos para fazer funcionar ou para manter um dispositivo de poder. Neste caso, poder-se-ia falar de *estratégia própria das relações de poder*, uma vez que esta constitui

modos de ação sobre a possível, eventual ou suposta ação dos outros. Embora entendendo que os três significados mantêm uma relação entre si, admitimos que o primeiro, a eleição dos *meios* empregados para conseguir um *fim*, seja o que mais explica o agir das comunidades rurais, da área em estudo, no que tange às suas estratégias e práticas políticas tecidas nas relações de *poder local e suas manifestações*, que serão tratadas mais adiante neste capítulo.

Nesse sentido, as relações de *saber e poder* se implicam mutuamente nessa complexa experiência desenvolvida nesse campo problemático, não havendo, segundo Foucault, relação de saber sem a constituição do poder. As comunidades rurais do comitê põem em prática cada *estratégia* e o fazem a partir do exercício de *saber* gestado na dinâmica social do *poder local e suas manifestações*.

Esse saber não é algo que se remete a um sujeito de conhecimento, mas às relações de poder que o constituem. Não há saber neutro. Todo saber é político. E isso não porque cai nas malhas do Estado e é por ele apropriado, servindo como instrumento de dominação, descaracterizando seu núcleo essencial, mas porque todo saber tem sua gênese em relações de poder. (Foucault: 1998: p.22).

Para a elaboração de programas e projetos de geração de políticas públicas de assistência técnica e extensão rural, recorre-se a *meios* que caracterizam o público beneficiário através de conceitos genéricos como *camponês, produtor rural, pequenos, médios e grandes produtores, agricultor familiar*, etc. Um outro conceito usado constantemente é o de *comunidade rural*, empregado na maioria das vezes para designar o coletivo dos produtores, eventualmente referido a um espaço local, sem se considerar, eventualmente, o que caracteriza o *comunitário* como forma de relação e de organização social.

Alguns estudos realizados atualmente, segundo Peixoto (2000), permitem, progressivamente, uma qualificação mais precisa dos públicos a serem trabalhados, alguns

conceitos, como o de *comunidade*, ainda vêm sendo utilizados de forma equivocada. O que poderá advir do uso de um conceito inadequado? Reconhece-se neste trabalho a preocupação de não definir os conceitos rigorosamente; defende-se o ponto de vista de que eles são utilizados como ferramentas para melhor configurar e tecer os fios da pesquisa em questão. Constitui-se aí uma preocupação relevante considerando-se que, para definir *o que* pesquisar e *para quem* pesquisar, é necessário não se levar em conta apenas as características sociais típicas dos supostos beneficiários das tecnologias a serem geradas, mas a compreensão dos seus modos de existência e de suas inserções sociais, a fim de acompanhar os processos vividos pelas comunidades ou grupos sociais, a quem as políticas são dirigidas. Portanto, faz-se necessária uma reflexão sobre os conceitos utilizados para a compreensão da realidade estudada.

Neste trabalho, considera-se importante a reflexão através da análise do conceito de *comunidade*, de sua relação com os processos históricos e de mudanças que afetam a natureza das relações sociais no campo e a sua associação às estratégias de *desenvolvimento local*.

2. 2 - Comunidade - além do sentido unívoco

O conceito de *comunidade* é muito usado para identificar grupos de pessoas que têm em comum uma característica relevante. Assim, são comuns as denominações relativas à etnia, à religião, à nacionalidade, à ocupação, etc., muitas vezes distantes do sentido próprio do termo. Por outro lado, no âmbito das ciências sociais, e, em particular, da Sociologia, o conceito está longe de possuir um sentido unívoco, ora apresentando um significado amplo, ora um significado restrito. Para falar como Albuquerque (1999: p.32), "os conceitos como abstração tendem a estabelecer uma identidade e um ser que se dizem num só sentido".

Nisbet expõe em seus estudos que, no sentido em que é empregado por muitos pensadores do século XIX e XX, o termo abrange todas as formas de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundeza emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade do tempo. Desse modo, a idéia de *comunidade* incorporaria uma visão de homem em sua totalidade e não em papéis sociais específicos exercidos na ordem social. Sua realização dar-se-ia através da fusão das vontades individuais, representando o predomínio do *nós* sobre o *eu*. Nestes termos, a *comunidade* teria suas principais expressões simbólicas na família, na religião, na nação e na etnia (Apud, Peixoto, 2000).

Peixoto (2000), ao estudar um dos significados do conceito concebido por Tonnies, define a *comunidade* como um grupo social caracterizado pelo envolvimento de seus membros com pessoas completas, unidas pelo compartilhamento de sentimentos e emoções e vivendo de forma íntima, privada e exclusiva. Assim concebida, a *comunidade* estaria representada pela família, pelos grupos de vizinhança, pela aldeia rural, etc. Na obra de Tonnies, este conceito aparece em contraposição ao de *sociedade* ou de *associação* que, por sua vez, refere-se a um envolvimento com pessoas a partir de papéis parciais e específicos, condicionados por um acordo racional de interesses, no âmbito de uma vida pública, onde os indivíduos ingressam de forma consciente e deliberada (Apud Peixoto, 2000). Tonnies, além de basear sua classificação no caráter das relações sociais, vinculou o conceito de comunidade aos grupos de parentesco, amizade e vizinhança existentes nas sociedades pré-industriais, reservando o de sociedade para as relações impessoais e contratuais típicas das sociedades industriais modernas.

São vários estudos que tratam desse tema, portanto, a diversidade conceitual existente ora enfatiza os laços emocionais e afetivos, ora a vinculação a um espaço geográfico determinado e ora ao tamanho dos grupos em que se assiste a ocorrência de relações comunitárias. No entanto, alguns elementos são marcantes nas definições de comunidade. Percebe-se, por exemplo, sua constituição em diferentes momentos históricos

e em diversos tipos de sociedade, o que retira o caráter de uma relação social típica. Por outro lado, responde às necessidades humanas de relações caracterizadas pela amizade, intimidade e procura dos outros. Por fim, realiza-se em pequenos grupos, portadores de um ideal comum, o que estimula a solidariedade e a participação dos membros em suas decisões. Como tal, as comunidades resistiriam a uma tendência de dominação e de institucionalização, que se constituiriam em elementos inibidores de sua necessidade de expressão e autenticidade. "Isto não significaria, contudo, que as comunidades estivessem caracterizadas pela ausência de conflitos, tampouco por pretensões de perpetuidade, mas, por isso mesmo, representariam um princípio de renovação das sociedades em que se inserem" (Demo, 1994: p. 42-60).

Desse modo, o conceito de *comunidade* procura dar conta da organização social local e de suas características, destacando face a face os vínculos de vizinhança e o envolvimento interpessoal direto. Portanto, diferentes tipos de comunidades em áreas rurais e urbanas foram objetos de inúmeros estudos, concentrados na análise de suas características e nos processos de mudança que as moviam. Na região em estudo, o uso do termo *comunidade* é recente, tendo sido introduzido pela ação pastoral da igreja católica durante os anos 1970-80. A comunidade reúne ainda as famílias que rezam juntas, mesmo aquelas que não são da religião católica. O termo *comunidade* permaneceu na região e logo foi reutilizado pelos programas de *ação comunitária* implementados pelo Estado no início dos anos 80.

2.2. As comunidades rurais

No que se refere às *comunidades rurais* sua constituição, como objeto de análise baseia-se, em grande parte, nos pressupostos de que estas unidades sociais abrangeiam grupos de produtores vinculados a uma área delimitada e compartilhando, de forma

integrada, as mesmas instituições. Tais unidades se caracterizariam, ainda, por serem pequenas, homogêneas, e resistentes à mudança. Representariam o setor arcaico da sociedade, carecendo, portanto, de um conhecimento que identificasse os obstáculos ao seu desenvolvimento e orientasse a formulação de intervenções capazes de solucionar os problemas existentes.

Para Peixoto (2000), esta maneira de conceber as *comunidades rurais* é evidentemente limitada, pois fundamenta-se em uma visão dualista da sociedade, o rural opondo-se ao urbano. Tal compreensão condiciona a pensá-los como domínios perfeitamente distintos da realidade, justificando a solução dos problemas do campo através de intervenções pensadas e elaboradas a partir de um contexto urbano. Desse modo, rural e urbano, para Peixoto, deixam de ser considerados como instâncias interdependentes e integrantes de uma mesma realidade social, cuja dinâmica é determinada pelas tensões e contradições inerentes ao desenvolvimento do modo de produção capitalista.

Vista desta maneira a definição de rural como modo de vida distinto, embora constituído e modificado em suas relações com o urbano, é que cabe a discussão dos modos de existência nele observados. Assim, conforme Peixoto (2000), pode-se dizer, inicialmente, que as relações sociais no meio rural tendem a ser predominantemente comunitárias. Isso porque, via de regra, a natureza das atividades produtivas nele desenvolvidas obriga os seus habitantes a lidar com cultivos e criação de animais que exigem áreas extensas, o que reduz a possibilidade de um número elevado de contatos sociais, ao contrário do que se observa nas cidades. Todavia, os contatos entre os moradores do campo são, em grande parte, diretos, profundos e pessoais. Tais características estão presentes tanto nas relações de parentesco, como nas de vizinhança, nas religiosas e nas de ajuda mútua. Apesar disso, as relações sociais observadas nas áreas rurais não deixam de incorporar elementos de ordem impessoal e conflitiva, tanto em nível interpessoal como intergrupal. Basta considerar que, em um plano mais geral, essas relações se estruturam a partir de uma apropriação dos meios de produção muitas vezes

desigual, o que se constitui na base das oposições e estratégias traçadas entre pessoas e grupos.

O meio rural e as formas de vida lhe são próprios, não dependem apenas do modo como o espaço agrário é socialmente ocupado e organizado, mas de outras determinações que lhe são impostas no bojo de suas relações com o urbano, a exemplo do desenvolvimento do conhecimento científico, dos meios de transporte e de comunicação, entre outros. Tais determinações, por sua vez, são condicionadas pelas transformações que ocorrem na sociedade, gerando modificações no modo de pensar, na relação entre o global e o local, e, até mesmo, na composição de suas instâncias regionais. Por isso, não se pode pensar que o conceito de rural deva vincular-se, sempre, aos critérios de territorialidade e de ocupação, bem como imaginar que o caráter das relações nele predominante mantenha-se inalterado ao longo do tempo.

Como o desenvolvimento do capitalismo no Brasil implicou a transferência massiva de contingentes da população para as cidades, ao mesmo tempo em que se modificavam significativamente a base técnica das atividades produtivas e as relações sociais de produção no campo, com a expansão do trabalho assalariado, esses processos acabaram, por certo, em poderosos instrumentos para modificar as formas de organização comunitária, principalmente aquelas existentes em torno do sistema de produção familiar. A transformação do sistema produtivo preconizada por essas mudanças se acentuou com a abertura da economia para o exterior, a reestruturação dos processos de produção e modificação das relações de trabalho existente, trazendo-se novos elementos de competitividade para a inserção no mercado da agricultura familiar.

2.3 - Desenvolvimento local - para além da questão agrícola

As constantes modificações de base produtiva no campo desdobram-se em novas exigências de qualidade e competitividade para a produção agrícola, que passa a concorrer em mercados cada vez mais interligados e internacionalizados. Isso estimula a diversificação do processo produtivo, dando lugar à expansão de atividades não-agrícolas, bem como a variadas relações de trabalho a elas associadas. Desse modo, o campo deixa de responder apenas pela produção agropecuária, tornando-se o lugar de variados empreendimentos agro-industriais, turismo rural, rodeios, exposições etc. que, por sua vez, requerem a melhoria e a ampliação dos serviços e da infra-estrutura existentes.

Além de novas concepções ocupacionais, essas mudanças se constituem em novas formas de pensamento, valores e atitudes urbanas, que passam a influenciar as relações sociais que aí se produzem. Em seu conjunto, afetam a vida social e produtiva no campo, dando-se outras expressões às relações comunitárias os grupos locais.

As mudanças não se esgotam, apenas, nos aspectos analisados. Nas regiões onde ocorreram, efetivamente, o crescimento e a diversificação das atividades produtivas, não se constataram pelo menos, em contrapartida, melhorias nas condições de vida da maioria da população rural. Esta constatação vem refletindo-se nas lutas pela posse da terra e por sua utilização produtiva. Isso recoloca, mais uma vez, a questão do desenvolvimento no campo, do sentido e da direção que este deve ter. Uma proposta atual de desenvolvimento tecnológico do campo, por exemplo, não pode mais ser reduzido a um processo que visa, principalmente, à elevação das explorações agropecuárias, até porque os problemas existentes não tratam apenas da questão agrícola. Porém não se pode permanecer dissociando as tecnologias geradas do contexto social e suas relações com meio ambiente.

As tecnologias não são concebidas nem aplicadas de forma neutra e, por isso, é necessário que se investiguem os seus desdobramentos nas populações beneficiárias. Não interessa afirmar que o desenvolvimento seja local e sustentado, mas entender como este se processa a partir das experiências realizadas. Nesse sentido, trata-se, então, de compreender as relações de poder que surgem no processo de mudanças analisadas e que expressam o sentido do local. Este configura-se no espaço em que se desenvolvem relações sociais baseadas no interconhecimento das comunidades rurais. Portanto, entende-se por Desenvolvimento Local "o conhecimento e a produção de múltiplas e dinâmicas relações ambiental, cultural, educacional, política, econômica e social que permitam às pessoas que ali vivem potencializar as riquezas e os modos de existência local" (Turnes, 7f).

O Desenvolvimento Local vem sendo tratado de forma mais ampla, não apenas como medida voltada especificamente para a criação de ocupações e geração de renda, mas como nova maneira de olhar o desenvolvimento, que aponta para novos modelos ou para novas configurações sócio-econômicas mais sustentáveis. Neste sentido, enfatiza-se que o Desenvolvimento Local deve ter, entre seus fundamentos, as premissas do desenvolvimento sustentável, conforme definidas na Agenda 21²⁹, e deve, além disso, referenciar-se também nas experiências concretas de implementação da chamada agenda 21 Local, em fase de implementação em mais de 1800 cidades do mundo e em franca expansão no Brasil, na qual se busca a integração das questões ambientais, sociais e econômicas, por meio de parcerias, do planejamento e da gestão integrada.

O argumento básico a favor do Desenvolvimento Local é simples, pois, é na esfera local que os problemas são melhor identificados e, portanto, torna-se mais fácil encontrar a solução mais adequada. O atendimento das necessidades da sociedade, o aproveitamento

²⁹ A "Agenda 21", na qual a referência à sustentabilidade, foi criada durante a realização da Eco-92, num evento paralelo- Fórum Global, organizado pela sociedade civil - organizações não governamentais (ONGs) onde foi elaborado, discutido e aprovado, o Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

das potencialidades locais e das habilidades existentes são extremamente facilitados pela maior proximidade das comunidades.

Entretanto, as ações de projetos governamentais surgem vinculadas a determinações globais de solução para atender demandas que se definem como homogêneas, para dar respostas através de supostos modelos explicativos de desenvolvimento impostos pelas estratégias globalizadas do capitalismo, onde as comunidades entram num projeto de desenvolvimento local que as coloca diretamente para um mercado competitivo. Elas deverão tornar produtivo um sistema que está voltado ainda para suprir as necessidades básicas da unidade de produção familiar.

Nas comunidades rurais deste campo de pesquisa, encontram-se modos de produção que se fazem com base na agricultura familiar e nas experiências locais, apoiadas em laços da organização comunitária ou de casamento, cuja ligação com o mercado se mistura com um conjunto de relações de pessoa a pessoa, mesmo quando buscam responder às exigências do mercado. Nessa perspectiva, o CAAM e as comunidades rurais são presenças marcantes nos espaços de lutas políticas e nas diferentes estratégias, no processo de articulação com o poder local e o Estado.

2.4 - Poder local e suas manifestações

O propósito desta abordagem sobre *poder local e suas manifestações* é tentar compreender as relações que existem entre este tipo de poder e o poder central, para melhor entender as práticas do Comitê ao realizar as propostas do Plano Global de Desenvolvimento Local em diversas parcerias, principalmente, com o Estado para implantação de políticas públicas.

O Estado brasileiro sempre marcou presença forte, manifestando-se através do caráter autoritário, e buscando sua legitimação por meio do paternalismo ou clientelismo. Para Brumer (1976: 58), o paternalismo se refere a um intercambio de papéis sociais, que se diferenciam uns dos outros, tais como proximidade (o contato entre patrão e cliente é antes pessoal do que impersonal); reciprocidade na troca dos bens e serviços (a pessoa que recebe o bem ou serviço sente-se compelida a retribuir); amplitude (o intercâmbio tem uma amplitude maior do que a troca de um simples bem ou serviço); duração (uma vez envolvidos num relacionamento do tipo patrão-cliente, ambas as partes sentem-se compelidas a continuar o relacionamento de obrigações recíprocas expresso na troca de bens e serviços).

Esse duplo caráter do Estado (autoritário e paternalista) tem suas origens na estrutura do Estado português do século XV, assume formas diferenciadas de acordo com cada período de colonização e perdura após a independência. Manifesta-se tanto pela omissão do Estado que renuncia ao exercício, de fato, do poder público em favor dos grupos dominantes locais, quanto por sua ação direta, onde o autoritarismo se torna vetor principal do poder central, como afirma Bursztyn (Apud, Barros, 1992: p.23).

Segundo Bursztyn, quando o Estado passa a assumir a ação modernizadora programada - período de substituição das importações e incentivo ao processo de industrialização do país- ele começa a se difundir nos diversos setores da sociedade em nível local, contando para tal com um novo agente, o técnico e/ou burocrata. Estes novos agentes sociais, para Bursztyn, não passam de instrumentos auxiliares do poder político tradicional, mediados por esses agentes, que materializam o caráter assistencialista e paternalista do Estado em âmbito local. Apesar de terem ocorrido alterações na centralização e descentralização do poder ao longo da história do Brasil, não houve um desequilíbrio nas relações de interdependência entre as esferas central e local do poder.

Numa interpretação diferenciada, encontra-se um campo bastante produtivo para compreender a problemática do *poder local e suas manifestações*, numa questão apresentada por Foucault (1998: 12), "a razão é que o aparelho do Estado é um instrumento específico de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas o ultrapassa e complementa." Nesse sentido, o autor procurou detectar a existência e características de relações de poder que se diferenciam do Estado e seus aparelhos e que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Daí, a idéia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, uma propriedade. Rigorosamente, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona em rede.

Foucault (1998:12) vislumbra em seus estudos distinguir as grandes transformações do sistema estatal, as mudanças de regimes políticos em nível dos mecanismos gerais e dos efeitos do poder que se expande por toda sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas. Poder que se constitui materialmente, atingindo a realidade dos indivíduos e que se situa em nível do próprio corpo social, penetrando na vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder.

Ao estudar a formação histórica das sociedades capitalistas, Foucault (1998), através de pesquisas minuciosas sobre o nascimento da instituição carcerária e da psiquiatria, pôde perceber claramente uma relação entre Estado e poder. Por isso poderíamos encontrar saberes específicos no campo desta pesquisa, como Foucault encontrou na prisão e na psiquiatria, não por uma relação direta com o Estado, mas numa relação com os micro-poderes em níveis moleculares fora do Estado.

Segundo suas análises, o autor diz que realidades são distintas; mecanismos heterogêneos; há tipos específicos de poder que se articulam e obedecem a um sistema de subordinação (por exemplo o Estado), mas que não podem ser traçados sem que se levem em consideração a situação concreta e o tipo singular de intervenção desse sistema. O

importante é que as suas análises indicaram claramente que os poderes periféricos e moleculares não foram confiscados e absorvidos pelo aparelho de Estado. Não são necessariamente criados pelo Estado, nem, se nasceram fora dele, foram inevitavelmente reduzidos a uma forma ou manifestação do aparelho central.

Uma das precauções de Foucault, em sua análise, foi dar conta de que o nível molecular de exercício do poder poderia ocorrer sem partir do centro para periferia, do macro para o micro. O que ele pretendia não era diminuir o papel do Estado nas relações de poder, mas contrapor a idéia de que o Estado seria o órgão central e único do poder chamado de molar, com aqueles chamados de molecular.

Essa idéia também se encontra nos estudos de Guattari (1996) que faz uma análise sobre a problemática micropolítica, dando ênfase à mesma questão, que consiste, exatamente, em tentar agenciar os processos de singularidade no próprio nível onde eles emergem.

Diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de "molar"), com aquele que chamei de "molecular". Entre esses dois níveis não há diferença, não há uma oposição distintiva que dependa de um princípio lógico da contradição, podem acontecer simultaneamente no mesmo espaço social. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo molares e moleculares (Guattari, 1996: p.27).

Esse é um movimento que, para Guattari (1996), está dado entre o nível molar e desdobrado em molecular. O nível molar pode constituir uma organização, com um programa transitório para se proteger das segregações, para reivindicar seus direitos, etc. Mas ao mesmo tempo, em nível molecular a função de autonomia institucional ou de grupo não diz respeito apenas a estes que se consideram da organização, mas a todos os

membros envolvidos no mesmo processo e, também à maneira como a organização se dirige àqueles que não pertencem a ela.

O que significa dizer que os mesmos tipos de elementos, os mesmos tipos de componentes individuais e coletivos, estão em jogo num mesmo espaço social, no movimento capitalista. A revolução molecular consiste em produzir as condições não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si próprio, tanto no campo material quanto no subjetivo."(Guattari, in Rolnik 1996: p.46).

Guattari, ao analisar a questão micropolítica, situa-a exatamente no cruzamento entre os diferentes modos de apreensão de uma problemática.

É claro que os modos não são apenas dois: sempre haverá uma multiplicidade, pois não existe uma subjetividade de um lado e, de outro, a realidade social material. Sempre haverá "n" processos de subjetivação, que flutuam constantemente segundo os dados, segundo a composição dos agenciamentos, segundo os momentos que vão e vem. É nesses *agenciamentos* que convém apreciar o que são as articulações entre os diferentes níveis de subjetivação e os diferentes níveis das forças molares.(Guattari in Rolnik 1996: p.132).

A mesma questão é também analisada nos estudos de Deleuze e Guattari (1996) que a entendem como movimentos que se opõem às formas traçadas pelas relações do poder central e dispensa modelos gerais que possam ser aplicados.

Porque os segmentos duros ou molares não param de vedar, de obstruir, de barrar as linhas de fuga, enquanto ela (a máquina abstrata de mutação), não pára de fazê-las escoar entre os segmentos duros e numa outra direção, submolecular. Mas também entre dois pólos há todo um domínio de negociação, de tradução, desdobrados em nível molecular,... (Deleuze & Guattari, 1996: p.104).

Nesse domínio em que as questões atravessam as texturas dos agenciamentos e desenvolvem problemas, busca-se entender nas palavras de Deleuze & Guattari, "que os problemas se apresentam, sempre desse jeito. Boa ou má, a política e seus julgamentos são sempre molares, mas é o molecular, com suas apreciações que a faz. Estamos aptos a desenhar um mapa" (Deleuze & Guattari, 1996: p.102).

Guattari (1996), ao atribuir o modelo das relações de forças molares a um problema familiar, institucional ou grupal, menciona que não há uma oposição termo a termo dos dois níveis, molar e molecular - eles se entrecruzam inteiramente. Ao contrário, até há uma coextensividade dessas duas dimensões: pode estar havendo uma dimensão de resistência social de um grupo contra a exploração, contra alienação e contra toda espécie de opressão, e, ao mesmo tempo, no interior da problemática desse grupo esteja havendo, em nível molecular, processos microfacistas. Para Guattari, o problema da micropolítica, é, justamente, o de nunca usar um só modo de referência.

Não se trata de oposição a uma política molar das grandes organizações, presentes em qualquer nível (micro ou macro), a uma função molecular que considera as problemáticas do desejo, igualmente presentes em qualquer nível de sociedade. Não implica uma valoração na qual o molecular seria o bom e o molar o mau. Os problemas se colocam sempre e, ao mesmo tempo, nos dois níveis Guattari, (Rolnik in 1996: p.133).

Os poderes se exercem em níveis variados e em pontos diferentes da rede social e, nesse complexo, os micro-poderes existem integrados ou não ao Estado, entre as diferentes estratégias políticas traçadas, embora não cheguem a produzir uma contradição dos interesses de uma comunidade e de outra. Os micro-poderes constituídos nessa experiência em estudo cartografam como o CAAM opera os diferentes modos de ação para atender aos projetos de cada comunidade

Mesmo não pensadas nas políticas dos projetos de desenvolvimento e nos trabalhos de alguns técnicos, surgiram diferentes forças no processo, bem como a produção de novos saberes que, segundo Foucault, *se produzem como micro-poderes e em níveis moleculares fora do Estado.*

A organização do Comitê não tem, no Estado ou nas instituições, o ponto de partida necessário, o foco absoluto que estaria na origem de todo tipo de poder social e do qual

também se deveria partir para explicar a constituição dos *saberes* na sociedade capitalista. Foi muitas vezes fora das políticas de desenvolvimento traçadas nos planos do PGD que se instituíram as relações de *poder*, essenciais para situar os *saberes*, que através de iniciativas próprias estão presentes no cotidiano do CAAM e suas comunidades.

É importante destacar que o saber, no Comitê, se produz numa prática local e regional e não deve, portanto, ser nivelado. O saber dessa organização do CAAM não pode ser transformado em relações iguais: outros são criados a cada nova situação. Em qualquer lugar de intervenção de políticas públicas ou outras, as visibilidades e as estratégias de ação se tecem nas relações de poder, formando-se uma teia que se exerce numa multiplicidade sempre a se fazer.

Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então como a multiplicidade). Os fios da marionete, considerados como rizomas ou multiplicidade, não remetem à vontade suposta de um artista ou de um operador, mas à multiplicidade das fibras nervosas que formam por sua vez uma outra marionete seguindo as dimensões conectadas a primeira. (Deleuze, 1925: p.16).

Em meio a essa multiplicidade de forças do CAAM surge, na rede de relações, para dar conta de mais uma demanda das comunidades, um projeto de Educação que se desdobra numa luta política criando novas relações. A Educação tem sido mais um eixo dentro do PGD e mobiliza uma participação intensa das nove comunidades. A construção da ERUM e sua proposta pedagógica materializam a luta das comunidades por uma educação diferente que se afirma como prioridade dentro do processo histórico da *organização* e desenvolvimento local na região.

2. 5- Educação - A conexão com o movimento social e a escola

Nas sociedades primitivas a educação acha-se difusa, integrada ao próprio funcionamento da sociedade como tal, de modo que todos educam a todos. À medida que os agrupamentos humanos tornam-se mais complexos, surgem organizações especificamente encarregadas de transmissão de herança cultural, como a escola (se bem que em graus de organização são diferentes, conforme as necessidades). No entanto a educação formalizada não substitui totalmente a educação informal que permeia o tempo todo as relações entre os seres humanos. A educação não é, porém, a simples transmissão da herança dos antepassados, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e o rompimento com o velho. Evidentemente, isso ocorre de maneira diferenciada, conforme sejam as dinâmicas de cada realidade.

Para Libâneo (1985: 97), educar é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível à educação. O ato pedagógico pode, então, ser definido como atividade sistemática de interação entre os seres sociais, tanto no nível do intrapessoal como em nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre pessoas ou grupos visando provocar mudanças que os tornem ativos desta própria ação. Para o autor, a educação não pode ser compreendida fora de um contexto histórico-social concreto, sendo a prática social o ponto de partida da ação pedagógica. Nesse sentido, Saviani (1980: 120), define educação como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global.

A educação não pode ser compreendida à margem da história, mas apenas no contexto em que os seres humanos estabelecem entre si as relações de produção de sua própria existência. Desse modo, é impossível separar a educação das relações de poder: a educação não é um processo neutro, assim, no dizer espontâneo do lavrador mineiro Ciço: "A gente fica pensando: o que é que a escola ensina meu Deus? Sabe? Tem vez que eu

penso que pros pobres a escola ensina o mundo como ele não é." (Brandão, 1985). Ela precisa estar vinculada com os segmentos que constituem o mundo contemporâneo. Portanto, a educação deve instrumentalizar os seres humanos para agir sobre o mundo, e ao mesmo tempo, compreender os desdobramentos dessa ação exercida entre o saber e os modos de existência.

Várias são as concepções e teorias que enfocam a educação. Educar é uma prática, e, toda prática supõe uma relação recíproca entre teoria e prática. A prática de educar, no entanto, nem sempre foi embasada por uma teoria rigorosamente elaborada. Durante muito tempo a humanidade se utilizou do saber espontâneo para orientar a ação educativa. Ainda hoje muitos educam dessa forma. Basta lembrar a educação informal que se efetua na família, bem como na maneira como as tribos preparam as novas gerações. Não seria exagero dizer que muitas escolas também aplicam fórmulas tradicionais baseadas no senso comum e, portanto empíricas.

Na análise de Aranha (1996: 148), a necessidade de tornar a prática da educação intencional e mais eficaz traz consigo a exigência de maior rigor conceitual, de sistematização dos conhecimentos, de definições dos fins a serem atingidos e da escolha dos meios a serem utilizados. Assim surgem as teorias da educação.

Não se pretende neste trabalho desenvolver as tendências e teorias da educação, a fim de evitar o risco de uma análise superficial e grosseira. Faz-se uma breve retrospectiva de algumas tendências para melhor situar as suas características gerais e compreender o processo educativo da área em estudo.

A escola tradicional, segundo Aranha (1996), se institucionaliza de maneira mais complexa a partir do Renascimento e da Idade Moderna, quando exige o confinamento dos alunos em internatos, a separação por idades, a graduação em séries, a organizações de

currículos e recursos de manuais didáticos. Essa tendência tem como características gerais a relação entre professor e aluno ocorrer de forma centrada no professor e na transmissão dos conhecimentos. O mestre detém o saber e a autoridade, dirige o processo e se apresenta, ainda, como um modelo a ser seguido. Essa relação gera a passividade do aluno, reduzindo-se a simples receptor da tradição cultural.

O século XX nasce sob o impacto das idéias escolanovistas, mas a educação tradicional continua existindo em grande parte das escolas, convivendo com diversas outras tendências. O movimento educacional conhecido como escola nova surge justamente para propor novos caminhos à educação que se encontra em descompasso com o mundo no qual se acha inserida. As características gerais entre professor e aluno são renovadas, o aluno passa a ser o centro do processo, existindo a preocupação muito grande com a natureza psicológica da criança. Como a escolha de conteúdos gira em torno dos interesses infantis, o professor se esforça por despertar a atenção e a curiosidade da criança, sem cercear a espontaneidade dessa. Dependendo da escola, existe maior ou menor não-diretividade, tornando o professor apenas um facilitador da aprendizagem. "O objeto da educação é o homem integral, constituído não só de razão, mas de sentimentos, emoções e ação" (Aranha, 1996: p. 158).

Aranha (1996) estuda a tendência tecnicista, que surge a partir da década de 60, baseada na convicção de que a escola só se tornaria eficaz se adotasse o modelo empresarial. Isso significa aplicar na escola o modelo de racionalização típico do sistema capitalista, cujo modelo implantado na indústria passou a ser conhecido como taylorismo e se baseia na especialização de funções. O principal desdobramento de sua implantação foi a separação entre o setor de planejamento e o de execução do trabalho. A tendência tecnicista aplicada à educação surge nos EUA. Em seguida, seus teóricos e técnicos passam a influenciar os países latino-americanos em via de desenvolvimento. Para Aranha, no Brasil, após o golpe de 64, que instaurou a ditadura militar, foram realizados diversos projetos, sigilosos inicialmente e tornados públicos em 1996: eram os acordos MEC-USAID. O

objetivo de uma escola estruturada a partir do modelo empresarial é adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnicista. Daí a ênfase dada à preparação de recursos humanos, ou seja, mão-de-obra qualificada para atender a indústria (Aranha, 1996: p.175).

Aranha (1996) enfatiza que as teorias construtivistas representam um esforço na busca de caminhos que dêem conta da complexidade do processo de aprendizagem. Os principais representantes partem de estudos de psicologia e medicina, buscando, por meio de pesquisas com crianças, a melhor compreensão do processo. Para os construtivistas, o conhecimento não é inato, nem só transmitido; não está só no sujeito nem é dado apenas pelo objeto, mas se forma e se transforma pela interação entre ambos. A criança não é passiva nem o professor é simples transmissor de conhecimento. Nem por isso o aluno dispensa a atuação do mestre e dos companheiros com os quais interage. Mas o conhecimento resulta de uma construção contínua, entremeada pela invenção e pela descoberta. Outra característica desse modelo epistemológico é a constatação de que o conhecimento se produz a partir do desenvolvimento por etapas e estágios sucessivos, nos quais a criança organiza o pensamento e a afetividade (Aranha ,1996: p.176).

Diversas críticas foram feitas à escola tradicional pela escola nova e até por teóricos que propunham a desescolarização da sociedade. A partir da década de 70, esmorece o otimismo da escola nova, cujas promessas de democratização pela educação não se concretizam entre as camadas populares. (Aranha, 1996: p. 202).

As teorias progressistas, para Aranha (1996), surgem como busca de outros caminhos, a partir de uma nova concepção. Não é fácil estabelecer as linhas de força desse movimento, ainda muito recente e caracterizado por uma diversidade de pensamentos. É possível encontrar preocupações comuns a todos os representantes da pedagogia progressista, sobretudo a partir da relação entre educação e transformação social. Descoberto o caráter político da educação, cumpre construir uma pedagogia social crítica. Ao reconhecer que o homem está inserido em um contexto de relações sociais no qual a

desigualdade é mantida, a tomada de consciência sobre isto é importante para orientar na direção de novas formas de ação pedagógica. Isso porque se constitui como elemento de continuidade, mas também de ruptura, na medida em que aí é possível problematizar a realidade e as diferenças sociais.

Situa-se nesse contexto a criação da Escola Rural de Massaroca, que tem como objetivo geral: "Desenvolver o conjunto dos recursos humanos da região, de modo a provocar a elevação de suas capacidades produtivas, a transformação de suas relações sociais e o melhoramento de suas condições de vidas" e se propõe "pensar uma proposta de escola rural, tendo como ponto de partida a realidade onde se insere Massaroca, é pensar mesmo um projeto global. Viabilizar um processo educativo que tem como princípio filosófico a construção do conhecimento fundado no cotidiano da própria comunidade, leva em conta uma reflexão acerca da direção tomada pela escola, seu processamento, sua gestão. Leva em conta, também, a viabilização de tal projeto global onde se articulam tais questões" (Proposta Pedagógica para ERUM, 1995: p. 6-9).

Para Aranha (1996), o esforço da pedagogia progressista se faz na direção de tornar a escola o local de socialização do conhecimento elaborado, possibilitando cada vez mais que as camadas populares tenham acesso à educação e, portanto, ao estágio atual do saber, mesmo reconhecendo os limites do empreendimento. Muitos são os debates em torno dessa questão. Se em última análise o objetivo da educação é o desenvolvimento do ser humano integral, bem como sua emancipação, a realidade efetiva é bem outra. A apropriação do saber tem sido de forma diferenciada, principalmente, para as camadas pobres, o que se verifica pelos altos índices de exclusão, evasão e repetência e, ainda, pelo dualismo escolar, em que aos ricos é oferecida a formação intelectual, com abertura para a formação superior, e aos pobres a escola profissionalizante, sem a teoria que possibilite a prática. As marcas dessa política têm sido a milenar ruptura entre trabalho intelectual e trabalho manual, entre a *teoria e prática*. Para superar só se tornaria possível um saber vinculado ao vivido, e uma atuação inserida na prática local e global. Portanto, a decisão sobre o *que saber, o que fazer*

e para que fazer, está na dependência da compreensão das necessidades vividas, sempre a partir da situação histórica dada.

Deleuze, em conversa com Foucault, sobre os intelectuais e o poder, coloca a relação teoria/prática da seguinte maneira:

As relações teoria-prática são mais parciais e fragmentárias. Por um lado uma teoria é sempre local, relativa a um pequeno domínio e pode se aplicar a um outro domínio. A relação de aplicação nunca é de semelhança. Por outro lado, desde que uma teoria penetre em seu próprio domínio encontra obstáculos que tornam necessário que seja revezada por outro tipo de discurso (é este tipo que permite eventualmente passar a um domínio diferente). A prática é um conjunto de revezamentos de uma teoria a outra e a teoria um revezamento de uma prática a outra. Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro. (Foucault, 1992: p.69).

Foucault ao concordar com Deleuze sobre esta mesma questão, evidencia que uma *teoria* não expressará, não traduzirá, não aplicará uma *prática*; ela é uma prática local e regional, não totalizadora.

Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há sempre outras a serem feitas. É curioso que seja um autor que é considerado puro intelectual, Proust, que tenha dito tão claramente: tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seus instrumentos, que é forçosamente um instrumento de combate. A teoria não totaliza; a teoria se multiplica e multiplica (Foucault, 1979: p.71).

A escola só pode triunfar junto dos alunos do povo e fazê-los triunfar se for capaz de comunicar uma alegria atual àquilo que lhes ensina: o prazer de sentir a emoção do poema, seja ele composto por um escritor ou por eles, de desenvolver um raciocínio coerente, de construir e de compreender os mecanismos, o sentimento de ter uma visão mais segura dos próprios problemas. Os alunos do povo pedem que a escola lhes fale deles mesmos e do seu tempo, do seu mundo e das suas lutas - o que implica uma conexão direta

entre o movimento social e o que se passa na escola; deste modo se vai muito longe na exigência de transformação (Snyders apud Aranha, 1993: p. 211).

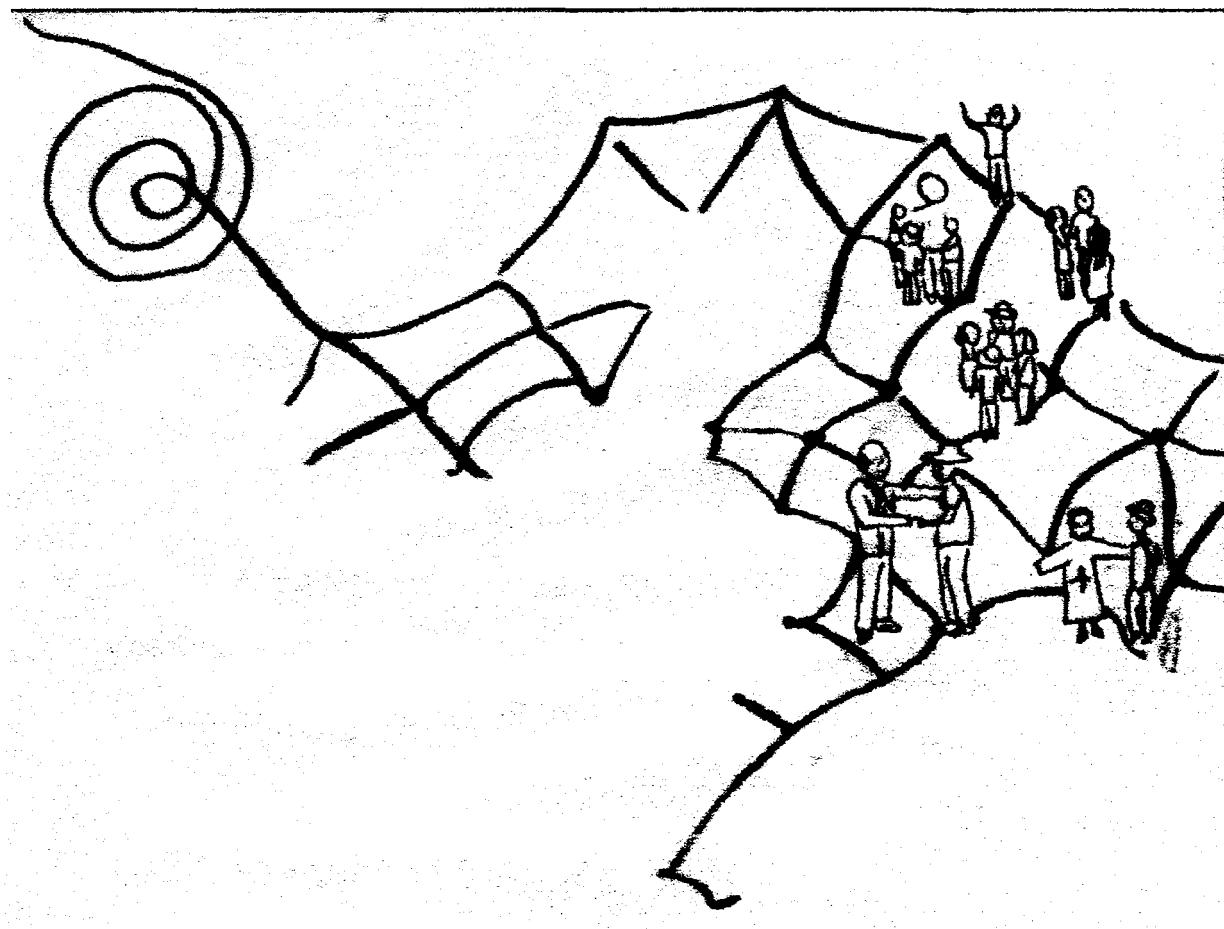
A luta por uma educação diferente na região será pensada como produção do saber construído no processo histórico das comunidades rurais. Essa diferença implica a não reprodução da educação tradicional ou qualquer teoria totalizante; preconiza uma escola inserida no meio rural, integrada a este, produzindo um conhecimento com base no sistema produtivo local em seus diferentes desdobramentos.

Não se pensa, aqui, em educação na forma institucionalizada; as comunidades não são entendidas como objeto, mas como produtoras do processo, que vai se constituindo na dinâmica do cotidiano, fazendo articulação com os outros eixos do PGD (organização, apoio à produção, educação permanente e, por último, à educação formal), impondo-se ao processo a cada nova invenção. Interessa, pois, como se constitui o processo educativo numa rede de relações de poder e saber nas experiências comunitárias e historicamente singulares, que compõem o nosso campo de estudo.

Cumpre- nos fazer e refazer, ao mesmo tempo, acompanhando com Deleuze E Guatarri (1995: 18) o processo através do qual "os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorializações estão em perpétua ramificação presos uns aos outros. A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se desterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade". Esse é, portanto, o movimento em que cada um destes devires está assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, são os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades. Neste sentido, pretende-se entender como o CAAM e as comunidades produzem novas forças políticas para operacionalizar a proposta de educação na região.

Novas análises vão possibilitando adentrar no problema de outro modo e entender as comunidades se inventando como produtoras de poder e saber na rede de relações que atravessam constantemente o CAAM.

**"... de outro gal o que apanhe o grito que um gal o antes
e o lance a outro; ..."**



CAPÍTULO III

METODOLOGIA: PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

Dentre a variedade de métodos existentes para pesquisas do tipo qualitativas, optou-se pelo estudo de caso, por considerá-lo adequado ao tipo da investigação que se propõe realizar: compreender como se tecem as redes de relações que se expressam em termos de poder e saber no CAAM, e como vão se traçando os processos de educação e os diferentes modos de existência, que correspondem aos acontecimentos do cotidiano. Por sua flexibilidade, como ressalta Gil (1987), o estudo de caso possibilitaria dar uma visibilidade e dizibilidade ao movimento das comunidades e das práticas dos integrantes do processo (técnicos, comissões, ERUM) etc., constituindo-se um método importante para ler e interpretar a realidade do CAAM, complexificando-a “como uma unidade social ou espaço multidimensional de relações concretas” (Barros, 1992: p. 31).

Sendo o estudo de caso um método de pesquisa qualitativa e, já que se trata de uma pesquisa em educação, considerou-se sua adequação ao nosso estudo, por permitir uma “finura” de observação maior que os métodos quantitativos, como ressalta Boudon (1989). A etnografia, comumente utilizada pelos pesquisadores das áreas da sociologia e da antropologia, permeou esse percurso investigativo, pois privilegia o contato direto do pesquisador com o que está sendo estudado, como ressaltam Firestone e Dawson (1981), concebendo o *estudo de caso* como um método que se desenvolve numa situação natural,

sendo rico em produção de dados descritivos, num plano aberto, incluindo as ações, as percepções, os comportamentos e as intenções das pessoas que o compõem.

Através do *estudo de caso* buscou-se compreender que desdobramentos foram impostos à dinâmica do Comitê e das comunidades ao se materializarem as ações educativas e o que essas vêm produzindo numa rede de poder e saber. A pesquisa não foi realizada num único momento. Foi precisamente no primeiro semestre de 2001 que realizamos dezesseis entrevistas com representantes das comissões de trabalho do Comitê (homens, mulheres, alunos, professores da ERUM), e técnicos que atuam profissionalmente no Comitê. (o roteiro das entrevistas se encontrarão no anexo IV desta dissertação). Isto corresponde à busca de novos conhecimentos e de novos olhares a um número imenso de caminhos possíveis que se fizeram presentes nas redes tecidas cotidianamente pelos integrantes desse processo, dentro da diversidade de ações educativas por eles vividos na articulação entre as estratégias políticas e sociais que este estudo se propôs realizar.

Algumas condições favoreceram para que a pesquisadora mantivesse uma relação de confiança com os entrevistados. Primeiro, por serem os entrevistados ligados ao seu campo afetivo. Segundo, por ter a pesquisadora um pertencimento³⁰ àquela experiência e ser técnica que atuava diretamente com os entrevistados, participando de reuniões gerais, de reuniões específicas das comissões de trabalho, das atividades da escola, principalmente daquelas relacionadas com a comunidade. E, por último, porque todos os entrevistados sabiam do que se tratava, pois se teve a preocupação de, antes de iniciar os trabalhos da pesquisa de campo, realizar uma reunião específica com eles para explicar o projeto e seus objetivos, afim de que não houvesse nenhuma dúvida no sentido de ver ali uma ação de pesquisa cuja preocupação era captar a realidade pelo seu movimento, ou seja, pela intervenção dos pesquisados.

³⁰ Termo utilizado identificar saberes conhecidos dentro da prática (Ruth Conter Kohn).

Na primeira fase, (levantamento de informações), foram feitas anotações no diário de campo, um instrumento considerado na pesquisa etnográfica educacional para o registro dos detalhes e das expressões subjetivas que não aparecem nas entrevistas. As informações aí anotadas também foram obtidas através dos contatos informais, após o encerramento de alguma atividade com o Comitê, e as observações diretas foram delineando o esboço da pesquisa, e sendo pensados os instrumentos a serem utilizados, sempre com a preocupação de se captar o movimento das forças que compunham o CAAM, aderindo ao movimento, evitando estancá-lo em uma forma definitiva, o que é muito importante quando se tem o pertencimento no campo de estudo. Essa preocupação foi necessária para que se lançasse mão de diferentes recursos metodológicos, buscando-se aqueles capazes de acolher e tornar presente o encontro desses movimentos, como quem vive um "sentimento de vira e mexe, está pegando ondas portadoras, fazendo um *surf* na articulação de toda espécie de vetores de inteligência coletiva" (Apud Rolnik, 1996: p.13). E, assim, foram-se tecendo os fios da rede de relações de poder e saber, onde quer que eles estivessem, para se tornarem presentes neste estudo.

Concomitante a esta fase, foi realizada a pesquisa bibliográfica da região e, mais especificamente, dos trabalhos de outros pesquisadores sobre o CAAM, efetuados em período compreendido entre 1982 e 2001, todos eles querendo compreender a trama das relações estabelecidas no seio das comunidades, com enfoques diferentes deste a que esta pesquisa se propõe: situar a educação como eixo central das transformações ocorridas em Massaroca. Diversas fontes e publicações do CAAM foram pesquisadas: relatórios técnicos de atividades, dissertações de mestrados, doutorados e diagnósticos participativos. Os relatórios dão conta de registros e análises das diversas atividades realizadas no âmbito do CAAM e os seus desdobramentos, a exemplo da dissertação de mestrado em Economia Rural, *Sistema de Financiamento das Atividades Rurais Adaptado à Pequena Produção da Região de Massaroca*, (Silva, 1994), que trata da experiência de crédito alternativo, realizado no âmbito do CAAM. Este material nos auxiliou a dar visibilidade à atuação da comissão de crédito e tecer os fios que vão se conectando à trama da política de crédito

oficial com o crédito alternativo; a tese de doutorado, *Modernisation des espaces ruraux et paysannerie: le cas du Nordeste du Brésil* (Tonneau, 1994), que dá ênfase a uma metodologia participativa e ressalta a tipologia dos produtores e suas diferenciações econômicas. Todos esses materiais receberam uma segunda leitura. Ora foram se incorporando ao nosso estudo como informações complementares, ora refletindo sobre o lugar que ocupavam no momento que foram escritos. Todos tiveram destinos diferentes, sem dúvida, sendo considerado cada contexto.

Também foram utilizadas informações produzidas, no período de abril a julho de 2000, pelos diagnósticos participativos que funcionaram como instrumentos metodológicos realizados em cada comunidade. Esses diagnósticos tinham como objetivo construir um mapeamento da área de abrangência do CAAM e atualizar o plano de desenvolvimento local em processo, (realizado na implantação do PGD, em 1989). Enquanto técnica da área, esta pesquisadora teve uma participação efetiva nesse trabalho, assim como em muitos outros que envolviam a participação de jovens, mulheres, homens e pessoas mais velhas na construção dos planos de desenvolvimento local através da reestruturação de diversos segmentos - organização comunitária, recursos hídricos, saúde, educação, estradas, energia, produção agropecuária, lazer - que são fomentos necessários às melhorias de vida e foram se tecendo nos planos do CAAM e nas comunidades.

A participação desses segmentos acima citados materializavam o interesse e o grau de evolução de cada comunidade, mostrados através de uma metodologia participativa com a técnica de produção coletiva instrumentalizada através de *mapas mentais*³¹ que expressam a comunidade como fonte viva de informações e como produtora de conhecimento local.

³¹ Consiste em fazer representar, de maneira esquemática no quadro ou papel, o território de um grupo social pelos próprios membros do grupo. Essa representação será realizada a partir do conhecimento ou da memória que cada autor social tem da parte ou da totalidade desse território.

De posse desse material, montou-se a segunda fase da pesquisa: coleta sistemática de dados complementares. Para essa fase, elaborou-se um roteiro que visava captar dados que julgávamos necessários à compreensão da problemática estudada.

Para atender esse outro nível de exigência da pesquisa, realizaram-se algumas entrevistas *semi-estruturadas*, que são construídas a partir de uma ordem preestabelecida pelo entrevistador, contêm questões fechadas e diretas, sobre as quais o entrevistador se vale de uma "certa liberdade", pressupondo questionamentos básicos. Para formulá-las, adotarem-se como parâmetro os conceitos capazes de indicar um modo possível de captar, num campo de práticas, a organização comunitária, os caminhos do desenvolvimento local, buscando ao mesmo tempo, traçar a rede de poder e saber e mostrar as ações educativas e seus desdobramentos no processo.

A noção de poder enquanto rede, uma ferramenta teórica, coloca para a investigação a possibilidade de se percorrer a superfície da realidade estudada, fazendo aparecer os dispositivos e os enunciados capazes de fixar uma distribuição ou de produzir transformações. No caso desta pesquisa, não se tratou, portanto, de interpretar os dados nem de sobrecodificá-los com uma explicação. Tratou-se, sim, de trazê-los dos planos em que se situavam e fazê-los atuar, ou seja, mostrarem as suas ligações com os demais. A direção da pergunta deveria, precisamente, indicar o campo que se queria conhecer e questionar o modo como ali as ações se desenvolviam. A resposta não fecharia a questão, mas descreveria relações possíveis entre os diferentes processos em jogo.

Assim, buscou-se entender o surgimento das comissões, os cursos de capacitação, a criação da ERUM e os seus desdobramentos, nas redes de relações de poder e saber que se atualizavam por essas ações implementadas no CAAM.

A educação foi aqui compreendida como as práticas educativas constituídas num processo histórico de organização e desenvolvimento local das comunidades rurais do

CAAM (luta pela legalização do fundo de pasto, criação do comitê, comissões de apoio, jovens e mulheres, ERUM, entre outros). Num esforço de captar a educação em seu processo histórico, incorporando a articulação das redes, tentou-se compreender os contextos nos quais as práticas educativas se processavam. Não se tratou de isolar esses contextos, até porque, na trajetória histórica do CAAM, a produção e a transmissão do saber não acontecem linearmente, nem são exclusivas de um único campo de atuação. Nesse sentido, a educação ao ser aqui pensada na complexa visão de rede, deu condições para se perceber as articulações estabelecidas entre uma prática e outra, expressando o modo como foram construídos os pilares de uma escola inserida na realidade das comunidades rurais.

O uso das entrevistas semi-estruturadas fez-se entre diferentes representantes - homens, mulheres, jovens, técnicos, comissões de apoio, alunos, professores da ERUM, diretoria do CAAM. Foram realizadas dezesseis entrevistas, nos diversos segmentos do Comitê assim distribuídos:

QUADRO DEMONSTRATIVO DAS ENTREVISTAS

Comissão	Homem	Mulher
Crédito	1	1
Equipamentos	2	-
Capacitação	-	3
Lote	2	-
ERUM*	2	1
Pessoas chaves**	3	1
Total de entrevistas	10	06= 16

*um professor e dois alunos

** dois representantes do CAAM, o gerente do lote e uma técnica da ADAC.

As perguntas às *pessoas-chaves*³², foram assim consideradas pelo papel que essas pessoas representam nas comunidades e na produção de conhecimento local. As entrevistas aos representantes do Comitê, ao gerente do lote e à técnica da ADAC tiveram como objetivo complementar as informações referentes a cada segmento específico (roteiro das entrevistas no anexo IV desta pesquisa).

As entrevistas foram realizadas nas comissões de apoio, nos cursos de capacitação e nas reuniões do CAAM, espaços da organização e da vivência do CAAM. A opção por esta técnica foi por ela permitir o auto-relato dos diversos segmentos (técnicos, alunos, professores, comunidades, comissões).

As comissões de apoio ao Comitê são movimentos vivos e fundamentais nas estratégias e articulações dos trabalhos e se mostram como condições favoráveis para que as mudanças ocorram internamente na organização das comunidades. Interessou-se por entender como elas atuam nas situações circunstanciais, que ocorrem no CAAM, e que são desencadeadoras de processos extremamente ricos em dinâmicas espontâneas que caracterizam as relações não-lineares dessas redes. Captar esse cotidiano implica entender como essas comissões atuam nessas dinâmicas.

Iniciou-se a aplicação do questionário pela comissão de crédito (primeira delas), que administra o fundo rotativo destinado a investimentos agropecuários. A comissão é formada por representantes de cada comunidade. As entrevistas tinham como objetivo entender os diferentes modos como são tomadas as decisões, quais as estratégias usadas pela comissão para captação de recursos financeiros para o fundo rotativo, quais os critérios de seleção dos produtores e a sistematização das devoluções do financiamento do crédito ao Comitê.

³² Expressão usada para identificar as pessoas que dispõem de conhecimentos da realidade local e se destacam como referência na comunidade (jovens, mulheres e homens mais velhos, comissões)

Na comissão de equipamentos (trator e caminhão), seguiu-se a mesma técnica utilizada na comissão de crédito acima citada, objetivando analisar como essa comissão faz o acompanhamento dos trabalhos dos sócios do CAAM e o modo como direcionam as ações e os embates políticos que daí decorrem. Na comissão de capacitação, formada em sua maioria por mulheres, buscou-se entender como as estratégias por elas formuladas se processavam na articulação entre as atividades da escola e da comunidade, nos cursos de capacitações. Na *comissão do lote*, buscamos compreender quais movimentos se produzem nos aspectos administrativos e de que maneira o CAAM se articula para dar conta de um projeto de irrigação, diferentemente do sistema produtivo voltado para agricultura familiar.

Nas reuniões mensais do CAAM, através da técnica de *observação participante* e da inserção profissional desta pesquisadora no trabalho, buscou-se entender o modo como se realizavam as estratégias políticas traçadas pelo CAAM para manter a articulação com as redes dos poderes instituídos (Estado, município, igreja, ONGs e outros). Nesses momentos, observava-se como o Comitê punha em prática cada estratégia e como o fazia, a partir do exercício de saber gestado na dinâmica social do cotidiano. Essas observações foram um recurso complementar às entrevistas, que se deram de forma pontual, por exemplo, numa única reunião planejada pelo CAAM com as instituições parceiras, observando-se as manifestações individuais, percepções, as conversas informais fora da reunião, as falas dos diretores do comitê, o modo como organizam internamente a reunião, a capacidade de planejar uma atividade relacionada com o funcionamento da escola, os comportamentos e as intenções das ações planejadas para esse momento, o modo como elas estão articuladas com as principais questões que interessam ao Comitê para manter estrategicamente as relações de parcerias, para a execução do desenvolvimento local e a educação. Denzin (1978) salienta que *entrevistas e observação direta e participante* são uma estratégia de campo que combina simultaneamente à análise documental, à entrevista de respondentes e informantes, à participação e observação direta. Esta estratégia pressupõe um conjunto de técnicas metodológicas com grande envolvimento do pesquisador na situação estudada.

A produção dos dados se dava na medida em que iam se processando as atividades de trabalho. As informações foram registradas através de gravação e anotação durante as entrevistas. Os recursos já são conhecidos pelos entrevistados, por fazerem parte dos instrumentos de trabalho de várias instituições que atuam no CAAM, assim como vêm sendo utilizados freqüentemente nos trabalhos da ERUM, não constituindo nenhuma dificuldade para a aproximação com os entrevistados.

No desenvolvimento dos trabalhos de campo foram registradas algumas atividades com fotografias que apresentaram também um registro visual e ampliaram o conhecimento do estudo, e documentaram momentos que dão visibilidade e dizibilidade ao cotidiano vivenciado. Portanto, as fotografias possibilitaram, também, uma leitura da realidade. Este material estará sendo introduzido nos capítulos subseqüentes. A transcrição das fitas efetuou-se pela pesquisadora para garantia da finura dos relatos. A sistematização dos dados de campo desenvolveu-se não só através das informações dos instrumentos metodológicos (entrevistas, observações, diário de campo, comunicações individuais), como também pela inserção desta pesquisadora no campo pesquisado.

A análise de dados de pesquisa qualitativa possibilita experimentá-los mesmo durante a fase de levantamento de informações, conforme Triviños (1987). Nesse sentido interessa à análise fazer uma experimentação dos dados, levando em consideração os referenciais teóricos definidos na capítulo II desta dissertação, no que se refere aos conceitos de rede, poder, saber, comunidades rurais, desenvolvimento local e educação. As questões postas como problemas para a investigação são, nesse processo de experimentação, desdobradas nas diferentes práticas em estudo. A análise busca articular numa cartografia, num mapa, desenhando-as numa multiplicidade sempre a se fazer. Nesse caminho investigado, a complexidade da experiência é "desenhada" como um mapa para melhor ser compreendida. Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensurar, cartografar, mesmo que sejam as regiões ainda por vir" Deleuze e Guattari (1995: p.13). Essa compreensão diz respeito à idéia de que não há consenso e nem ponto de chegada no

processo de produção de conhecimento, assim entendeu-se a partir de Minayo (1992: p. 69), "que os resultados de uma pesquisa qualitativa constituem-se sempre numa aproximação da realidade social, que não pode ser reduzida a nenhum dado de pesquisa". Isso corresponde a dizer que, nessa análise, a construção histórica do Comitê será tratada como um campo de saberes em que se cruzaram multiplicidades, linhas, estratos, intensidades, agenciamentos e seus diferentes tipos.

A análise, portanto é o percurso traçado pela experiência da investigação que abarca a metáfora do rizoma, que subverte a ordem da metáfora da árvore a qual implica uma hierarquização do saber. A árvore representa os saberes apresentados de forma disciplinar, fragmentados (os galhos) e hierarquizados (os galhos ramificam-se e não se comunicam entre si, a não ser que passem pelo tronco da árvore). Já o rizoma traz o tipo de caule radiciforme, de alguns vegetais, formados por diversas e pequenas raízes emaranhadas em meio a pequenos bulbos armazenatícios. O rizoma coloca em questão a relação intrínseca entre as várias áreas do saber, articulada cada uma delas pelas inúmeras linhas fibrosas que se entrelaçam formando um conjunto complexo, no qual os elementos remetem necessariamente uns aos outros e mesmo fora do próprio conjunto. Um rizoma nem começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio entre as coisas. A árvore é filiação, o rizoma é aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e...e...e" (Deleuze e Guattari 1995: p 14).

O rizoma faz-se de seis princípios básicos, como resume Gallo in Alves & Garcia, 2002: p. 31-2). O primeiro, o terceiro e o quinto interessam a esta análise mais diretamente.

- a) Princípio de conexão - qualquer ponto de um rizoma poder ser ou estar conectado a qualquer outro ponto;
- b) Princípio de heterogeneidade- dado que qualquer conexão é possível, o rizoma move-se pela heterogeneidade;

- c) Princípio de multiplicidade- o rizoma é sempre uma multiplicidade que não pode ser reduzida à unidade. O rizoma não possui uma unidade que sirva de pivô para objetivação/ subjetivação: o rizoma não é sujeito nem objeto, mas múltiplo;
- d) Princípio de ruptura a-significante- o rizoma não pressupõe qualquer processo de significação, de hierarquização. Embora seja estratificado por linhas, sendo assim, territorializado, organizado, etc., está sempre sujeito a linhas de fuga que apontam para novas direções;
- e) Princípio de cartografia- o rizoma pode ser mapeado o que mostrará que ele possui entradas múltiplas, isto é, o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos e pode daí remeter a quaisquer outros em seu território;
- f) Princípio de decalcomania- Os mapas podem, no entanto, ser copiados, reproduzidos; colocar a cópia sobre o mapa nem sempre garante, porém, uma sobreposição perfeita. O inverso é a novidade: colocar o mapa sobre as cópias rizomas sobre as árvores, possibilitando o surgimento de novos territórios e novas multiplicidades.

No rizoma são muitas as linhas e, portanto, muitas as possibilidades de conexões e aproximações, cortes e percepções etc. Portanto, analisar os dados desta pesquisa cria um trânsito possível por entre inúmeros campos de saberes tecidos por diversas ações (políticas, educativas, econômicas, sociais, éticas e estéticas). A análise faz a própria apresentação dos dados, cria aberturas e contatos, impossíveis de serem ditos ou vistos no isolamento desses. A escrita vem se constituir em um território para que as informações sejam trazidas, ao mesmo tempo em que sejam articuladas pela análise. Nesse sentido, a análise dos dados (capítulos IV, V e VI) produziu uma cartografia tecendo uma trama das relações, entre outras tantas possíveis dos diferentes aspectos práticos, teóricos, educativos e técnicos dos projetos lançados ao Comitê. Assim os dados aparecem já postos em rede, em um mapa, desdobrado em três abordagens as quais, juntas, expressam uma trajetória em desenvolvimento.

A primeira abordagem (capítulo IV) privilegiou o estudo bibliográfico sobre o comitê que percorreu, entre outros aspectos, o contexto histórico, econômico, político e produtivo, traçando-se, nas práticas do PGD, das quais foram criando outros modos de organização do CAAM, com o surgimento de comissões de apoio. Analisou a atuação da comissão de crédito na operacionalização dos recursos destinados ao crédito alternativo, assim como puxou os fios da rede de relações de poder e saber que foram se tecendo noutros fios dessa experiência.

Os fios da rede de práticas educativas que estavam se tecendo no Comitê foram se cruzando com outras práticas e criando-se outros dispositivos de vários saberes, com a complexidade dos movimentos gestados na seca de 1993, que se desdobrou na participação das mulheres e dos jovens nas reuniões, a aquisição do caminhão do comitê e a chegada do trator. Toda essa cartografia foi sempre traçada pelos dados experimentados na revisão bibliográfica entrevistas, observação participante e vivência do cotidiano nessa experiência, que sempre foi se lançando em novos desafios.

O capítulo V buscou compreender os caminhos traçados pelo CAAM e as comunidades na luta e na conquista de um projeto de educação diferente, que se configurou numa rede de poder e saber Esse processo foi mapeado pela análise como um movimento de nova explosão, novas redes de saber.

O capítulo VI tomou como abordagem de análise os processos de educação formal e informal no CAAM, traçou linhas e conexões que remeteram a outras linhas e conexões constituídas em processos de desterritorializações e reterritorializações.

Finalizando essa trajetória, pode-se dizer que a implicação da pesquisadora com a problemática estudada foi se constituindo no próprio desenrolar da pesquisa. Isso permitiu à pesquisadora ser lançada pelas questões mais profundas da realidade estudada. Na

realização, não só das atividades da pesquisa, mas de outras atividades de trabalho, em diversas vezes foi atravessada por sentimentos e emoções diante da trajetória de organização de cada comunidade, que mobilizavam intensidades de sua própria trajetória, às vezes desconhecidas, e que faziam captar o modo como as relações de saberes se produziram desde a formação da história de vida da cada comunidade à sua relação com o Comitê.

O que ora apresentamos, é, pois, o produto dessa aventura, nesse percurso investigativo, analisado e discutido a partir de uma experiência, da observação direta, dos relatos dos integrantes do processo e das teorias a que recorremos para mostrar essa trama de relações sociais em estudo.

**"... e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo..."**



CAPÍTULO IV

TECENDO A TRAMA DAS RELAÇÕES

Entende-se que todo trabalho de pesquisa na produção dos dados foi enriquecido qualitativamente como resultado do processo da pesquisa participante em que se inseriu o estudo e também remontou-se a partir da própria vivência desta pesquisadora no acompanhamento técnico dos projetos em execução. Foi da análise do conjunto desses dados que se tornou possível a compreensão da experiência do Comitê em desenvolvimento local e educação, definido como objeto deste estudo. Os dados aparecem postos em rede e vão percorrendo a trajetória política do Comitê e os diferentes modos de atuação.

A rede busca dar visibilidade e dizibilidade às relações de poder e saber, tecidas práticas educativas que incorporam o modo cotidiano na ordem do coletivo e das estratégias políticas constituídas no CAAM e nas suas comunidades, no período de 1982 a maio de 2001, considerando-se, aí, a inserção desta pesquisadora enquanto técnica executora das ações do projeto de Desenvolvimento Local e de Educação.

A análise dos dados procura mostrar a complexidade de uma experiência em movimento, que apresenta uma dinâmica própria e se encontra desenvolvendo um projeto de educação que se constitui nas estratégias políticas do CAAM, na busca de desenvolvimento local, as quais, em diferentes situações, expressam interesses ora de ordem do coletivo ora individuais. O CAAM tem mantido suas atividades vinculadas aos

programas institucionais das entidades parceiras do projeto de desenvolvimento das comunidades e tem o poder de negociação junto a diversos setores, públicos ou não³³, que se faz através das estratégias políticas com o propósito de buscar financiamentos públicos voltados para as demandas das associações comunitárias.

A idéia de rede permite analisar o CAAM para além do seu contexto imediato. O CAAM articula-se com outros grupos, contextos e instituições, através das redes de relações pessoais, formais, informais, que ligam seus membros. Nesse percurso, fazem-se múltiplos "acordos" ou arranjos entre os diferentes interesses de alguns representantes das associações que se apropriam do poder de mobilização do CAAM, para atender a interesses individuais. Vale a pena assinalar que, a partir das observações nas reuniões e da análise dessas atitudes, procura-se compreender como estas fazem parte das práticas políticas das comunidades e como surgem, isto é, sua vinculação a interesses do momento, às estratégias adotadas que são evidenciadas na trajetória de desenvolvimento do Comitê. Vamos encontrar diferentes estratégias políticas tecidas no percurso desta investigação e como elas se inserem no processo educativo.

4.1. Organização das Comunidades a partir do CAAM conectadas ao PGD

A proposta de organização do CAAM, em 1989, visou à conjugação de esforços de nove comunidades (Cachoeirinha, Caldeirão do Tibério, Canoa, Cipó, Curral Novo/Jacaré, Juá/Saquinho, Lagoa do Meio, Lagoinha e Lagoa do Angico) para definir e conduzir os projetos de desenvolvimento, inseridos no Plano Global de Desenvolvimento, em direção ao interesse geral daquela população. O cruzamento dessas forças fez surgir uma nova forma de articulação das políticas de desenvolvimento para essas comunidades em 1994,

³³ Sendo aqui considerados como a Prefeitura Municipal de Juazeiro, Câmara de vereadores, Igrejas, partidos políticos e ONGs, além de articulações individuais com vereadores, deputados estaduais e federais.

com a inserção de outras instituições. Os pesquisadores do Centro do Internacional em Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento-Cirad/Departamento de Sistemas Agroalimentares e Rurais-SAR e da Embrapa, compuseram novas as parcerias no projeto para implementar métodos e instrumentos de Pesquisa e Desenvolvimento nessas comunidades. Muito do que já se tinha produzido ao longo da experiência das comunidades foi sistematizado no Plano Global de Desenvolvimento-PGD que percorre a complexidade dos modos de existência sendo aqui analisada por suas múltiplas redes de relações.

4.2- A rede de relações tecidas no percurso do PGD

A análise é realizada tomando como referência a pesquisa bibliográfica de diversas fontes e publicações do Comitê, que dão conta de diferentes estudos e estratégias que os técnicos envolvidos no projeto e representantes do CAAM pensaram para efetivação do PGD, no sentido de que o mesmo viesse a dar suporte aos trabalhos realizados com base na realidade local. Estes se apoiavam numa metodologia participativa que supunha um diagnóstico rural, que tinha na leitura, na percepção e experiência do produtor uma fonte viva e imediata da produção do conhecimento local. Outro elemento da metodologia participativa realizada nas comunidades do CAAM foi a tipologia dos agricultores, através de estudos realizados por Tonneau et al. (1998), que considerou os diferentes tipos de produtores com base na história e na evolução da propriedade, na fertilidade das terras, na capacidade e na força de trabalho da família e nos recursos financeiros e produtivos. As informações obtidas nesta análise ofereceram elementos que dão visibilidade às pequenas diferenças em níveis sociais e econômicos das comunidades, que se constituem na relação de equilíbrio entre a quantidade do rebanho e a capacidade de suporte das atividades agrícolas e pecuárias que cada produtor tem para satisfazer a necessidade do rebanho. Por isso as relações de produção são diferentes e evidenciam modos de produção que desempenham funções diferentes no mesmo sistema produtivo.

Acompanhando Tonneau et al. (1989), este sistematizou em seus estudos que os produtores jovens, iniciantes no sistema de produção, dispõem de pouca mão-de-obra familiar, um espaço com pequena área cercada, rebanho reduzido, pouca capacidade de poupança e investimento. Para satisfazer às suas necessidades ou entrarem no circuito de acumulação, eles vendem a força de trabalho. São considerados como produtores de subsistência, e têm como lógica a *sobrevivência*. Plantam culturas alimentares com expectativa de que elas atendam ao mesmo tempo à finalidade de alimentação e geração de renda. A quantidade de terras é pequena, portanto, insuficiente para acolher um maior número de animais durante o período da seca. Esta lógica de produção os mantém no sistema com um rebanho reduzido, entre cinco a dez cabras ou ovelhas. Assumem a preferência pela horta e pequena criação (porcos, galinhas).

Os produtores com mais de dez anos de instalados no sistema, diferentemente dos produtores iniciantes, seguem um processo de acumulação mais rápido, dispondo de uma melhor herança, tendo à disposição os meios e um potencial de produção, que lhes puderam satisfazer as necessidades básicas da família. São chamados produtores em *equilíbrio*, que ampliam a lógica de produção. Tendo à disposição uma mão-de-obra familiar, o produtor vem estabilizando seu sistema de exploração, na busca de aquisição de terras em diferentes tipos de solo, equilíbrio entre as atividades agropecuárias e o trabalho de mão-de-obra familiar. Diversificam e misturam o rebanho (ovino, caprino, suino); dos produtos animais (carne, leite, couro) e as culturas cultivadas, forrageira e de renda como o algodão; cultura alimentar e forrageira, o guandu. A manutenção desse equilíbrio constitui o projeto de vida do agricultor.

Os produtores chamados de *renda*, com situação privilegiada entre os dois tipos acima tratados, dispõem de um capital de exploração e de capacidade de emprego de mão-de-obra significativa. Tendem a se especializar, o que lhes permite vender, com mais facilidade, a produção no mercado regional, uma vez que a evolução para esses produtores não está desvinculada dos riscos da oscilação dos preços determinados pelo mercado dos

gêneros alimentícios. Se as condições lhe forem favoráveis, o agricultor pode decidir romper com aquela situação de equilíbrio e se integrar ao mercado de produtos da agricultura ou da pecuária. A produção para auto-consumo diminui e, em situação de segurança, o agricultor pode contar com rendas para resistir às diferentes crises que possam atingir-lhe o sistema de exploração³⁴.

Também apoiada na dinâmica da metodologia participativa surgiu, dentro do PGD, a constituição de grupos de interesses, organizados através de levantamento nas comunidades, de interesses diversificados (capacitações em couro, artesanato, comunicação, manejo de rebanho entre outros) que surgem ligados a necessidades concretas e específicas e direcionaram nos projetos as ações que poderão atendê-los.

Esses recursos metodológicos (diagnóstico participativo; tipologia dos produtores; grupos de interesses, e outros), definiam três linhas gerais, desdobradas no decorrer do processo em projetos de apoio à organização do CAAM. Dentre elas, deu-se maior importância à valorização produtiva, porque organizava uma nova forma de apoiar a caprinocultura, com a implantação de pastagens, projetos para pequena irrigação que facilitariam a entrada de outros serviços e investimentos para a diversificação nessa área produtiva. Surgiu, também, como projeto de apoio, a *valorização social* que, em dado momento, constituiria ações de saúde e nutrição, educação, comunicação e infra-estrutura a acontecerem de acordo com a ordem de prioridade das comunidades.

O esforço desta análise é mostrar que as ações pensadas no Comitê tornavam-se mais importantes com as atividades de *Associativismo*, que revitalizava as iniciativas coletivas nas comunidades com projetos expressivos de participação (mutirão, festas, serviços de administração e capacitação nos demais segmentos do CAAM). As atividades associativas vêm atuando na priorização de demandas das comunidades, dando visibilidade a alguns aspectos coletivos como o cercamento do fundo de pasto da comunidade de Cipó,

³⁴ Mais sobre o assunto ver Tonneau et al. (1989)

a abertura de picadas para a instalação das redes de água e energia elétrica, entre outras. O enfoque dado às ações dessa comunidade levou em conta as relações que elas estabeleceram em suas redes, assim como definiram suas estratégias políticas no CAAM para realizar o cercamento da área. Os contextos se articularam e exerceram influências nas diferentes ações de cada uma das comunidades mostradas através da metodologia participativa, com a técnica de produção coletiva de mapas mentais, que expressaram a comunidade como fonte viva de informações e modos de existência e também como produtora de conhecimento local, portanto, aptos a desenhar o seu próprio mapa.

Procura-se proceder a uma análise dos resultados do PGD que previu a implantação das inovações tecnológicas³⁵ com a diversificação da produção e introdução de novas alternativas, as mais variadas, para sua exploração com a produção de técnicas de manejo animal e a introdução de pastagens com novas espécies forrageiras, como palma forrageira, capim buffel, leucena e guandu. Introduziram-se técnicas de alimentação como feno, mineralização, raspa de mandioca. Foram implantadas farmáciais veterinárias e técnicas de pequenas irrigações com a utilização de cata-vento. Essas alternativas implementadas no sistema produtivo vão dando visibilidade à modificação do espaço nas áreas individuais com o aumento de cercas, pastagens, maior número de animais, oportunizando maior capacidade financeira aos produtores para se apropriarem mais rapidamente dessas técnicas. A análise mostra que os diferentes tipos de técnicas possibilitam o surgimento de costumes próprios, muitas vezes compartilhados, mas que não são uniformes, comuns a todos. Nessas redes de saber as individualidades e as preferências são preservadas.

Ao tecer a análise dos dados dessa rede de relações do CAAM, encontram-se as ações do PGD interagindo cotidianamente na vida das comunidades. Mesmo respaldado numa metodologia participativa, nos grupos de interesse organizados pela suas necessidades concretas, na tipologia de produtores, na leitura da percepção que o produtor

³⁵ Inovações Tecnológicas, são consideradas segundo SARDAN (1995), como um enxerto de técnicas, saberes ou formas de organização inéditas em cima de técnicas ou saberes e formas de organização já adquiridos.

tem da produção do conhecimento local através do diagnóstico participativo, acabou determinando projetos que não foram absorvidos de forma coletiva pelos produtores. Dentre eles, a implantação de novas espécies de cabras leiteiras; novas variedades de melancia; novas técnicas de conservação de forragens (feno, silagem), cisternas de lona polietileno, barreiro de salvação, cerca elétrica etc., foram pensados pela pesquisa agronômica como uma alternativa para valorizar a produção agropecuária na região, sem levar em conta o interesse e a capacidade de desenvolvimento dessas tecnologias pelos produtores.

Por outro lado, se algumas inovações tecnológicas não corresponderam às linhas traçadas pela pesquisa agronômica, elas foram criadoras de outros mecanismos de saber e de múltiplos domínios do conhecimento. Foram inventivas ao nível dos mecanismos que produzem saber e conhecimento, na dinâmica da não-linearidade, entre eles, a conservação e armazenamento de forragens para alimentar os animais na época da seca. Em suma, nesta análise, o que se busca mostrar ao longo desse processo, não é apenas o que deixou de funcionar, mas o aproveitamento de algumas inovações técnicas viáveis que foram adotadas por alguns produtores nas propriedades individuais, primeiramente os dirigentes das nove associações, pelo fato de terem acesso à informação mais rápida. Nesse sentido, foram realizados vários plantios com forrageiras e oferecidos cursos de técnicas de conservação e armazenamento. Esta, considerada pelos produtores como uma alternativa sustentável para melhorar a produção e torná-la economicamente viável no período da seca. O peso de cada um dos fatores que determinam as redes e ações vai depender das necessidades locais, preferências pessoais, histórias de vida, formações, valores, intenções, projetos etc.

Ao longo desse intenso processo, houve, em 1989, a interrupção dos trabalhos de assistência técnica e da pesquisa, gerada pela crise e dificuldade dos órgãos públicos, através da operação *desmonte do Estado*. Essa crise foi motivada pela mudança de governo, que pretendia desativar os serviços públicos, entre eles, alguns setores da agricultura, incluindo-se os serviços de extensão rural em execução em Massaroca, que foram sendo

esvaziados com a demissão de técnicos e a suspensão de recursos e financiamentos destinados aos projetos das comunidades do Comitê.

Nesse ínterim, novas forças se articularam para enfrentar esses problemas que se impunham ao CAAM. Os técnicos das instituições, ligados direta e indiretamente ao desenvolvimento da pesquisa e extensão na região de Massaroca, fundaram a Associação de Desenvolvimento e Ação Comunitária - ADAC - Organização Não Governamental-ONG- dando assessoria às estratégias que estavam sendo pensadas para atender aos trabalhos de organização do CAAM e suas comunidades, assim como aos aspectos voltados para elaboração dos projetos produtivos que atendiam a cada comunidade.

A expectativa de apropriação coletiva, pensada por alguns técnicos para os produtores, começava a produzir outros desdobramentos não esperados. Novos saberes que começavam a se fazer, não foram pensados no PGD, a exemplo da apropriação individual dos cata-ventos, crédito alternativo, comissões de apoio, ERUM, entre outros. Entretanto, são operados no movimento dos produtores e surgem alterando o modo de vida das comunidades. Essas alterações começam a ter visibilidade na produção agropecuária com a criação do Projeto Alternativo, pensado para dar apoio ao funcionamento do CAAM e fortalecer as práticas coletivas.

Nesse processo, as comunidades e o CAAM, em 1990, contaram com o apoio da Associação Serra-Serrane, que obteve junto a uma entidade de Cooperação Francesa um fundo financeiro para a elaboração de um Projeto de Crédito Alternativo, cuja função seria fortalecer as práticas coletivas, pensadas por alguns técnicos do projeto, vinculados ao Estado, ADAC e ao Cirad/Embrapa. Em meio a esse processo, vários interesses institucionais e pessoais atravessaram as ações em andamento. Os técnicos franceses buscavam efetivar suas pesquisas, os técnicos executores buscavam dar assessoria aos produtores na aplicação de um fundo rotativo. Nesse meio, os produtores buscavam a articulação entre essas instituições, para a realização das atividades destinadas ao

melhoramento das pastagens e dos animais. Nesse sentido, foi formada a primeira comissão de apoio ao CAAM, conhecida como a Comissão de Crédito.

4.3 - As Comissões de Apoio tecendo-se na rede de relações

A representatividade do CAAM junto às comunidades se dá, em parte, através da realização mensal de reuniões com a participação de representantes de todas elas. Faz-se no funcionamento das comissões de apoio que surgem num determinado momento histórico, a depender do problema que se lhes impõe e exige soluções. Essas comissões são formadas por representantes de cada comunidade, que se organizam para traçar as estratégias do CAAM. Essas estratégias se produzem numa rede de práticas coletivas realizadas nas ações políticas de diferentes níveis e desdobramentos, conectando-se no cotidiano.

A análise dos dados da comissão de crédito (composta pela articulação dos representantes das nove comunidades), se teceu por dentro da complexidade mesma da experiência. Buscou a partir dos relatos dos entrevistados, entender o modo como são tomadas as decisões e as estratégias da comissão para captação de recursos, cuja finalidade era administrar e coordenar o fundo rotativo disponível ao Comitê, com recursos provenientes de uma entidade de Cooperação Francesa, intermediada pela Associação Serra-Serrane, que contribuiu para fortalecer algumas inovações técnicas e permitiu o acesso a financiamento de atividades produtivas (animais, cercas, pastagens) sem a burocratização do sistema oficial bancário, que tinha o valor de R\$ 30.000,00 (trinta mil reais). Os financiamentos eram destinados às atividades da pecuária (animais de raça melhorada, construção de cercas e implantação de áreas forrageiras). Em seguida, foram ampliados para o custeio agrícola e para atividades não agrícolas (máquinas de costura, artesanato e outras iniciativas). Esta análise sintetiza a forma como o desembolso dos

empréstimos, no primeiro ano, era realizado em parcela única e, logo a partir do segundo ano de experiência de financiamento, passou a ser parcelado em função das atividades programadas.

Esses mecanismos de desembolso financeiro do crédito, se produziam na relação de poder e saber dessa comissão, ao definirem coletivamente os critérios para a contratação dos empréstimos. Para tal, determinaram como base de indexação não monetária a valorização dos produtos na região (carne, leite, pele de caprinos, melancia, mamona) ou seja, o valor a ser pago ao fundo rotativo correspondia ao valor de cada produto e à quantidade determinada pela comissão para zerar o débito. A análise desse movimento financeiro foi se fazendo de acordo com a lógica do mercado local e regional. Quando necessário, partiu-se para outros tipos de indexação, buscando-se minimizar os custos da erosão dos fundos de investimentos, adotando-se também o preço dos principais insumos que são objetos de financiamento (arame e hora/trator) ou a inclusão de mecanismos de correção monetária da inflação, acrescidos de juros de 1% ao mês, visando compensar parte dos custos da gestão e dos riscos de financiamento³⁶.

O sistema de crédito alternativo do CAAM e a evolução das explorações agropecuárias está relacionada à capacidade de acumulação e de investimento dos produtores, que se opera pelo cercamento das áreas individuais, pela introdução de forrageiras, inerentes ao processo de ocupação do espaço, que caracteriza a evolução recente das propriedades na região de Massaroca. Esse processo não é acessível a todos os produtores, depende dos recursos financeiros, mão-de-obra e capacidade de assimilação das inovações técnicas produzindo desta forma uma diferenciação social entre os produtores. (Silva, 1994: 237).

A atuação da comissão de crédito confundia-se com as ações da direção do CAAM, que concentrava as ações, pensadas coletivamente, apenas entre nove representantes das comunidades. O crédito funcionou como instrumento para viabilizar os investimentos individuais desses mesmos representantes, e provocou a aceleração da apropriação individual, pelo cercamento das terras de pastoreio coletivo, aquisição de animais

³⁶ Mais sobre o assunto ver (SILVA 1994: p.94).

selecionados, plantio de novas variedades forrageiras, com a introdução de capim buffel, guandu, entre outras.

Com esses desdobramentos, a gestão do fundo rotativo, efetuada pela comissão, ao utilizar regras pouco transparentes, não garante o cumprimento dos prazos de resarcimento dos empréstimos de R\$ 30.000,00, realizados pelos produtores. A falta de circulação de informação contribuiu com a suspensão do crédito, gerada pela falta de participação e capacitação dos representantes da comissão em movimentos de ordem financeira e, também, pela falta de fiscalização do comitê e dos produtores. Além do mais, os produtores estavam "acostumados" aos projetos oficiais com práticas clientelistas desenvolvidas a fundo perdido, o que provocou uma diminuição rápida do fundo rotativo.

Todo esse processo de intensas mudanças na forma de apropriação do crédito alternativo contribuiu para uma tomada de decisão por parte da comissão de crédito, que passou a fazer uma distribuição seletiva dos recursos ao afirmar: "*só tem direito ao crédito quem puder pagar*" a juros de 5%, juros considerados altos por algumas comunidades. Efetivava-se, assim, uma política que se aproximava daquela adotada pelo sistema de crédito oficial. O crédito alternativo, criado para facilitar o beneficiamento dos sistemas produtivos das comunidades, deu lugar a uma prática discriminatória por parte da comissão de crédito no CAAM.

Essa situação constitui múltiplas implicações na rede de relações políticas do CAAM e suas comunidades, proporcionando novos embates na condução dos trabalhos, não só com relação à atuação da comissão de crédito, objeto deste item de análise, como também, à diretoria do CAAM. A necessidade de discutir o que estava acontecendo nos "bastidores" e conhecer os funcionamentos dessas instâncias, inclusive porque o comitê era chamado de "*come tudo*", despertou interesse, participação e profunda discussão entre os dirigentes do CAAM, associações e técnicos, no sentido de buscarem novas estratégias para dar continuidade aos trabalhos em andamento do PGD.

Outras alternativas foram pensadas, mediante o reconhecimento através de reuniões de avaliação, dos limites da própria organização dos produtores. Entendeu-se que as associações comunitárias e o Comitê das Associações Agropecuárias de Massaroca exerciam a função de mobilização de apoio das instituições e de captação de recursos para diversas atividades, individual e comunitária. Em meio a toda essa problemática, o fortalecimento da luta do CAAM expressava-se nas avaliações feitas pelos produtores e técnicos que, mesmo considerando a operação desmonte do Estado (saída de técnicos do processo, falta de recursos), relacionavam as conquistas por eles alcançadas ao longo do processo, inclusive, reconhecendo as outras instituições governamentais e não governamentais (nacionais e internacionais) como a ADAC e o CCFD³⁷ que foram inseridas no processo. A partir de indicativos de alguns técnicos já envolvidos com o trabalho, buscaram, ao lado do CAAM, os meios necessários para dar continuidade aos trabalhos.

A análise dos dados relatados na comissão percorreu esse processo de intensas mudanças nos trabalhos, que passaram, então, por uma avaliação do CAAM com todas as comunidades e órgãos parceiros, no período de 1993. Buscava-se não o jogo de manutenção das regras pouco transparentes ou centradas nas estratégias imediatas, voltadas para atender a demandas de investimentos, (água, melhoramento de animais, cercas, estradas, etc), mas dar um novo lugar para o cotidiano do CAAM. Neste sentido lançou-se mão de uma metodologia participativa que trouxesse para essa avaliação todas as temáticas desenvolvidas no PGD.

Há, nesse tipo de avaliação, uma reativação de todos os elementos do processo de interação que ocorreram nas relações entre o Comitê e as comunidades, e nas relações com os poderes locais. A metodologia participativa, constituída pelos técnicos para o momento dessa avaliação, deu visibilidade ao que até então não cabia ser visto ou falado no interior

³⁷ Comité Catolique Contre la Faim et pour le Développement

do Comitê, *a relação entre o coletivo e o individual*. A função (atuação) de alguns dirigentes do CAAM (que desenvolviam atividades comunitárias em benefício individual e de seus líderes) explicitou-se numa reflexão profunda sobre o papel dessas lideranças e o jogo de forças que elas produziam para manutenção de uma política de desenvolvimento articulada aos poderes instituídos em nível local, estadual, federal e internacional. Os papéis ou funções que cada um desempenha no comitê ou comunidades, não podem ser definidos apenas institucionalmente, de acordo com normas ou valores prevalecentes na sociedade. A visão universal que define esses papéis é superada pela dinâmica do cotidiano, a partir das interações, atribuições de tarefas pontuais, configurações e tessituras das redes locais. Portanto, as práticas coletivas e individuais realizadas no CAAM constituem o efeito do percurso de cada representante e criam novas formas de atuação nos trabalhos que se tecem na rede de práticas, assim como lembra Latour: "qualquer que seja a etiqueta, a questão é sempre reatar o nó atravessando, tantas vezes quantas forem necessárias, o corte que separa os conhecimentos exatos e o exercício de poder" entre saberes e os acontecimentos.

Portanto, essa avaliação do funcionamento do CAAM e da comissão de crédito foi decisiva. Os produtores e os técnicos se deixaram levar pelas emoções de todos os tipos: raiva, insultos pessoais, solidariedade, alegria, confiança, desconfiança, que foram cartografados como vivências do cotidiano. Nesse processo de reflexão sobre os trabalhos de cada um, vão se dando as condições objetivas de um trabalho educativo, social, político, assim como os compromissos de vida de cada um, que permitem "*se dar conta*" de suas funções atuais no Comitê. Para entender o que se passa com o outro é preciso olhar a si e ao mesmo tempo olhar o outro, *agindo*. Assim, nessa avaliação, destacaram as linhas de ação comunitária e individual, fazendo-se uma trajetória de todas elas até então realizadas nas comunidades, consideradas como fundamentais ao desenvolvimento local.

Dentre elas, destacaram a legalização das áreas de fundo de pasto, resultante da primeira ação coletiva nas comunidades e da formalização das associações e sua influência

perante os órgãos públicos, que evitou a invasão das terras por grandes projetos agro-industriais e por grileiros, bem como reafirmou a prática e o uso coletivo das pastagens nativas. Também foi ressaltado, nessas avaliações, que o fundo de pasto foi um dos elos mais fortes da organização comunitária nas comunidades e na luta em defesa da terra, não desconhecendo que o mesmo beneficiava, potencialmente, aqueles que possuem maior número de animais e de áreas individuais.

Essa avaliação do projeto de crédito alternativo no CAAM foi considerada como fundamental pelos produtores, que destacaram como fundamentais o melhoramento das unidades de produção; o cercamento das áreas individuais (reconhecido esse procedimento como limitante da área de uso coletivo); a introdução de forrageiras ou de culturas de renda; a aquisição de animais selecionados. O modo de apropriação individual, por parte dos produtores dos benefícios trazidos pelos projetos, fez com que se manifestasse, entre técnicos e alguns produtores, um sentimento de frustração pelo trabalho realizado.

Alguns técnicos³⁸ acreditavam na possibilidade de apropriação coletiva, por parte dos produtores das experiências de pequenas irrigações com o uso de cata-vento e de roças comunitárias referentes aos investimentos de infra-estrutura que fossem calcados em princípios socialistas. Talvez seja porque estivéssemos sustentados nas justificativas político-ideológicas e na relação teoria-prática, que sempre concebia a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência; que esperava metas e resultados, às vezes concebia a teoria como sendo ela própria a criadora de novas relações. De qualquer modo, concebiam-se suas relações como um processo de totalização, em um sentido ou no outro.

A análise evidencia que uma teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática local e regional, não totalizadora. Nesse sentido, é possível encontrar no Comitê alguns produtores que traçavam suas práticas a partir de investimentos e de projetos agropecuários e os enfrentavam através de estratégias coletivas e individuais

³⁸ Incluindo esta pesquisadora.

que eles próprios teciam na rede de relações de poder e saber que são móveis, transformáveis a depender da dinâmica do processo.

A visibilidade e dizibilidade dessa situação frustrou a expectativa em torno da relação teoria-prática, por parte de alguns técnicos do projeto, já que esperavam que a comissão de crédito estendesse a apropriação das inovações técnicas às comunidades do CAAM; na busca de respeitar o processo de validação local, quer pela experimentação empírica da parte dos produtores, quer pela pesquisa, para atender coletivamente as unidades produtivas com ações voltadas para a caprinocultura. As propostas sociais e organizativas, a exemplo dos grupos de interesse, crédito alternativo, equipamentos coletivos, projetos comunitários, não corresponderam às expectativas de alguns técnicos, que acreditavam estar realizando nas ações coletivas a transformação política das comunidades.

A análise mostra que ao longo do processo, encontram-se alguns produtores que se capitalizaram mais com os projetos agropecuários do que outros. Não há como fazer coincidir o nível de apropriação entre os produtores, no que diz respeito aos beneficiamentos dos projetos numa totalidade, mas pode-se compreender como essa rede, em meio às estratégias coletivas e individuais, é produzida no CAAM. Nela um saber é produzido e práticas de exercício de poder implicam todos. As práticas criadas pelos produtores para o melhoramento das pastagens e o manejo de rebanho vão lhes dando essa capitalização diferenciada. Ela também é constituída concomitante ao modo de envolvimento no trabalho por parte dos produtores e/ou comunidades ao de apropriação dos conhecimentos .

Tornar visíveis as relações de poder nas práticas e o modo pelo qual alguns técnicos atuavam no projeto, era implicá-los na rede de poder. Nesse sentido, constituem-se novas as relações teoria-prática que levavam sempre a problematizar a própria prática, concebida às vezes numa tentativa de adequar as alterações do processo às determinações efetuadas

por programas e metas contidas nos projetos técnicos. Esses elaborados e executados na perspectiva traçada numa linearidade para a obtenção de resultados, por exemplo, número de cabras e cabritos projetados numa evolução de rebanho para cinco anos, ou nos quilômetros (km) de cerca que foram calculados para cercar as áreas de fundo de pasto, quantos hectares (ha) foram plantados com palma forrageira ou capim buffel, quantas roças comunitárias foram implantadas e deixaram de funcionar, ou se as pequenas irrigações através do cata-vento foram bem sucedidas ou não.

Mas essa análise possibilitou fundamentalmente compreender que as estratégias políticas do CAAM não se fazem apenas numa continuidade, tiravam-nos (alguns técnicos e o CAAM) sempre para outro lugar, quando propunham o confronto com outros problemas que se faziam e desfaziam numa relação dinâmica e não numa linearidade. Éramos levados pelas práticas a nos deslocar dos pontos fixos e criar outras estratégias, que se impunham ao processo como algo novo entre as demais lutas já realizadas anteriormente. As necessidades das comunidades surgiam no processo como uma explosão de forças, e as comunidades não mais esperavam pela direção do CAAM para definir os procedimentos, para enfrentar o problema. Elas buscavam dar conta do tema *seca*, por exemplo, que surgia como prioridade para o momento e começavam a discutir no CAAM a falta da água e sua forma de distribuição, operando imediatamente nas diferentes situações.

A crise em torno da falta d'água acentuava-se cada vez mais, tanto para o consumo animal como para o consumo humano. A prefeitura municipal distribuía água através de cinco carros-pipa para todo o município. Os políticos investiam na região através de seus cabos eleitorais, que iam reproduzindo a regra do “é dando que se recebe”³⁹, cada vez mais visível. Era o alívio da seca (água) na troca de votos entre políticos e produtores. Essa situação fez com que o comitê buscasse outras alternativas para atender às necessidades de água nas comunidades.

³⁹ Mais sobre o assunto ver relatório de atividades do CCFD. 1997.

.4 -4 O caminhão do comitê: tensões e embates



Foto: O caminhão como meio de transporte comunitário (Arquivo fotográfico da ADAC - set/93)

A experiência do crédito foi suspensa em 1993. Na ocasião, acontecia uma das grandes secas na região, o que levou o comitê a investir grande parte do seu saldo na aquisição de um caminhão para garantir o transporte d' água para as comunidades, ao tempo em que buscou estender os prazos para o resarcimento dos recursos destinados ao crédito alternativo para complementar os recursos obtidos pela Associação Serra-

Serrane (entidade de produtores franceses), na aquisição de um caminhão, com o objetivo de atender às demandas de água nas comunidades. Nesse sentido a análise distingue, ao mesmo tempo, os acontecimentos, as práticas políticas (saberes) e diferencia as redes e os níveis a que pertencem e procura dar visibilidade e dizibilidade aos fios que os ligam e que fazem com que se engendrem uns a partir dos outros.

Os fios dessa análise conectam-se ao coletivo das comunidades que voltam a se articular em torno de um Projeto de Capacitação, para dar conta dos problemas que iam surgindo no cotidiano, e articulavam-se numa rede de práticas a partir do tema água e sua forma de abastecimento. Nesse sentido, foram planejados os critérios para sua distribuição e o projeto deslocou para o CAAM a ferramenta de trabalho. A sistemática de distribuição deu-se a partir de critérios traçados pelo Comitê em assembleia geral, que buscou atender àquelas comunidades com maiores necessidades e que antes estavam submetidas aos critérios políticos impostos ao funcionamento dos carros-pipa oficiais (atender primeiro aos eletores aliados ao prefeito e ou vereadores).

Foi o caminhão o elo de explosão das tensões existentes, apenas a diretoria do CAAM sendo beneficiada com os projetos do crédito, pouca participação nas reuniões, ausência dos jovens e mulheres na diretoria, antes ignoradas pelos representantes do comitê. Outros movimentos, de ordens e potencialidades diferenciadas, ganharam espaços nessas reuniões e vieram questionar essa forma de construir o desenvolvimento e a realidade das comunidades nela apoiadas, em qualquer de suas ações. Em torno do caminhão surgiram outras formas de participação para discutir a falta d' água, dando novo sentido à organização do Comitê, até então visto como uma estrutura voltada para o crédito. Ele também serviu de base para a participação dos jovens e das mulheres no processo, ocupando cargo na diretoria e participação ativa nas reuniões mensais, já que a água lhes dizia muito respeito quanto aos afazeres com a casa e com os animais. Foi por conta da água e da necessidade coletiva de seu uso que diferentes desdobramentos foram sendo tecidos nessa rede e servindo de experiência na gestão das atividades econômicas, sociais e coletivas nessa trajetória. Os jovens foram sendo convocados para participar das atividades do comitê, para registrar e manejar as contas da administração do caminhão (logo de um trator), fazendo assim uma abertura para a participação nas atividades exigidas no percurso.

Nesse item a análise mostra que o poder no CAAM e as forças políticas das comunidades iam se articulando e se alternando na rede que se cruza nas relações de amizade, de solidariedade, de rivalidade e nas relações institucionais. A participação das comunidades era intensa, tanto quanto a necessidade de água. As discussões coletivas sobre a atuação do caminhão-pipa definiam o atendimento às demandas d'água por uma ordem de prioridade dada a cada comunidade, a exemplo daquelas mais necessitadas e distantes da rodovia, o que dificultava o abastecimento em tempo hábil. Os problemas suscitados pela falta d'água fizeram com que as comunidades se aproximassesem mais do CAAM. Nesse sentido as reuniões do CAAM, antes realizadas no distrito de Massaroca, passaram a funcionar num sistema de rodízio pelas nove comunidades, intensificando-se o processo de aprendizagem vivenciado no enfrentamento das dificuldades em relação à seca.



Foto: Comissão de Capacitação (Arquivo ADAC - agos/96)

Até 1993, as reuniões do Comitê contavam apenas com a participação dos homens. Mas as mulheres e os jovens começaram a ocupar o espaço político, na busca de qualificação com outras demandas, que atenderiam aos seus interesses. Argumentavam que todas as ações do CAAM haviam sido destinadas aos produtores mais velhos (donos de casa ou pai de família). No entanto, eles

desejavam qualificação profissional que apontasse para uma alternativa econômica, a exemplo de produção de artesanatos, costura, fabricação de queijos, aproveitamento do umbu, entre outros.

A participação dessas forças nas reuniões e na direção do CAAM era com objetivo de discutir um projeto que incluísse suas demandas. Isso implicava um rearranjo de forças e criava outro processo político no CAAM, que pode desembocar numa atitude muito positiva, muito mais ofensiva, através do questionamento das forças atuais no Comitê, que se constitui numa questão micropolítica. Essa problemática foi importante para esta análise compreender uma nova dimensão da organização do Comitê. Os modos não são apenas dois ou três: haverá sempre uma multiplicidade se fazendo, que flutua constantemente segundo a composição dos agenciamentos, segundo as estratégias que vão e vêm. Nesse sentido, os técnicos buscavam refletir com o CAAM, as ações que foram planejadas e realizadas ou não, incluindo-se aí a participação dos jovens e das mulheres, que buscavam desenhar outro mapa da realidade.

Em assembléia do CAAM com a participação das comunidades e da ADAC, várias formas de olhar-se no espelho foram apreciadas, e as tensões iam pouco a pouco tornando-se visíveis no processo em discussão. A análise percorre os exemplos tomados pelos

movimentos da própria organização do comitê e suas parcerias. Esse movimento se desenvolveu em meio bastante heterogêneo: as práticas políticas do comitê sendo reproduzidas, satisfazendo mais aos interesses individuais do que aos coletivos. A ação dos políticos e seus cabos eleitorais era efetiva nas comunidades, articuladas aos interesses individuais (emprego, passagem para São Paulo, óculos, dentaduras, aguadas, consultas médicas, cisternas, etc.). Surgem no processo diferentes questões, como a competição entre as comunidades (aqueles que têm mais prestígio com os políticos conseguem mais benfeitorias para suas comunidades do que aquelas que não estão aliadas a vereadores ou ao prefeito). As vaidades e ambições pessoais de alguns técnicos e comunidades se faziam presentes nessa problemática processual, num coletivo que estava sempre se alterando.

Em meio a esse processo foi criada a comissão do caminhão, hoje denominada comissão de equipamentos, cuja análise mostra o modo como esta tece suas práticas para administrar as questões referentes ao abastecimento de água para o consumo humano e animal, e demais serviços oriundos das comunidades, como o transporte escolar, frete e outras atividades. A proposta de atuação do caminhão do Comitê (como é conhecido atualmente), não tem como fim a obtenção de lucro, trata-se de um patrimônio coletivo destinado ao atendimento das necessidades internas das comunidades, discutidas e administradas pelo CAAM. Foi negociada pelo Comitê uma parceria com a prefeitura municipal, para o caminhão fazer o transporte escolar dos alunos das comunidades para o distrito de Massaroca, sendo que a prefeitura assumiria o pagamento do salário do motorista. Desta forma, o transporte escolar passaria a ser da responsabilidade do Comitê. Esta negociação foi feita com a aprovação de todas as comunidades. A comissão elaborou um planejamento de atividades para o caminhão funcionar como carro-pipa ou com os serviços de fretes das próprias comunidades, para atender as solicitações durante o dia. À noite faria o transporte escolar das comunidades, para o distrito de Massaroca. A análise situa exatamente como a questão micropolítica se cruza em diferentes modos de apreensão de uma problemática.

4.5-A chegada do trator.

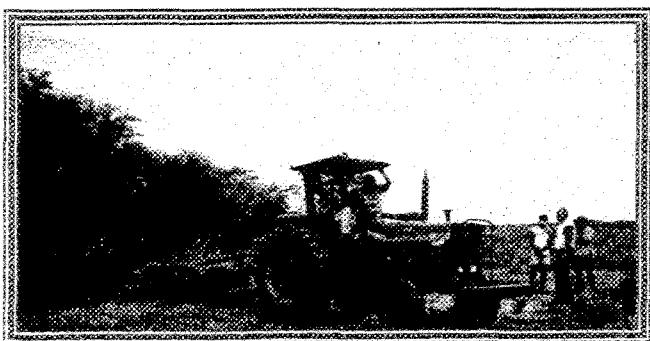


Foto: O trator (Arquivo ADAC - maio/9)

As estratégias políticas do CAAM se fazem constantemente e são atravessadas pelas novas ações que saem da linearidade e dão lugar a múltiplas conexões e interpretações produzidas em lugares de contatos móveis. Isso corresponde a um número imenso de caminhos possíveis. Em 1995, através do

Programa Produzir (CAR), financiado pelo Banco Mundial, o CAAM recebeu um trator, não como esforço das reivindicações das comunidades, como é comum ocorrer em outras situações (a exemplo da luta pela legalização do fundo de pasto, água, energia, melhoramento das estradas), mas da aproximação entre a direção do Comitê e o poder público local (prefeitura, vereadores, instituições). Havia, naquela ocasião, uma articulação do Estado com as Prefeituras Municipais, para fomentar um projeto de mecanização agrícola, com vistas ao preparo do solo e melhoria da capacidade produtiva das terras, em locais com maior organização de produtores. O Comitê, no município, é reconhecido por todos os parceiros de trabalho como uma entidade representativa e com poder de negociação perante diversos órgãos nacionais e internacionais. Isso facilitou sua inclusão em mais um programa do Estado, que tinha como enfoque a organização comunitária. Esse é um exemplo de dispositivo que possibilitou a indicação pelo prefeito, para que o CAAM recebesse esse trator, além das outras parcerias que já haviam sido estabelecidas anteriormente.

As estratégias de atuação do Comitê para receber o trator não se estabeleceram na base de contratos de parcerias, como habitualmente eram feitas em situações semelhantes, a exemplo da utilização do caminhão do Comitê como transporte escolar. Em manifestação do então presidente do CAAM, ficou explícita a gratidão pelo prestígio recebido do prefeito

de Juazeiro, ao reconhecer de público o seu esforço em conseguir tão poderosa máquina, como o trator, reforçando assim o poder instituído, exercido através de práticas políticas caracterizadas como clientelistas junto às comunidades pertencentes ao CAAM. Era uma articulação suficientemente eficaz para atender a esse jogo de forças, que se caracterizava por constituir sistemas de alianças de interesses dentro da própria rede de poder. Mesmo o projeto tratando de uma organização comunitária, a ação do prefeito era de indicação e fixação do líder, de centralizar o poder numa só pessoa.

A maneira como o trator chegou ao CAAM projeta seus impasses em diferentes situações. Essa impõe um tipo de problemática com outros tipos de questões que vão sendo cartografadas, apontando diferentes interesses. A notícia da chegada do trator logo se espalhou pelas comunidades e criou-se uma série de especulações em torno de como seria sua utilização. As indagações eram de toda ordem: quem vai ser o tratorista? Qual o perfil de um tratorista que atenda ao CAAM? De qual comunidade? Como o trator vai trabalhar nas comunidades?



Foto: Reunião da comissão de equipamentos
(Arquivo ADAC - maio/95)

Para dar conta das questões levantadas sobre a administração do trator, a Comissão de Equipamentos (caminhão e trator), em reunião, traçou um planejamento com o objetivo de selecionar o tratorista. Foram construídos critérios para a seleção, ressaltando-se alguns que dariam maior credibilidade ao profissional e às comunidades: ter experiência com máquinas agrícolas; ser responsável com a máquina; ser pai de

família. Na medida em que ia se discutindo e planejando a forma como o trator iria atuar, produzia-se um poder e um saber na rede de estratégias políticas captadas nesse

movimento. Nela expressava-se a problemática discutida em cada comunidade ao definir com o CAAM a proposta de trabalho que abarcaria uma programação atendendo uma ordem de prioridades; dando visibilidade ao planejamento com precauções fundamentais para o trabalho do trator, dando-se assim, a consideração de um valor diferente, o da prática social e coletiva. Assim, a análise tratou de dar à prática a dignidade dos acontecimentos e do espaço de criação de saber, que não são tecidos na teoria totalizante e que são tão importantes, para os que vivem a experiência, como os saberes que nesta são construídos. Sem dúvida, diferentemente daquela ação do prefeito ao fixar uma ação individual, ao então presidente do CAAM no momento da entrega do trator.

Efetivamente as estratégias de atuação da Comissão de Equipamentos produziam um saber que ia se expressando em diferentes critérios de funcionamento do trator, como: as horas de uso, o número de produtores a serem atendidos por mês; custo da hora para os sócios e para não-sócios. A comissão ficou responsável pela gestão e planejamento do trabalho do trator. Para tanto, montou uma programação que atendia aos critérios técnicos da capacidade dos solos e vegetação existente, explorando as principais potencialidades e limites do solo.

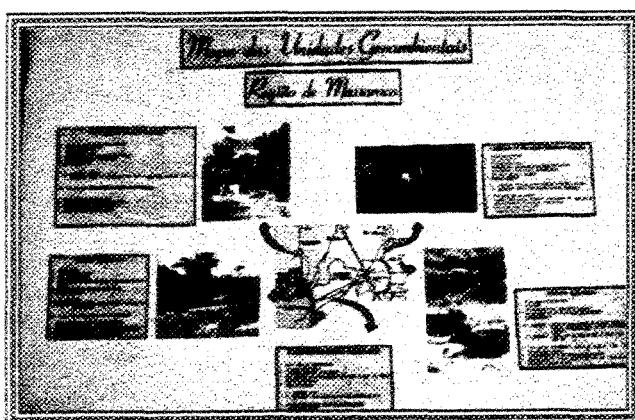


Foto: Mapa Geoambiental (Arquivo ADAC - julho/94)

As informações foram discutidas pela comissão, com base no mapa das unidades geoambientais da região de Massaroca, que instrumentalizava os usuários a ararem segundo a ocupação atual do terreno, exemplificando as áreas de tabuleiro (vertissolos), que são inadequadas para agricultura de sequeiro, mas trata-se de uma zona de pastagem extensiva e de fundo de pasto. A aração das terras seria iniciada nas áreas de *areias* (regossolos), nos meses de setembro e outubro, por serem mais leves e

de fácil operacionalização, o que favorece à constituição de uma reserva de água a média profundidade do solo. São áreas com potencialidades agrícolas devido à facilidade de manejo e às boas respostas com pouca chuva.

As demais áreas: cascalhentas, pedregosas e de textura argilosa (brunos não cálcicos), conhecidas pelos produtores como área de *carrasco*; solos ricos derivados de calcário (cambissolos latossólicos) chamados como área da *serra*, boa para plantio de milho, feijão e mandioca; solos de textura e características variadas (solos e aluviões/coluviais), conhecidos como *caminho da serra*, seriam trabalhadas após as chuvas. Além das recomendações técnicas sobre a capacidade das terras, a comissão elaborou um instrumento de controle dos serviços realizados, com programação previamente estabelecida. Haveria um ajudante para o motorista, mediante remuneração que só deveria ser paga após o trabalho realizado. A remuneração do tratorista seria calculada sobre o número de horas trabalhadas, mais 10% desse total de horas.

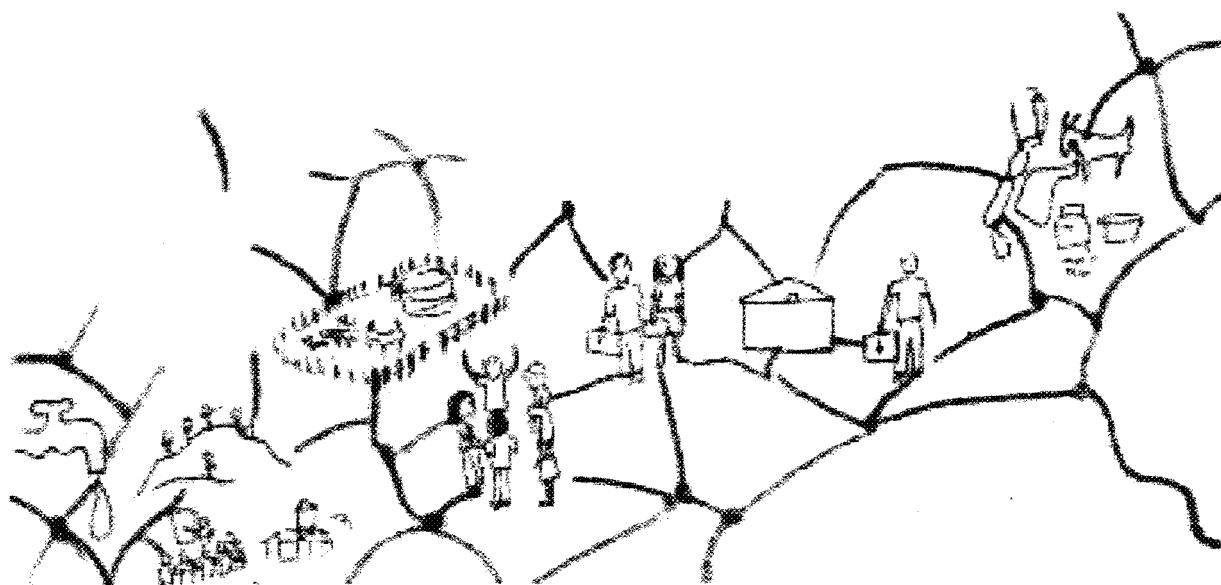
O saber ia se produzindo na comissão quando esta colocava em prática o exercício de pensar o planejamento, o acompanhamento, a redefinição das ações, a avaliação coletiva da atuação dos equipamentos nas comunidades. Traçadas no coletivo do CAAM, as estratégias de controle do uso dos equipamentos vão se movendo a partir da invenção do cotidiano sistemático, desdobradas em outras conexões. Essas práticas se articulavam com a política implementada na aquisição do trator, e vão dando maior visibilidade ao movimento que vai circulando na rede de saber e práticas políticas, operando-se diferentemente entre as comunidades e o CAAM, exigindo uma implicação constante no seu exercício.

A análise dos dados mostra que os desdobramentos dos trabalhos de acompanhamento do trator vêm sendo feitos pela comissão, que dá visibilidade àquilo que se tece na rede de poder. O ajudante, que foi indicado inicialmente para apoiar o tratorista, não correspondeu à sistemática elaborada, sendo dispensado de sua função. Por outro lado,

a comissão começou a perceber que a programação vinha sendo modificada, por alguns "espertos" que abusavam da "boa-fé" do tratorista, usando o nome do presidente do CAAM para passar na frente da programação, desrespeitando, assim, os critérios antes traçados em reunião de planejamento da comissão. Essa questão foi sendo sutilmente levantada nas reuniões do CAAM, sem deixar claro quem estava usando o artifício de passar na frente de outros. Alguns representantes da comissão preferiram se afastar a ter que encarar de frente o problema, alegando falta de tempo. A questão vem para dentro do Comitê, que também buscou resolvê-la pela via individual, conhecida como uma das estratégias tecidas no percurso do Comitê. Mesmo quando não interessa ao CAAM tratar de questões polêmicas coletivamente, elas ocorrem nas diferentes relações do cotidiano, que se desdobram a partir do envolvimento político de algumas comunidades com vereadores e deputados da região, e que não são ignorados pelo Comitê. E não são tocadas em nenhum ponto da discussão sobre a atuação do trator, para não se defrontar com as diferentes percepções de algumas comunidades com aquilo que permite definir qual seria a melhor política de atuação para atender às necessidades solicitadas por todos seus usuários.

Esses movimentos têm a ver com a questão colocada por Foucault, quando diz que o poder não existe como algo unitário e global, mas como formas heterogêneas, em constantes alterações. O poder deve ser considerado não como uma coisa; mas como uma prática social e, como tal, constituída historicamente. O poder não está centralizado num só lugar ou pessoa, é algo que circula e se exerce em rede. Nesse sentido as ações e embates individuais e coletivos vão colocando no centro das discussões do Comitê que as relações estratégicas se definem pela eleição das soluções concretas indicando as necessidades de respostas aos problemas vividos no cotidiano da própria experiência.

**"... para que a manhã, desde de uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos."**



CAPÍTULO V

5 - A ERUM: NOVA EXPLOSÃO NO CAAM

Os dados captados das entrevistas realizadas com a comissão de capacitação, professores, alunos, pessoas chaves e fotografias foram analisados considerando o modo como as diferentes estratégias formuladas pelas mulheres e os demais segmentos se processam na relação escola-comunidade e como estas respondem aos objetivos de uma educação diferente nas comunidades. Procura-se compreender a dinâmica de atuação das mulheres a partir das ações anteriores realizadas no percurso do Comitê e das comunidades. A análise é também referenciada a partir das decisões tomadas pelo comitê ao longo de sua trajetória e organização. Refere-se, portanto, ao esforço de síntese, que procura compreender as mudanças no processo e dar visibilidade à luta pela educação diferente e seus impactos nas comunidades e na região. Neste sentido, a análise buscou compreender que, em termos de mobilização as questões da produção (regularização do fundo de pasto, melhoramento de pastagens), ligadas à luta pela água (distribuição de água nas comunidades), à aquisição dos equipamentos públicos (caminhão e trator) iam se desarticulando dos demais eixos do projeto, tornando-se necessário esboçar outras estratégias que dessem sustentação às ações que vinham sendo realizadas pelo CAAM ao longo do processo. Era preciso dar um novo sentido na organização dos produtores. Enquanto isso, outras redes de relações iam se tecendo no CAAM, e nelas as nossas práticas (técnicos) iam também se produzindo.

5.1.1- A ERUM: Um sonho investido no coletivo

Em 1990, estruturou-se o segundo intercâmbio entre produtores e técnicos do Brasil e da França com o objetivo de conhecer os sistemas de produção de Hautes Garrigues e o sistema de educação rural da França. Entre diferentes experiências visitadas, a que mais tocou a equipe, particularmente à professora e coordenadora das escolas isoladas do município de Juazeiro, Valdete Bispo Serafim, foi a experiência pedagógica de uma escola rural estruturada num modelo de educação fundado nas experiências locais e na cultura. Ao voltar, a professora começou a semejar no comitê a discussão do tema educação.



Foto: Professora Valdete Bispo em reunião do CAAM (Arquivo ADAC - nov/93)

Em reunião do comitê, dizia a professora: "*o meu maior sonho é um dia ver uma escola como aquela em nossas comunidades*". A discussão de uma educação diferente, voltada para a realidade das comunidades, tomou um alcance muito maior do que um simples desejo individual, e desembocou noutras iniciativas nos diversos segmentos do comitê.

Como fruto dessas articulações, novas forças políticas em torno da educação começavam a se fazer nas comunidades, no CAAM, e nas instituições de apoio. Surgiu no Comitê e nas diversas instituições parceiras do trabalho, sob a coordenação da ADAC, no final de 1992, o projeto do Centro de Formação Rural de Massaroca (Cenform), conhecido como projeto de capacitação, cujo objetivo seria articular os diversos segmentos de organização do CAAM, ao tempo em que foi constituída uma Comissão Interinstitucional (formada pelas parcerias-Prefeitura Municipal de Juazeiro, FFCLJ, EBDA, Embrapa Semi - Árido e Upagro, coordenada pela Associação de Desenvolvimento e Ação Comunitária -

Árido e Upagro, coordenada pela Associação de Desenvolvimento e Ação Comunitária - ADAC). Esta comissão contou com o apoio de uma missão composta por alguns educadores com experiência em Educação Rural e Desenvolvimento, com representantes da França e do Brasil, cujo objetivo seria pensar um novo projeto de educação voltada para a realidade local.

Em meio a esses desdobramentos, novos desafios eram lançados ao CAAM. A educação surge como uma grande força e se impõe como uma necessidade política com diferentes dimensões. Nesse sentido, a discussão e a participação das comunidades foi intensa. As mulheres e os jovens demarcaram seu espaço, participando e dando opinião. Para dar encaminhamento às diferentes propostas surgiu, na organização interna do comitê, a Comissão de Capacitação, tendo nas mulheres a maioria de seus representantes. A comissão ficou incumbida de elaborar e acompanhar as atividades voltadas para a criação de um projeto de capacitação, bem como promover uma ligação entre a escola e a comunidade.



Foto: Capacitação dos professores da ERUM
(Arquivo ADAC - jun/94)

As comunidades desejavam uma educação diferente daquela que existia na região. Elas queriam uma educação que abarcasse a dimensão da experiência produzida no CAAM e que levasse em conta a organização das comunidades. Assim, começou a despertar nas comunidades o desejo de construir uma escola também diferente, com o envolvimento direto das comunidades, dos pais, dos alunos, das comissões de apoio e

do CAAM. Nesse campo problemático, novas parcerias se articularam ao CAAM na criação do projeto de educação, e duas linhas de trabalho foram pensadas. Uma delas

voltada para a formação de professores com apoio dos parceiros - IRFED⁴⁰, LPA⁴¹, Associação Serra-Serrane e FFCLJ⁴²; e a outra com a participação da comissão de Capacitação. Ambas discutiriam nas comunidades a proposta de criação da escola.

A elaboração de uma proposta pedagógica para a escola foi atribuída à Comissão Interinstitucional, articuladora das diferentes parcerias do projeto, com a responsabilidade de pensar um projeto que abarcasse a concepção de educação voltada para a experiência coletiva das comunidades. A comissão teve uma participação fundamental nesse processo. Composta por técnicos também atravessados pelo desejo de construir uma escola diferente e de acompanhar a problemática em torno da questão política que se traçava no jogo de forças, operou nas formas de articulação que funcionam como dispositivos vivos entrelaçados no processo e nas relações múltiplas. Isso para que fosse possível efetivar uma articulação da comissão interinstitucional, para desenvolver um processo de reflexão e análise, de proposta que impusesse uma mudança de percepção das situações locais. Essa articulação deveria desembocar em busca de aliados. Aliados que se caracterizariam por constituir um projeto de educação com diferentes processos, onde se possa expressar um investimento coletivo, onde se possa avaliar, todos juntos, a consistência do mesmo.

A proposta foi elaborada em parcerias e se fundamentou em cinco blocos temáticos, levando-se em consideração os aspectos mais intensos da vida do Comitê: *espaço, organização, processo produtivo, necessidades de vida e convívio social*. Os blocos tinham como fonte inspiradora a lógica e a produção dos conhecimentos concebidos no cotidiano das comunidades. Com base nos blocos temáticos, a proposta objetiva construir uma experiência de desenvolvimento local, na qual os seres humanos se organizam para transformar os recursos naturais. A ocupação do espaço seria trabalhada na mobilização do trabalho e da tecnologia, tendo em vista a valorização do processo produtivo e a satisfação

⁴⁰ Institute de Recherche, Formation, Education et Développement

⁴¹ Lycée Professionel Agricole/France

⁴² Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Juazeiro que, em 1997, após a reforma das universidades estaduais da Bahia, passou a ser denominada de Departamento de Ciências Humanas III (DCH III).



das necessidades. Nessa perspectiva, a vida social seria estudada na sua organização, produzindo outro convívio social. A relação da escola com a comunidade se fez na discussão de temas de interesse geral: animação sociocultural, expressão da força criativa existente nas pessoas inseridas no cotidiano do CAAM.

Foto: Blocos Temáticos (Arquivo ADAC - jun/97)

5.1 2 - A ERUM e as forças em jogo

A educação foi mais um eixo do PGD e teceu-se na rede de práticas políticas constituídas pelas comunidades nas relações de poder. Ela remete a uma visão estratégica do CAAM, que move o processo educativo e põe a rede de relações de poder diante de uma política do saber. Pode-se dizer que a educação é um ponto de concentração de relações que se cruzam como jogo de forças, nessas comunidades e no poder local instituído que, sem dúvida, operam ora reconhecendo a importância da representação coletiva do Comitê, ora se apropriando dos meios da organização ou dos meios de expressão política na luta pelo desenvolvimento.

É evidente que nenhum movimento molecular, como afirma Guattari (1996: 142), sobrevive durante muito tempo sem estabelecer uma política em relação às forças existentes no processo, aos problemas econômicos, à mídia, aos diferentes interesses, etc. Nesse percurso, a Comissão de Capacitação vai articular suas ações ao projeto de educação da

ERUM que, através de blocos temáticos, produz os estudos de realidade. A proposta pedagógica se conectaria com os trabalhos desenvolvidos nos outros eixos do PGD (unidades produtivas, educação permanente, organização social), que forneceriam os conteúdos a serem trabalhados pela escola, simultaneamente a sua realização nas comunidades.

O projeto de educação das comunidades, dos jovens e das mulheres intensificava-se a cada dia. O embate de forças acentuava-se entre o movimento do CAAM e o poder político local, considerando que parte dos custos (construção do prédio, salários de professores, funcionários e transporte escolar) seriam assumidos pela administração pública municipal. A equipe composta de cinco professores, capacitada e selecionada pela então FFCLJ, para assumir a proposta pedagógica da escola, não sintonizava com a ideologia política do prefeito em exercício, que se baseava em critérios político-partidários para a composição da equipe. Para ele, seria mais estratégico que os professores estivessem sob seu controle. Daí decorreram também as tensões ou as lutas de poder entre professores, técnicos, Comitê e administração pública municipal. Não se tratava simplesmente de um protesto das partes envolvidas no processo, que gostariam de mostrar quem dispõe de mais autonomia, nem tampouco pressupunha uma luta em torno da escola: era a tensão própria de uma articulação política, de relações de poder e de suas estratégias traçadas para cada desafio lançado.

Os mecanismos políticos utilizados pelo então prefeito, na questão da contratação dos professores, fez surgir, no CAAM e nas comunidades, uma resistência e uma defesa profunda da proposta pedagógica. Mesmo sem dominarem o conteúdo pedagógico pensado pela equipe que a elaborou, eles consideravam a escola como a filha mais nova das comunidades e que precisava ser bem cuidada. O sentimento de conquista, por parte dos pais, do CAAM e dos técnicos era visível, e expressava um sonho guardado no imaginário da grande maioria dos pais. Por diversas vezes fomos atravessados pelas emoções produzidas na luta por essa escola. Um depoimento de pais, colocado na reunião do CAAM

em torno da escola, traduz, à sua maneira, estes momentos históricos compartilhados no processo.

"Se nós vamos ter uma escola assim, meu filho não precisa mais ir embora para S. Paulo. É uma escola que vai falar a mesma língua da gente. Vamos ter uma escola que vai estudar a história da gente, os nossos animais, o umbuzeiro, as danças, as cacimbas, as festas, o jeito da gente viver, como a gente se organiza nas comunidades e no comitê. Assim, ela vai ajudar a ter um futuro e um progresso melhor para nossos filhos. Ela vai trazer mais animação para nossas comunidades". (reunião do comitê em 8 de dezembro de 1993).

Dois anos se passaram entre a preparação da proposta pedagógica e a implantação da escola. O poder político da prefeitura não queria que ela acontecesse com os professores selecionados, pois eles estavam fora de sua tutela e controle político partidário. O CAAM não abria mão da proposta pedagógica concebida dentro da própria experiência do desenvolvimento local, tendo como blocos temáticos os eixos produtivos trabalhados nesse projeto. O esforço maior da proposta era produzir uma experiência de educação sustentada na dinâmica, na vontade e na intenção das comunidades como produtoras do conhecimento. O momento exigia um embate nas relações de forças políticas no CAAM, transformando-se em mais um desafio para os pais, os alunos, alguns técnicos e as comunidades que estavam presentes em toda parte da rede de poder. Mesmo assim, o ano letivo de 1995 começou e a escola não aconteceu, para frustração geral.

As comunidades e o CAAM não desistiam de lutar pela escola e davam continuidade aos trabalhos referentes à sua implantação. Na escolha do local para a construção da mesma, se produzia uma articulação política interna muito forte, alvo, inclusive, de muitas discussões, críticas, divergências e aprendizagem para as comunidades e parcerias.

O confronto das comunidades para a escolha do local não se daria por uma atividade política coletiva e, sim, nas articulações políticas feitas "por traz dos bastidores", pela comunidade de Lagoinha, com cinco delas que compõem o CAAM, para sediar a

escola. Nestas estava o interesse para a obtenção de energia elétrica e água encanada. As comunidades divergiam do local e indicavam outro, mas, ao mesmo tempo, legitimavam as justificativas de Lagoinha, que alegava a distância de apenas 5km da rodovia, que liga Juazeiro a Salvador, portanto futuramente seria mais fácil a instalação da energia elétrica e da água. Essas reivindicações sendo atendidas melhorariam as instalações do prédio escolar, assim como iriam materializar a luta dos produtores. Em meio ao clima de disputa entre as comunidades, foi realizada uma eleição para escolha do local da escola, envolvendo apenas os nove presidentes das associações que elegeram, por cinco votos a quatro, a comunidade de Lagoinha para sediar o Centro de Formação Rural.



Foto: Construção do Centro de Formação - ERUM
(Arquivo ADAC - agosto/94).

As disputas quanto à escolha do local foram mediadas estrategicamente pelas comunidades que pleiteavam o local da escola. Nesse ínterim, iniciou-se a construção da escola, a partir da disponibilidade das comunidades, que estabeleciam com as parcerias do projeto um compromisso de participação na construção das primeiras salas, realizada em sistema de mutirão. Cada comunidade fazia a sua parte, desde a limpeza do terreno, a fabricação dos tijolos, até os serviços de ajudante de pedreiro. Simultaneamente ocorriam as atividades

de capacitação, que compreendiam a educação informal nos demais eixos do projeto.

Nesse processo, colocava-se claramente a questão do poder instituído, com a oposição do então prefeito, ao projeto de escola nos termos em que ela estava sendo concebida. Essa posição foi sustentada pela secretaria municipal de Educação e

intensificou, ainda mais, a luta das comunidades pela escola. A Comissão de Capacitação, os técnicos e o CAAM fizeram reuniões em todas as comunidades, apresentando e discutindo a proposta pedagógica estruturada em seus blocos temáticos, fortaleceu-se, assim, o projeto perante as comunidades, e a necessidade de sua implantação. A partir desse conhecimento, os pais foram se apropriando do projeto e da educação que os filhos iriam ter. Fazia-se o movimento pela escola e pela contratação dos professores selecionados, o que constituiu uma exigência política das comunidades e do CAAM.

5.1 3 - O CAAM e a decisão política pela ERUM

O CAAM, nesse processo, traçou as estratégias políticas propostas pelo coletivo e exigiu do prefeito municipal que a escola saísse naquele ano letivo de 1995, pois havia 27 *alunos sem matrícula e 212 famílias esperando por ela*. A partir dessa decisão, o CAAM iniciou a negociação com o prefeito em torno do funcionamento da escola e como se efetuaría a contrapartida do município, na parceria formulada através de convênio entre os demais parceiros. Nela ficou definido que a legalização da escola seria da responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação que, por sua vez, indicaria sua direção.

Essa negociação foi considerada positiva pelo CAAM. “*Foi meio a meio*” - consideraram. “*Eles não abririam mão da indicação do diretor, mas nós também não abrimos mão dos professores que capacitamos*”. A notícia se espalhou, alegrando a todos, e a tão desejada Escola Rural de Massaroca - ERUM - foi legalizada, produzindo-se uma nova força organizativa para o CAAM e as comunidades, força que se dobraria mais tarde, em novos embates entre a secretaria municipal de Educação, professores e as comunidades.

A inauguração do Centro de Formação Rural foi no primeiro dia de aula da ERUM, em 22. 05.1995. *Foi um dia especial para todos!*... Um público diferente ocupou o espaço da sala de aula. Havia, sim, alunos, professores e técnicos. Mas a grande maioria dos



Foto: 1.º Dia de aula da ERUM (foto ADAC – 22/mai/95)

assentos estava ocupada pelos pais, mães, comissões e outros convidados que nunca tinham participado de reuniões do CAAM e das comunidades, ali presentes. A aula foi dada para todos, abordando o tema: *"um sonho que se tornou realidade"*. Jamais se ouvira uma aula desse tipo naquela região. Os espectadores ficavam atentos às falas. Quem falava não eram apenas os professores, mas os pais, os alunos, os membros das comissões e os

técnicos entre outros. O sentimento de alegria cintilava no olhar de todos!

A ERUM começou com a 5^a série, em função da demanda expressiva dos alunos das comunidades, que estavam aptos a iniciar essa experiência de educação. De início, a Secretaria Municipal de Educação não previa nenhuma ação para o acompanhamento e manutenção da escola, precisamente no que se referia a recursos materiais e merenda escolar, conforme havia sido negociado anteriormente entre o comitê e o prefeito, criando-se um embate de forças no campo administrativo da escola. Os professores, os alunos, as comunidades não compartilhavam esse "descaso" da secretaria de Educação para com a ERUM. Mas, por outro lado, as articulações com o poder (prefeito e a câmara de vereadores) iam se fazendo por representantes do CAAM, na busca de funcionários para a escola (duas zeladoras e uma auxiliar administrativa), oferecendo, em contrapartida, estabelecer um compromisso de troca de votos para os futuros pleitos eleitorais. A escola, constituída com base numa luta política das comunidades, alunos e técnicos, atravessa sua gestão com acordos que se operam em torno de sua administração pelos mecanismos de atendimento aos diversos interesses tecidos nessa rede de relações.

Em pouco tempo, as posições políticas contrárias à implementação da proposta pedagógica foram se tornando visíveis, e mudanças aconteceram no processo em experimentação. O diretor indicado pelo prefeito, segundo critérios político-partidários, não se adaptou ao cargo nem à proposta pedagógica da escola. Tratava-se aí da escolha da interdisciplinaridade que entremeia os conteúdos programáticos e a metodologia, que iam sendo articuladas a partir dos blocos temáticos, conforme a estrutura curricular da ERUM, assim organizada:

O bloco Espaço tem como objetivo estudar as origens e evoluções dos espaços do mundo rural, do mundo urbano, do planeta, a partir das problemáticas e potencialidades do espaço rural onde a escola está inserida. Este bloco tem à frente a disciplina Geografia, mas integra contribuições de Português, Matemática, Educação Artística.

O bloco Organização Social prioriza a organização do homem no espaço em que vive para poder produzir melhor. Nesse bloco a escola procura desvendar o processo de organização social do homem rural, buscando conhecer os seus problemas no desenvolvimento do espírito de ajuda mútua e a construção da solidariedade. Este bloco é puxado pela disciplina História que, a partir da organização familiar, estudas as demais organizações sociais do país e do mundo, com a participação dos alunos e das comunidades, integra-se com Português, Religião e Estudos Sociais.

No bloco Processo Produtivo a escola estuda os vários processos produtivos do mundo rural nordestino, indo desde as técnicas utilizadas para produzir até o destino final da produção. Estuda-se também a relação entre a produção e a comercialização: produtores, atravessadores, consumidores e o mercado. Busca-se entender qual o percurso, como produzir, como valorizar o produto. Este bloco é coordenado pela disciplina Técnicas, apoiado por Português, Matemática, História e Ciências.

O bloco Necessidades de Vida disciplina Ciências tem o maior peso e busca trazer a ação do homem na transformação do espaço para discutir dentro da sala de aula e ao mesmo tempo levar o conhecimento da escola para as comunidades. Estuda e propõe possíveis soluções para os problemas e as necessidades do homem em conviver com a caatinga. Neste sentido a escola trabalha junto aos técnicos que assessoraram o projeto de capacitação, numa ação conjunta e interinstitucional, com alunos professores e comunidades, a depender da necessidade que ocorrer no processo.

O bloco Convívio Social tem como objetivo fortalecer a relação escola /comunidade. O tema a ser trabalhado impõe uma reflexão dos conteúdos trabalhados em cada unidade e todos os professores responsáveis pelos blocos temáticos atuam aliados nas turmas e atividades estabelecidas. As comunidades participam desde o planejamento das atividades até a realização do evento. Esse bloco surgiu após quatro anos de existência da escola e acontece duas vezes em cada unidade escolar. (Proposta Pedagógica da ERUM: 1995).

Em meio às competências dos professores, que se lançaram no desafio de executar a proposta, estava o diretor, que apenas exercia o cargo de confiança do prefeito e da secretaria de Educação, e não dirigia o projeto de educação em experimentação. O CAAM queria e acreditava no projeto de escola, que estava sendo realizado e, por isso se mantinha na rede de negociações, e exigiu a substituição desse diretor, para que a qualidade do projeto pedagógico não sofresse quebra, comprometendo a relação escola-comunidade.

O CAAM negociou, em 1998, politicamente com vereadores, secretária de Educação e o prefeito, a substituição do diretor, posicionando-se como defensor do projeto da escola e sua qualidade de ensino. Essa negociação foi considerada pelo CAAM e pelos pais dos alunos como mais uma luta em defesa da educação. Repetiu-se, com o segundo diretor indicado pela prefeitura, a falta de adaptação ao projeto de educação desenvolvido pela escola, repercutindo seriamente na relação da escola com a comunidade e com os demais professores. O ambiente foi transformado num lugar de "leva-e-traz" para a secretaria de Educação, desmobilizando as atividades pedagógicas e ligando-as às ações políticas do Partido dos Trabalhadores (PT), em desagravo ao controle político do partido do prefeito, Partido da Frente Liberal (PFL). O CAAM e a comissão de capacitação estiveram presentes em todo o processo que a escola estava vivenciando, e novamente exigiram a saída do diretor. Passou, ele mesmo, a fazer a indicação da direção e exigir do prefeito a sua contratação.

O nome indicado pelo comitê foi acatado pelo prefeito, que reconheceu o peso político do comitê, não só na sua organização interna como na sua contribuição no campo da educação para o município, além de não querer arriscar um desgaste político da prefeitura perante o comitê. Um novo diretor chegou à ERUM, capacitado junto com primeiro grupo de professores. Isso lhe facilitou a integração à equipe e ao projeto de educação. Sua atuação foi traçada a partir da discussão com os segmentos que compunham a escola-comunidade, e se produziam no enfrentamento dos problemas que iam ocorrendo simultaneamente com professores, funcionários e comunidades. Esses problemas são

colocados e acatados em assembléia do CAAM. A partir de um novo tipo de prática educativa, ético-política e estética, as forças políticas vão se alterando e outras formas de engajamento são recriadas nesse processo, quando as comunidades começam a dizer que não mais vão suportar um diretor que trabalhe contra o projeto de educação da ERUM.

5.1.4 - A ERUM alterando os modos de existência das comunidades



Foto: Transporte escolar (Arquivo ADAC - mai/95)

O transporte escolar é uma condição básica para as escolas rurais funcionarem a cada ano no município. A distância das comunidades até à ERUM impõe a necessidade do uso do mesmo. As articulações políticas, com vista à organização desse transporte, são feitas nas comunidades com os "cabos eleitorais," alimentando a política clientelista e individual em meio à

demandas escolares. Essa é uma situação tensa, um dinamismo que está se recriando a cada conexão em torno da ERUM, que surge em termos da manutenção de outros interesses (cargos de motoristas, zeladores, serviços gerais, serviços burocráticos e etc.). É largamente conhecida, no início de cada ano letivo, uma verdadeira corrida dos proprietários de veículos (quem não tem procura comprar) e disputar vagas para a contratação de seus carros, mantidos pela prefeitura e destinados ao transporte dos alunos. São favorecidos nessa disputa aqueles que têm maior jogo de forças políticas e alimentam esse sistema. Essa estratégia política é articulada fora da assembléia geral do CAAM, e vem se desdobrando nas comunidades como uma nova alternativa de assalariamento no meio rural, manifestando-se em muitos jovens e produtores mais velhos o desejo de permanecer no seu lugar, com um salário para somar-se à manutenção do sistema produtivo.

Esse processo leva a se estabelecer uma clara distinção entre o desejo dos jovens rurais de hoje com os de 20 anos atrás. Esses últimos iam para São Paulo, trabalhavam numa média de 8 a 10 anos, juntavam o dinheiro e voltavam à terra com o objetivo de dar continuidade ao desenvolvimento da vida e do seu sistema de produção, mais especificamente à caprinocultura. Atualmente, alguns jovens vão para São Paulo, juntam dinheiro em menos tempo, voltam e compram um carro para alugar ao município como transporte escolar, em troca de um salário. Dispõem de outras saídas econômicas tecidas na própria comunidade, resultantes do modo como se colocam e recolocam as estratégias, através do processo incessante de invenção entre as pessoas e grupos que partilham de outras experiências e se cruzam com situações semelhantes às histórias vivênciadas anteriormente.

Os modos de operar essas estratégias políticas não são ignorados e vêm sendo retomados em extensão e profundidade, nas assembleias gerais do CAAM, por um representante de uma comunidade que tenta problematizar as negociações políticas que têm por base o clientelismo. *"Por que o CAAM como força política e representativa de todas as comunidades não toma a frente dessas negociações?"*? Alguns dirigentes do CAAM, normalmente, tratam as questões de conflito fora das reuniões de decisão coletiva, à base dos conhecidos “bastidores”, ou seja, quando surgem situações que expressam um desejo coletivo, que contrariam alguns interesses individuais, tem-se a nítida impressão de assistir-se a uma sessão plenária do congresso nacional (levadas ao conhecimento público através da imprensa nacional), ao tratar de assunto que não interessa aos blocos da situação ou da oposição. De igual modo, a estratégia usada por alguns dirigentes é o esvaziamento da discussão, tornando o assunto sem importância política, portanto sem nenhuma decisão da ordem do poder coletivo. Entende-se assim, segundo Foucault "o poder em exercício vai muito mais longe, passa por canais mais sutis, muito mais ambíguos, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder, por isso veicula poder. O poder não tem

necessidade de ciência, mas de uma massa de informações, que ele, por sua posição estratégica, é capaz de explorar".

5.1.5 - A ERUM tecendo outros fios da rede de relações

Em meio às estratégias em torno de manutenção da escola, constituíram-se novas articulações entre o Comitê e outros parceiros como o CCFD⁴³, para apoiar a experiência, mais especificamente, no eixo da organização. Os recursos financeiros da prefeitura, destinados à escola, eram insuficientes. Os recursos da Cooperação com entidades francesas não mais atendiam ao volume de trabalhos que foram surgindo no processo. Os impactos das diversas secas iam levando o Comitê a pensar outra forma de garantir a existência do projeto, principalmente o eixo de educação formal que ora se constituía, e muitas discussões se processaram na busca de uma saída econômica e política para o Comitê, pois tudo levava à necessidade de traçar múltiplas estratégias para dar conta de novos desafios lançados.

Nesse processo de discussões, abre-se caminho para novas redes de saber: as questões, que estão envolvidas na prática da ERUM, inserem-se na experiência concreta do Comitê. Desse modo, surge um indicativo da Associação Serra-Serrane para dar apoio ao projeto, sobremaneira na concepção e produção da proposta pedagógica e nas demandas de formação e capacitação. Constitui-se num espaço, antes inexistente: o Comitê poderia investir também na área irrigada. Entre os técnicos que apoiavam o projeto, havia duas posições: investir nas experiências de irrigação de salvação localizada a partir de poços ou mesmo barreiros, com utilização de cata-ventos, ou ter acesso a terras irrigadas, perto do rio ou nos perímetros irrigados. As duas linhas de ação foram experimentadas.

⁴³ Comité Catolique Contre la Faim et pour Développement.

As pequenas irrigações com cata-vento foram instaladas em duas comunidades, com a implantação de hortas comunitárias, não absorvidas pelas comunidades, uma vez que a perspectiva de produção coletiva surgiu a partir dos técnicos. Esta idéia foi se esvaziando no decorrer dos trabalhos das hortas por falta de acompanhamento das comunidades. Atualmente uma comunidade reivindicou ao Comitê que o cata-vento fosse transferido para sua propriedade, que dispõe de uma cacimba com água suficiente para a implantação de uma pequena irrigação. A proposta foi aprovada em reunião do Comitê, e a comunidade desenvolve individualmente um projeto de pequena irrigação com hortaliças e fruticultura destinadas ao consumo familiar.

5.2 O lote irrigado: mais um desafio lançado ao CAAM

Os dados produzidos na pesquisa, referencia-se no percurso histórico do comitê e na análise dos relatos das pessoas - chaves, além dos trabalhos realizados pela comissão do lote. Retoma-se a idéia do lote irrigado e a estratégia política surgida no comitê, desde 1989, quando uma equipe de produtores franceses realizou o segundo intercâmbio (o primeiro aconteceu em 1988 na França) nas comunidades rurais de Massaroca. A partir de então, criaram a Associação Serra - Serrane, cujo objetivo era mobilizar recursos financeiros através de entidades internacionais, a fim de garantir o projeto de desenvolvimento do CAAM. Discutia-se então que outras alternativas deveriam surgir para garantir o projeto. Os produtores franceses propuseram ao CAAM a possibilidade de investir na agricultura irrigada, com alto potencial de retorno de investimentos na região. Isso alimentaria uma fonte de renda segura, sem necessariamente recorrer a recursos externos.

A proposta de aquisição do lote suscitou muito debate entre o CAAM e os franceses, transformando-se num clima de muita expectativa e novo desafio para o Comitê. A proposição foi aceita e as estratégias foram pensadas seguidamente. Muitas questões

levantaram-se, tanto pelos franceses como pelo CAAM, como: será que vamos produzir mesmo? Quem vai administrar essa propriedade? A proposta é muito arriscada! Nesse sentido, definiram que o lote iria ser implantado com fruticultura (uva, manga, acerola) por esta representar um investimento mais seguro.

A Associação Serra-Serrane propôs, como sócios, cinco produtores franceses que iriam investir no negócio junto com o CAAM. Assim, foi efetuada a compra de um lote irrigado com 25 ha. de fruticultura, no vizinho município de Petrolina-Pe. Nele o CAAM teria a maior quota-parte, correspondendo a 5/8 (cinco oitavos). Foram apresentados vários pontos pelos produtores franceses e pelo CAAM: a administração do lote deveria ser feita por um gerente com experiência no sistema de produção e comercialização em área irrigada; os cinco produtores franceses seriam responsáveis pela administração; a Associação Serra-Serrane ficaria como responsável pela realização do projeto e pela articulação entre o lote e o CAAM.



Foto: Comissão do lote (Arquivo ADAC - mai/95)

Ao longo de 10 anos, a administração e a produção do lote foram realizadas pelos produtores franceses e pela associação Serra-Serrane. Em 1995, foi formada a comissão do lote no CAAM que passaria a fazer o acompanhamento dos trabalhos a cada dois meses. A mesma alegava que não detinha as informações necessárias sobre os procedimentos adotados na condução dos trabalhos, o que

dificultava compreender os mecanismos de administração do lote. Tratava-se de mais um desafio colocado ao CAAM, que teria que administrar um sistema de produção diferente

das atividades produtivas da agricultura de sequeiro,⁴⁴ administrando uma área irrigada com fruticultura, que se mantém em constante articulação com o mercado interno e externo, ou seja "teria que articular a produção de bode com a produção de fruta", a agricultura familiar com a agricultura empresarial voltada para o mercado capitalista exportador.

Evidentemente, essa transformação, ocorrendo na agricultura nos moldes capitalistas de produção, coloca em questão como os produtores estão tentando dominar esse modo social de produção (agricultura irrigada), ao qual eles ainda não estão inseridos. O comitê vai assumir um trabalho que vem funcionando há mais de dez anos como um empreendimento de resultados positivos, inclusive levando os mesmos parceiros franceses a investirem em áreas vizinhas, no mesmo ramo de atividade.

Os dados produzidos nessa pesquisa mostram que a proposta do sistema de produção do lote exige um domínio de competências e de especializações técnicas para dar conta do projeto, pensado para atender ao modelo capitalista de agricultura irrigada. Cria-se um ponto de tensão entre a comissão do lote e a postura ideológica dos técnicos que acompanham o projeto (particularmente desta pesquisadora), em relação ao modelo tecnológico subordinado ao uso de agrotóxicos), o que acabou dificultando um acompanhamento técnico mais especializado (da mesma) desse sistema de produção. Mesmo assim, atravessada pelo desejo de que este novo desafio fosse enfrentado, a ADAC decidiu estudar a questão, e vem dando assessoria aos trabalhos da comissão. Surgiu, no processo de acompanhamento, a necessidade de mudar as estratégias de visitas do lote, para que fosse dada maior visibilidade ao trabalho. Atualmente a comissão vem discutindo com o gerente administrativo o balanço financeiro, inovações no sistema com outras culturas, e novas sugestões começam a surgir no sentido de entender como as forças presentes no lote (gerente /administrador, franceses, Comitê), atuam de diferentes modos em termos de visibilidade dos lucros daí decorrentes.

⁴⁴ Agricultura que só produz através de chuvas.

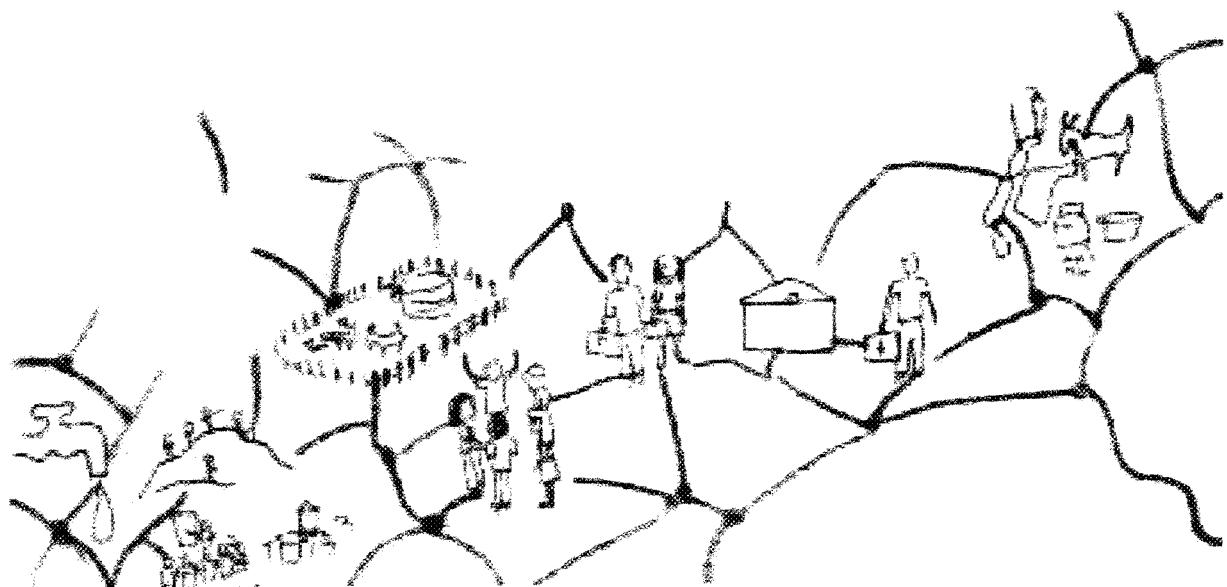


Foto: Destino da produção do lote (Arquivo-ADAC - abr/99)

O recurso proveniente do lote é o responsável pela manutenção financeira do CAAM e do projeto de capacitação, que também trabalha com a educação informal. No ano de 1999, quando se comemoravam os dez anos de parceria entre os produtores de Massaroca e os franceses, foi proposta ao CAAM a compra das quotas-partes dos demais proprietários. O CAAM após refletir sobre a viabilidade do negócio, definiu

por aceitar a proposta, negociando o parcelamento do pagamento até final de 2002. A partir dessa decisão, o CAAM foi ampliando o acompanhamento das atividades do lote e passou a discutir com o gerente, com os franceses e as comunidades, as diferentes formas de assumir a responsabilidade jurídica do lote sob sua administração. Esse movimento, captado pelos dados da pesquisa, reflete a atuação da comissão do lote, o que explica como a educação vem se processando nos diversos fios de uma rede de saber nas práticas coletivas do CAAM.

"... e se encorpando em tela, entre todos se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação" ..



CAPÍTULO VI

LIGANDO OS FIOS DA REDE DE RELAÇÕES

Imaginar onde, como, com que, e o que se passa entre inúmeras experiências do CAAM ao longo de quase vinte anos dessa trajetória, é, também, atravessar por dentro desta pesquisadora. Nas palavras de Sueli Rolnik,⁴⁵ "forma-se um primeiro agenciamento que começa a cruzar com outras trajetórias: novos agenciamentos se põem a funcionar. Impossível dizer quem é quem nesse processo, cada experiência vai se conectando a outra e vai imprimindo um novo sentido." Assim também vão sendo cartografados nessa abordagem os fios que se tecem nessa rede de relações.

6.1. Como se tecem os fios da rede de relações no CAAM

Algumas das relações políticas do CAAM e das associações com as instituições públicas se tecem através de reivindicações coletivas, na busca de captação de recursos para melhoria da infra-estrutura básica: água, energia, estradas e algumas políticas sociais, como lazer, saúde e educação. Alguns modos de fazer política que se produz no coletivo, conectam-se com o poder público (prefeitura, câmara municipal), na busca de negociações individuais. É muito comum encontrar, por parte de alguns dirigentes, "pedidos" (cisternas,

⁴⁵ Mais sobre o assunto ver Cartografias do Desejo, 4^a ed. 1996, pg. 13.

reformas de casa, emprego, cercas), que acabam por transformar-se num acordo pessoal com troca de favores e votos. Esses modos de fazer política em alguns momentos satisfazem o interesse de cada um.

6.2. A educação informal no CAAM: os cursos de capacitação

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.⁴⁶



Foto: curso de pintura (Arquivo ADAC - out/98)

A educação no CAAM vem sendo constituída como um processo formativo, que se desenvolve através da educação formal e informal. O eixo de educação informal, que compreende uma formação sobre temas da cultura geral de instrução técnica, foram abarcados pelo projeto de capacitação, cujo objetivo é apoiar as

demanda dos grupos de interesses voltados para as especialidades que dêem conta da multiplicidade e da diversidade de situações surgidas no processo.

A articulação feita pela Comissão de Capacitação com as comunidades se fazia através do eixos do PGD, realizava cursos de formação com a participação de grupos de interesse e utilização de recursos metodológicos adequados a cada temática.. Os cursos eram estruturados a partir de um planejamento e produzidos em módulos específicos. Uma série de cursos poderiam se realizar ao mesmo tempo, a exemplo de unidades produtivas (manejo sanitário e animal, manejo de caatinga); educação permanente (desenho, pintura

⁴⁶ Artigo 1º da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), no 9.394, de 1996.

em cerâmica, flores, alimentação alternativa); organização (controle financeiro das associações, orçamento público).



Foto: Curso de Conservação de forragens (Arquivo ADAC - abr/00)

Nesses cursos, realizados no eixo de educação permanente, a comissão ia se dando conta da maneira como as participantes das diversas comunidades se envolviam nas atividades do curso, tomando para si cada detalhe e procurando trocar suas experiências pessoais com os conhecimentos enfocados. Muitos deles tiveram outros desdobramentos, a exemplo do curso de *Conservação e armazenamento de plantas forrageiras*, na

comunidade de *Caldeirão do Tibério*, que teve a participação integrada da comunidade e dos alunos da ERUM. Ao captarem os conhecimentos sobre o armazenamento de forragens para o período da seca, elaboraram um projeto para adquirir uma máquina forrageira afim de aproveitar as forragens nativas na época verde. Isso efetivou-se com a participação da comunidade nos trabalhos, que vinham se processando, na articulação dos técnicos com o Projeto de Educação da Escola, através do bloco temático, processo produtivo.



Foto: curso de beneficiamento de leite (Arquivo ADAC -

O eixo de Educação permanente iria articular os cursos de capacitação ligados a temas de interesse diversos, como: beneficiamento do leite, carne, alimentação alternativa, construção de cisternas, cursos de artesanato, que se conectariam com o eixo de Organização, com ações voltadas para a formação de lideranças, administração de bens coletivos. Todos esses elementos se articulariam numa nova força política do Comitê para a criação de um projeto de Educação, que daria

um novo significado à organização das comunidades. O projeto de Educação supõe a educação formal (ERUM)⁴⁷ e informal, que vão alterar os modos de existência das comunidades.



Foto: Montagem da casa de farinha rústica no bloco temático processo produtivo (ADAC - Abr/97)

dando nova cara ao CAAM, que antes estava voltado apenas para atender aos aspectos produtivos.



Foto: Apresentação do planejamento para o ano de 2001 (ADAC - mar/01)

CAAM. Como essa participação trouxe para dentro do CAAM outras questões também

A capacitação tem se dado de forma diversificada, e surge aliada à opção e aos interesses de cada um. As avaliações, feitas dos cursos pelos seus participantes, ressaltam a importância entre o conhecimento em seus diferentes aspectos: "*o prazer do encontro, o conteúdo, as dinâmicas, o domínio da técnica, a vontade de não parar mais, a alegria de todos.*" Essas forças se singularizam nessas novas práticas e estão

A partir dessas experiências, as mulheres e os jovens criaram a possibilidade de vivenciar seus próprios processos e passam a ter a capacidade de levantar propostas que se inseriam em suas atividades produtivas organizativas.

Esses cursos possibilitaram o exercício de criatividade e estimularam a participação nas diferentes atividades do

⁴⁷ Escola Rural de Massaroca- surgiu como um desdobramento do Plano Global de Desenvolvimento.

presentes na vida das comunidades? Novas práticas sociais, estéticas, novas relações de um com o outro vão sendo reinventadas e vividas por todos os indivíduos em suas existências.

Os efeitos desses cursos produziram, efetivamente, outros desdobramentos na organização do comitê, como a abertura para uma avaliação sobre a participação das mulheres e dos jovens no Comitê. A partir daí, eles passaram a compor e assumir cargos nas diretorias das associações e do CAAM, na comissão de capacitação, na comissão de equipamentos, na comissão do lote e na comissão de crédito.

A participação dos jovens e das mulheres nas comissões constitui uma conquista, num processo movido pela própria invenção, e vai pondo em questão a vida cotidiana, as relações de poder em sua forma atual com o saber, com a produção, com a economia, com o consumo, com o lazer, com a cultura, com a comunicação, com a educação, com as casas, com a dança, com a religião. São essas tentativas que acabam criando novas mudanças na vida do CAAM; segundo Deleuze e Guattari, são movimentos que se opõem às formas traçadas pelas relações de poder.

Nesse domínio, em que as questões atravessam as texturas dos agenciamentos e desenvolvem problemas, é que as atividades dos jovens e das mulheres ganham visibilidade, ao mesmo tempo em que tornam possível pensar novos projetos para as comunidades, priorizando a saúde das mulheres. Nas palavras de Deleuze & Guattari, "os problemas se apresentam, sempre desse jeito. Boa ou má, a política e seus julgamentos são sempre molares, mas é o molecular, com suas apreciações que a faz".

Não se tinha antes tratado de nenhuma discussão de gênero na vida do CAAM, mas, com a conquista de espaço pelas mulheres, foi elaborado o "Projeto Saúde e Mulher Rural", com ações voltadas para o planejamento familiar e saúde da reprodução, através de convênio com a Pathfinder do Brasil. Esse projeto provocou várias mudanças no

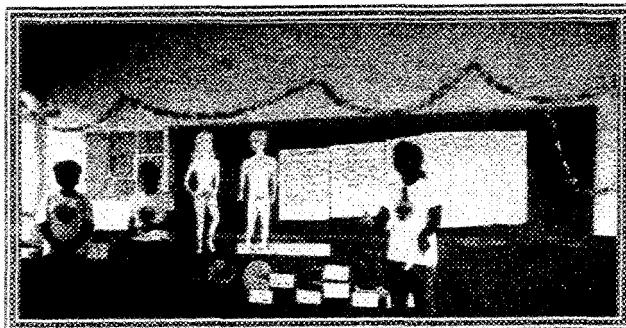


Foto: Projeto de saúde (Arquivo ADAC - jun/99)

comportamento das comunidades, no que se refere aos problemas relacionados com a saúde da mulher, sempre vistos como assunto de menor importância. Ele desdobrou-se em várias linhas de ação, destinadas a adolescentes e também à saúde dos homens, que tinham atitudes preconceituosas em relação à menstruação, gravidez e menopausa.

Referiam-se a essas fases da vida da mulher com palavras de deboche, quando falavam de alguém na fase de menopausa: "*essa já deve ter amarrado o facão*", etc., depreciando-lhe a existência. A formação dada nesse projeto tem contribuído para a discussão dos preconceitos e, atualmente, fala-se sem nenhum constrangimento sobre qualquer aspecto da saúde da reprodução e do planejamento familiar - sexualidade, gravidez, menopausa, próstata e aids - nas reuniões das comunidades e do CAAM, o que antes não acontecia. O PGD não pensara em nenhum projeto específico para mulheres. O que houve, de fato, foi uma afirmação das novas forças dentro do CAAM, nesse processo que investiu na educação, capacitação e organização.

5.3. Os cursos de capacitação cruzando-se com a escola x comunidade

Vários cursos foram realizados, concomitantemente ao trabalho da ERUM, num processo de construção do conhecimento dos grupos de interesses com a demanda desejada em cada situação. A ERUM trabalha o tema água, através do bloco temático processo produtivo, onde se fazem várias discussões entre a escola e a comunidade sobre a quantidade de água no mundo, no Brasil, no Nordeste e região; sobre os múltiplos usos da água, como se produzem as alternativas para seu armazenamento e qual o papel na transformação da produção e do espaço.



Foto: Curso de Cisternas de Placas (ADAC - fev/00)

Essas discussões vão para as comunidades onde se trabalham os múltiplos usos da água. Especificamente nesse sentido, destacou-se entre outros, o curso de cisternas voltado para capacitar os pedreiros interessados nas comunidades, que desejam investir noutra atividade não agrícola, ressaltando-se a importância que a água exerce na vida das comunidades. Nesse curso, os interessados foram estimulados a se aperfeiçoarem nas técnicas e colocá-las em circulação. Movidos por esse incentivo, alguns pedreiros buscam aprender bem a técnica. O curso de cisternas produziu outros desdobramentos, uma vez que a seca na região determina profundamente a organização da vida da população.

O CAAM, com seus pedreiros capacitados, domina uma técnica alternativa para captação de água da chuva e, assim, pode diminuir a distribuição de água através de carros-pipa e enfraquecer a política de troca de votos. À medida que a comunidade avançava, o poder instituído (prefeitura) buscava minar a organização, adentrando na produção de saber do comitê. Com um certo domínio da técnica, o comitê iniciou um programa de construção de cisternas, chamando a atenção de um técnico da prefeitura, que logo percebeu que o CAAM estaria iniciando um trabalho, na região, antes da prefeitura. Nesse sentido buscou imediatamente articular, entre a prefeitura e o CAAM, a elaboração de um convênio em parceria, para a execução de um projeto de cisternas, incluindo os pedreiros já capacitados pelo CAAM.

O CAAM negociou com a prefeitura um projeto de 40 cisternas em várias comunidades, utilizando como critério para distribuição das mesmas o maior interesse e a disponibilidade daquelas comunidades, que garantiam, como contrapartida para a

construção, cavar o buraco, colocar areia e água no local, hospedar o pedreiro em casa ao tempo em que novos pedreiros iam sendo capacitados no processo. Os pedreiros foram dominando e aperfeiçoando a técnica e, atualmente, há em torno de 100 (cem) cisternas nas casas das 212 famílias da área do CAAM, construídas pelo convênio CAAM/Prefeitura. Novas oportunidades também foram se criando para esses pedreiros que, indicados pelo CAAM, foram instrutores de cursos de capacitação em construção de cisternas em municípios vizinhos.

Além desse convênio, outras iniciativas em construção também foram feitas por produtores e políticos, que entram e saem de cena em qualquer oportunidade, no intuito de se fazerem presentes nas comunidades. É importante assinalar que as relações entre essa capacitação, o poder e o saber podem ser vistos em termos das técnicas e especializações que são incorporadas, produzindo a transformação em experiências individuais. Tanto é que, atualmente, muitas casas na região já têm cisternas, ou por iniciativa particular ou por doação de vereadores que buscam sustentar-se politicamente através de ferramentas assistencialistas de qualquer natureza.



Foto: Beneficiamento de carne de caprino (ADAC - jun/00)

No decorrer da experiência, no eixo de unidades produtivas conectado ao projeto de capacitação, alguns produtores começaram a posicionarse diferentemente em relação ao processo produtivo, atribuindo maior importância à qualidade dos caprinos e ovinos em detrimento da quantidade. Antes, nas reuniões, ouvia-se dos produtores: "*não importa a qualidade mas a quantidade*". "*Quanto mais cabras mais cabritos*". Atualmente eles afirmam: "*a gente hoje*

tem menos pastagens do que animais, nós precisamos é de qualidade". Modificações vêm ocorrendo no processo produtivo, favorecendo sua inserção no mercado.

Apesar da caprinocultura ser a base econômica das comunidades, os produtores começam a investir em maior número de ovinos, de olho no mercado dos conhecidos "bode assado"⁴⁸, que aponta a preferência dos consumidores pela carne de ovinos⁴⁹. Os produtores, ao perceberem a preferência pela carne de ovinos, investem nessa linha de produção, que se efetiva nas novas conexões com o mercado consumidor. Esse é um movimento que, para (Guattari 1996), está dado entre o nível molar e desdoblado em molecular.



Foto: Estudo de cadeias produtivas
(ADAC - abr/99)

O processo educativo no CAAM vem se constituindo na ERUM, através dos blocos temáticos, entre eles o "*processo produtivo*", que se faz na relação entre a educação formal e informal. Nos blocos temáticos são realizados estudos de cadeias produtivas que se reportam aos itinerários seguidos por um determinado produto, dentro do sistema produção/transformação/distribuição e pelos diferentes fluxos que a ele estão ligados. Compreende, principalmente, as relações entre compradores e vendedores (identificação do produto, seus agentes e operações). Estudaram-se os sistemas produtivos das comunidades, destacando-se os principais produtos: umbu, caprinos, melancia, mandioca. Também foi realizado um estudo da produção da agricultura irrigada,

⁴⁸ "Bode assado" é a denominação dada a certos restaurantes populares que servem churrasco de carne de caprinos e ovinos.

⁴⁹ Sobre o assunto ver o relatório de pesquisa publicado pela EMBRAPA: *Estudo do circuito de comercialização de carne de caprinos e ovinos no eixo Petrolina -PE / Juazeiro-BA*. Moreira, José Nilton et alii. Sem data.

desenvolvida no lote irrigado do Comitê.

A compreensão desses estudos desdobrou-se numa angústia muito grande por parte dos alunos, ao se depararem com a figura do intermediário/atravessador dentro da cadeia produtiva. Para alguns alunos, o que se tornou mais constrangedor foi reconhecer que esses agentes, muitas vezes, eram os próprios pais, irmãos e primos, pois, na relação comercialização/mercado, os laços sanguíneos e afetivos, de amizade e solidariedade, são substituídos pela lógica individual do lucro de seus produtos, que Guattari, (1996, 132), na sua análise micropolítica, situaria exatamente no cruzamento entre os diferentes modos de apreensão de uma problemática. É claro que os modos não são apenas dois: sempre haverá uma multiplicidade, pois não existe uma subjetividade de um lado e, de outro, a realidade social material.

Indagações surgem para problematizar o campo das práticas dos atravessadores nas comunidades, remetendo, todavia, ao desenrolar de um outro processo. De que modo essas práticas mostram as repetições que se impõem pela ação das linhas molares? Qual é a atuação do CAAM, já que os atravessadores são tratados por alguns jovens como exploradores, uma vez que determinam os preços dos produtos dentro da cadeia produtiva?

Vê-se assim que, nesse nível de análise, não se tem, na organização do CAAM, nenhuma linha de ação determinada para dar conta das questões de comercialização da produção. A cada vez que esse assunto é cuidadosamente colocado nas reuniões do CAAM, ouve-se da maioria dos produtores que as ações dos atravessadores "*chegam a ser um mal necessário, pois eles vão pegar os produtos na roça, mesmo pagando mais barato*". Assim, os produtores evitam maiores despesas com o transporte para Juazeiro ou outro local, além de ficarem livres da fiscalização, "*que de vez em quando pega um irregular por dentro do mato*". Nesse sentido, tem-se uma problemática sempre se colocando e se recolocando.



Foto: Estudo sobre a cadeia produtiva da uva (ADAC - ago/99)

Essa questão vem sendo tratada, na ERUM, não como um problema de infra-estrutura mas como um campo problemático. Nesse sentido, foi realizado o mesmo estudo com o objetivo de estabelecer-se uma comparação com a cadeia produtiva da uva (produzida no lote do Comitê), observando-se os mecanismos compreendidos desde as etapas de preparação do solo até o destino final do produto - o mercado. Na oportunidade, quando o estudo se realizava no lote, acontecia a venda da produção a intermediários de várias regiões do Nordeste e os alunos questionaram bastante, buscando entender como é a lógica de um sistema de produção destinado ao mercado exportador. O método de estudo desenvolvido evidenciou que essa estratégia de produção, mesmo que quisesse fechar-se em si mesma, não poderia, teria que se conectar com o mercado. Com isso, a comunidade pouco a pouco vai se abrindo para esse mundo e a educação está dando ferramentas práticas para isto.

5.4. Os jovens expressando seu desejo



Foto: Reunião dos jovens (ADAC - set/99)

O estudo de cadeias produtivas fez despertar, nos alunos da ERUM, o desejo de produzir um novo saber no Comitê, ao propor a discussão de uma nova forma de organização que valorizasse a produção das comunidades, bem como pensar uma alternativa que diminuisse a ação livre do intermediário-atravessador na região.

A partir dessa proposta, os professores da ERUM dispuseram-se a discutir os sistemas econômicos do país e do mundo. Ao estudarem o capitalismo, o socialismo e o cooperativismo, os alunos foram atravessados por vários sentimentos, e se deram conta de como o capitalismo se produz nas comunidades, e como se processa na fase de comercialização dos produtos e subprodutos: os animais, sob a forma de carne, pele e leite; a mandioca, sob a forma de farinha; a melancia e o umbu que são vendidos a preço baixos nas próprias comunidades, submetidos à ação dos intermediários. O relato de um aluno entrevistado mostra seu pensamento a respeito do assunto e remete mais uma vez aos fios da rede que tece o cotidiano dessa experiência.

"Vimos, que para resolver o problema da exploração dos nossos produtos, a solução é montar uma cooperativa e uma pequena industria para que possamos transformar e vender diretamente, a curto, médio e longo prazo. Mas, como fazer se os produtores não acreditam, para eles, isso é uma grande ilusão.

Meu pai me ensinou a plantar melancia e criar bode para vender ao atravessador e eu continuo fazendo isso diariamente. Porém com a experiência da ERUM, pretendo não fazer mais o dia-a-dia de meu pai e vou tentar mostrar para ele o quanto ele está sendo explorado, pois quando eu alcançar meu objetivo venho aplicar tudo que aprendi na minha região.

Eu não participo da reunião do Comitê, assim como meus colegas. Só os produtores participam e até hoje não fizemos nada, só eles fizeram. Mas nós jovens somos quem mais reclamamos". (Iremar:1998).

Nesse estudo dos sistemas econômicos, a ERUM realizou vários ciclos de palestras e debates, no sentido de discuti-los em suas diferentes formas de atuação (capitalismo, socialismo e cooperativismo) que desembocaram na constituição de uma peça de teatro, feita pelos alunos, ao restituírem para a comunidade os estudos de realidade, no final da unidade. O cooperativismo foi considerado pelos alunos, na perspectiva capitalista, como uma solução para dar conta da situação estudada sobre as cadeias produtivas da agricultura de sequeiro e da agricultura irrigada, mesmo sabendo que isso teria um embate de pensamentos entre os alunos e o Comitê. A proposta de formação de uma cooperativa foi lançada ao Comitê pelos alunos, em reunião, considerando todo o estudo realizado na escola. O Comitê participou atentamente da apresentação da proposta dos alunos e se

colocou contra-argumentando que não tinha claro ainda a necessidade da formalização da nova organização, e solicitando que os alunos se integrassem às comissões para se traçarem as formas de operacionalizar.

Os alunos interessados, aprofundando a discussão sobre a criação da cooperativa, estavam em fase de conclusão da 8^a série, e, portanto, já estavam saindo da escola, não havendo nem por parte do comitê nem dos alunos proponentes nenhuma iniciativa para efetivação da proposta.

Nesse momento, as alternativas propostas pelos alunos da ERUM fazem parte de saídas econômicas pensadas a partir do beneficiamento da produção, atividades culturais, acesso aos meios de produção, que foram anteriormente levantados em encontro de jovens, quando desenvolviam atividades pedagógicas, lúdicas, esportivas, e nelas esboçavam seus projetos de vida. Cada alternativa econômica associava-se à necessidade de alguns jovens fixarem-se ao espaço (sistema produtivo), mesmo porque que vários deles não possuíam terra. Eles, já inseridos no processo produtivo, plantavam e criavam na terra dos pais ou vendiam mão-de-obra em outras propriedades. Novas forças de jovens assalariados rurais surgem no processo, diferenciando-se daquelas que buscavam as saídas econômicas fora do sistema (idas para São Paulo). Atualmente essas soluções estão sendo constituídas internamente no sistema ou ambiente. Já não se vai para São Paulo, adquire-se um carro e o transforma em transporte escolar, com salário pago pela prefeitura.

5.5.Os estudos de realidade operando na vida social do CAAM

Os estudos da realidade desenvolvidos pela ERUM têm sido fundamentais para a compreensão da relação escola-comunidade. Eles vêm produzindo uma alteração profunda nos modos de existência. Os momentos mais significativos da consolidação dessa relação são no dia de restituição dos estudos de realidades para todas as comunidades. Juntamente

com o projeto de capacitação, a ADAC e a ERUM organizam, a cada semestre, um dia de trabalho para apresentação dos estudos realizados através dos blocos temáticos, onde o conhecimento é socializado e possibilita a validação das informações trabalhadas por todas as comunidades. Esse dia é considerado, também, dia de encontro, transformando-se em manifestações culturais bastante significativas, e envolve emocionalmente a todos.



Foto: Manifestação cultural "Roda Trocada"
(ADAC - mai/99)

A relação de troca escola-comunidade revitaliza a cultura local, ao desenvolver diferentes atividades culturais. Cantigas de roda, roda de São Gonçalo, roda de terreiro, jogos, danças que estimulam a participação dos mais velhos, danças e cantorias esquecidas ao longo dos anos. A ênfase da escola na vida da comunidade se apoia na idéia da convivência com a cultura das

comunidades, com ações que colocam em movimento essas fontes inspiradoras (comunidades), com capacidade de viver e de criar um espaço de lazer, articuladas no encontro dos mais velhos com os mais moços, numa vivência comunitária, educativa e afetiva.



A cultura passou a ocupar um lugar de destaque na construção do conhecimento e do desenvolvimento local. Inserido nesse processo, o Projeto de Extensão: Cultura e Desenvolvimento Rural em Massaroca, desenvolvido pelo Departamento de Ciências Humanas - DCH III - e pela ADAC, veio reafirmar a cultura no seu movimento cotidiano e nas multiplicidades sociais e locais, entendendo-a como parte do processo do desenvolvimento em andamento. Nesse sentido, a

Foto: Manifestação cultural "Cantiga de Roda" (ADAC - jun/98)

educação tem participado ativamente na formação de todos que estão envolvidos com os trabalhos do CAAM.



Com a criação do Centro de Formação e da ERUM, várias alterações se fizeram e novos valores estéticos também se produziram na reorganização do espaço. As casas foram reformadas e estão sendo construídas acompanhando alguns aspectos presentes no prédio do Centro de Formação. Percebeu-se que as novas construções vêm sendo feitas com áreas mais amplas, arejadas e com plantio de jardins, dando um visual de beleza e de graça com diversas flores que se misturam aos mandacarus, aroeiras e umbuzeiros (plantas típicas da caatinga) numa diversidade que entra em harmonia com a existência desse lugar.

Foto: Jardim da ERUM (ADAC - abril/99)

Atualmente, a ERUM iniciou com 5 turmas, da 5^a à 8^a séries do ensino fundamental. Três turmas já foram concluídas e a escola tem-se firmado como uma formação de qualidade, perante as demais escolas do município, conforme depoimento feito pelos pais e alunos, e reconhecida de público por entidades de educação do município. A partir de 2001 a escola incluiu turmas multisseriadas de 1^a à 4^a séries, e atualmente funciona da 1^a a 8^a séries, com mais de 200 alunos matriculados, de 23 localidades, inclusive de comunidades que não fazem parte do CAAM. As questões referentes à escola nas reuniões do CAAM não demandam os mesmos esforços que anteriormente. O seu funcionamento estaria assegurado pelas negociações feitas com a prefeitura, para a manutenção do quadro de professores, funcionários e dos transportes escolares, abastecimento d' água (água

encanada), energia elétrica, etc. As estratégias traçadas pelo comitê, para a manutenção da ERUM são, pois, as formas de ver e dizer como estão relacionadas, com outras séries de práticas, desde as educativas, econômicas, sociais e políticas que se conectam, se afastam ou se aproximam, formando uma teia de práticas, relações de força que colocam novos problemas que, por sua vez, criam outras redes de relações que compõem a trama do cotidiano.

As diversas práticas são aqui tecidas como um nó rendilhado que atravessam o social e são consideradas nesta análise de dados como realizadas pelos segmentos que tecem uma rede dentro dela mesma, como se fosse um dos seus fios, como um nó em que vários fios do processo histórico viessem se encontrar, a exemplo da articulação feita entre o funcionamento da ERUM e outras reivindicações das comunidades. Portanto, nesse ínterim, a relação que se faz com a manutenção da escola e a política de abastecimento d'água, seus usos e percursos, assim como a energia elétrica, inicialmente, na comunidade de Lagoinha, expressa as práticas e enunciados existentes como fios de diferentes cores que vão se encontrando em determinados pontos, que fazem parte dos pontos da própria trama de relações. A questão, aqui colocada sobre a água, é uma luta reivindicatória das comunidades por água encanada, diferentemente de 1993, quando faltava água nas comunidades e a decisão política daquele momento era pela aquisição do caminhão do comitê (questão tratada no capítulo IV desta dissertação).

A água é uma parte fundamental de qualquer sistema de vida. Além de seu papel fisiológico, ela afeta o interesse coletivo nas comunidades e produz vários significados à vida da caatinga. Para a maioria das comunidades, a água assume papel essencial para o consumo humano, para os animais e para produção agrícola. Para alguns políticos (vereadores, deputados, cabos eleitorais, prefeitos) a água se transforma num negócio rentável, que se faz pela troca de votos ou favores pessoais. A permanência dos carros-pipa, durante o período da seca, dá visibilidade à atuação dos políticos nas comunidades.



Em torno do eixo vital, que é o abastecimento de água para as comunidades, há uma proposta de reivindicação do CAAM, para se fazer uma canalização da água do Rio São Francisco, que abastece a mina de Caraíba Metais, cuja adutora passa, basicamente, em todas as comunidades.

Foto: Transporte de água (ADAC - ago/00)

O desejo de possuir água encanada é comum em todas as comunidades. Alguns dirigentes do CAAM e das comunidades buscam a negociação com o poder público local para atender a esse interesse coletivo, enquanto outros se utilizam do poder da organização para atenderem a seus interesses individuais (emprego, consultas médicas, água, cisterna), evidenciando-se nessas formas de negociações como se opera o funcionamento de políticas entre o poder público nas comunidades e o CAAM.

No decorrer dessa negociação do CAAM referente à água da Caraíba (como era chamada), para todas as comunidades do CAAM, inclusive para algumas de fora de sua área de abrangência, o poder público, através da prefeitura, dos vereadores e dos deputados, intervinha nas negociações para garantir a permanência do seu poder no local. Nesse sentido, é interessante ressaltar que os tubos destinados à canalização de água para a comunidade de Lagoinha (atendida após quase quinze anos de reivindicação), onde está localizado o Centro de Formação - ERUM - chegaram no sábado anterior ao dia das eleições para governador e presidente da República (1998). Esse tipo de intervenção é visto pela comunidade como um jogo de forças, que vem se fazendo entre eles como parte de suas estratégias políticas.

Semelhante uso de políticas públicas com fins eleitoreiros aconteceu com a chegada dos materiais para instalação de energia elétrica em Lagoinha, uma reivindicação que vinha desde 1989. Recursos públicos provenientes do Programa Produzir são repassados através do Fumac (Fundo Municipal de Ação Comunitária), formado por presidentes de associações rurais, ONGs, representantes da prefeitura, que discutem e aprovam projetos comunitários a serem implantados na área rural do município. A CAR, responsável pela execução da obra, demarcou em *out-door* sua responsabilidade pela mesma. Mesmo assim, houve uma *carreata*⁵⁰ puxada por um vereador municipal, que "se colocou como pai da criança", ou seja, pretendeu atribuir a si próprio o atendimento da chegada da energia. Todavia, tanto a comunidade como o vereador conhecem a origem e trajetória dos recursos aplicados nessa obra. Concomitante à visibilidade desse jogo político aparentemente de "cartas marcadas", outras forças se travessam nesse campo de poder.

Compreendeu-se, assim, como se reconfiguram as redes locais de relações de poder e saber e as estratégias do CAAM, em busca do desenvolvimento local. Elas corporificam-se, em parte, nas inovações tecnológicas elaboradas pelos técnicos das instituições parceiras que se munem de instrumentos de intervenção material na organização das comunidades. Os técnicos definem as melhores alternativas para a produção daquela organização sem, no entanto, darem visibilidade ao que se vem constituindo em torno das suas lutas cotidianas, no próprio movimento das comunidades. As comunidades põem em prática cada ação e o fazem a partir do exercício de saber gestado na dinâmica social da rede local, que seguindo Foucault "esse saber não é algo que se remete a um sujeito de conhecimento, mas às relações de poder que o constitui".

Nesse sentido, saber e poder se implicam mutuamente nessa complexa experiência desenvolvida no CAAM, não havendo, segundo Foucault, relação de saber sem a

⁵⁰"Carreata" é o nome dado a um tipo de manifestação política com fins comemorativos, quando o vereador comemorava com a comunidade o resultado do seu prestígio para a chegada da energia.

constituição do poder. Todo ponto de exercício de poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação do saber.

5.6. ERUM: um território desterritorializado

A proposta pedagógica da ERUM, construída sob as veias abertas do sonho e do desejo dos pais, alunos, CAAM, comissões e de alguns técnicos, foi colocada em prática como experimentação de uma educação diferente, constituída no próprio movimento das comunidades.

Em seis anos de atuação, a ERUM produziu muitas alterações na vida do CAAM e das comunidades. Nesse percurso, tornou-se visível o movimento externo às comunidades juntando-se ao território da ERUM. O território⁵¹ pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente "em casa". Todos queriam ver de perto o movimento produzido na relação entre a escola e a comunidade, tornando-se, inclusive, alvo de reportagens, artigos de revistas nacionais e de muitas visitas de outros países.

A escola, *nossa filha, nossa casa-* como a chamavam algumas pessoas do CAAM, foi crescendo; o número de alunos e o quadro de professores aumentando. O Comitê se articulava com a prefeitura para assegurar a administração da escola. O município realizou um concurso público, adotando o mesmo critério para todas as escolas municipais, não considerando, portanto, a proposta de educação da ERUM, dando o mesmo tratamento para a entrada de novos professores para compor o quadro. A experiência em curso estava sendo trabalhada com base na interdisciplinaridade, através de blocos temáticos, que demandam os conteúdos da proposta pedagógica. Contava também com envolvimento profissional dos

⁵¹ Ver Cartografias do Desejo. p.323. 1996.

professores e com a experiência de cada um no processo. Com o resultado do concurso, dois professores tiveram que sair da escola e outros mais tiveram que entrar.

Em meio ao percurso, a proposta começou a se modificar. A ênfase dada aos conteúdos foi se desconectando dos blocos temáticos que, pouco a pouco, foram transformando-se em disciplinas isoladas e tradicionais. Todos esses desdobramentos não se limitam ao espaço institucional da escola. São trazidos pelo próprio movimento, entram perturbando, arrastando para outros lugares, que não o projeto em que a ERUM foi pensada. Para Deleuze (1997: p.135), é o movimento pelo qual se abandona o território. Os territórios, mesmo as casas, são constantemente atravessados por vetores de desterritorialização, isto é, podem abrir-se, engajar-se em linhas de fuga, e até sair do seu curso e se destruir (Guattari, 1996: 134).

A escola iniciou com um quadro de cinco professores formados na construção da proposta; deles, apenas um mantém-se ainda no quadro; os demais professores indicados pela secretaria de Educação, não passaram pelo mesmo processo de capacitação que os anteriores. O CAAM começa a entender que a escola está tendo o mesmo tratamento das escolas tradicionais, por parte da Secretaria de Educação, o que se mostra nas relações de entrada e saída de professores e diretores, assim como no número excessivo dos transportes escolares e de funcionários, que atualmente são lotados na escola. A escola/comunidade, que antes foi construída na luta do CAAM e das comunidades, evidencia que o território, ao contrário do que sempre nos parece, é um lugar de passagem, nele surge a formação de novos agenciamentos⁵², inclusive, desterritorializantes.

Os impasses são vividos pelos professores que estiveram na ERUM desde o inicio e o Comitê, por conta da reivindicação de reajuste da complementação salarial, feita pelo Comitê, desde o início da escola. De modo mais preciso, houve algumas insatisfações por

⁵² Aqui entendida, segundo Guattari, como noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto na ordem biológica como social.

parte dos professores e de certo modo, levando ao desgaste da proposta que não teve um acompanhamento mais cuidadoso, ao processo institucionalizante que foi se produzindo no próprio funcionamento da ERUM.

Não se tratou de uma análise sobre as práticas coletivas e individuais dos técnicos, comunidades, ERUM e do CAAM, mas sim de uma prática, na qual traçou com os autores a constituição de um movimento captado na rede de relações que se produziram na multiplicidade do CAAM. Começou-se a experimentar, com os autores, os conceitos que produziram as relações com o problema de pesquisa e que irão nos fazer olhar essa prática de outro lugar, já que foram territorializados, desterritorializados e reterritorializados por diversas vezes, na dinâmica social onde a pesquisa se produziu.

O processo de desenvolvimento desta pesquisa também foi tomado por um movimento de desterritorialização. Um território desfeito, atravessado pela frustração de um sonho coletivo de uma escola diferente. Um sentimento de angústia se expressa nas mais diversas situações vividas hoje em relação à ERUM. Uma delas foi registrada em entrevista com um dos representantes do CAAM:

- "Estava em minha casa quando uma "mota" buzinou me chamando. Fui atender.

-Lá fora estava um rapaz desconhecido que me perguntou:

Você é o líder daqui?

-Respondi é, sou.

Pois mande consertar um buraco ali na estrada que eu quase me arrebento todo.

De pronto respondi: pois eu caio todo dia e ainda não morri. Mas que mal lhe pergunto. Quem é você mesmo?

Eu sou um novo professor da ERUM.

--Enraivado, respondi. Esse serviço da estrada não é da competência do Comitê, você vá procurar o poder público, que é o seu patrão e peça que ele venha fazer o serviço que é dele". (Nenê, março, 2001).

Não pode ser negada a implicação desta pesquisa como um modo de produção do conhecimento e um pertencimento da visão de pesquisadora, mergulhando nela ainda mais, por um esforço de nomear suas características e seus contornos. De um lado é o campo problemático que produz uma situação inovadora e, do outro, produz uma situação problemática. É a dinâmica da organização e as estratégias do CAAM que são as diversas dimensões implicadas no grau de energia investido, as ressonâncias⁵³ afetivas à situação e às pessoas estudadas, as emoções que surgem e que em última análise tornam a angústia inevitável. É a subjetividade como via real para uma pesquisa realizada como um processo em lugar de dados fictícios.

Um fato colocado em reunião do comitê mostra como se encontra a proposta pedagógica da escola:

"A diretora atual da ERUM juntamente com os alunos da 8ªsérie, pediu espaço na reunião do CAAM para fazer uma reivindicação. Tratava-se da manifestação dos alunos sobre a falta de pincel de quadro, queixavam-se eles: não estamos mais agüentando as aulas ditadas. As outras disciplinas ainda se agüenta, mas aula de matemática ditada, ninguém consegue entender nada. A reivindicação dos alunos e da diretora era de que o CAAM disponibilizasse o caminhão para pegar os pincéis que estavam comprados, na loja em Juazeiro, só faltava transporte para trazê-los. Os presentes à reunião ficaram angustiados em constatar que a proposta pedagógica que fôra constituída na luta por uma educação diferente, não passava de uma escola comum do município. A falta de um simples pincel, significava um atropelo em sala de aula". (Reunião do CAAM, 08 de Abril/2001).

O Comitê começa a encarar a presente situação institucional a que a ERUM está submetida. Por sua vez, atende às expectativas das comunidades em relação à demanda escolar, com um quadro de professores indicados pelo município. As aulas acontecem continuadamente e, a cada situação necessária, o Comitê e a comissão de capacitação se fazem presentes nas atividades realizadas pela ERUM.

⁵³ Ressonância: ressoar ao que vem de "fora," deixar-se atingir internamente por um olhar ou por uma frase, por um ruído do vento, etc.

O CAAM movimenta-se para traçar novos caminhos. Acompanhando Deleuze e Guattari (135),⁵⁴ poderíamos dizer que se trata de uma reterritorialização que começa a se fazer, numa tentativa de recomposição de um território constituído num processo de desterritorialização. Nesse sentido, outros temas relevantes voltam a se atravessar no espaço: água, energia elétrica e o lote irrigado que haviam sido deixados para outra oportunidade, em função da prioridade dada à estruturação da escola. Administrar o lote irrigado, na perspectiva empresarial em andamento, passa a preocupar muito o comitê, uma vez que a partir de janeiro de 2002, os sócios franceses encerrarão de sua parte a sociedade comercial no lote. A partir daí o comitê será o proprietário definitivo do lote irrigado, que está voltado para produzir fruticultura irrigada para o mercado interno e externo. De certa forma, a procura de uma nova invenção nesse desafio colocado para o Comitê.

Após o processo de regularização jurídica do lote, surge como desdobramento do processo de territorialização e desterritorialização, uma outra dinâmica de formação do CAAM e novas redes de pensar o desenvolvimento comunitário começam a se manifestar. Isso significa entender que as redes constituídas no Comitê e as estratégias políticas que delas decorrem têm nos últimos anos reforçado o processo educativo, tais como, regularização do fundo de pasto a educação formal (ERUM), a educação informal (cursos de capacitação), comissões de apoio, luta por água encanada, energia elétrica, entre outros.

Assim o desafio lançado ao Comitê põe em discussão um nova em relação a defesa do fundo de pasto. Começa a despontar uma pressão externa sobre a utilização dos recursos naturais (terra, água). Nesse ínterim algumas comunidades despertam para o discurso de sustentabilidade desses recursos, e passam a priorizar as instâncias decisórias das associações, que até então eram tarefa atribuída ao Comitê.

A preocupação para reorganizar os trabalhos das associações começam a ganhar força, a partir da busca de revitalização dos seus estatutos. Essas novas atribuições dadas

⁵⁴ Deleuze, Gilles e Guattari, Félix. *Mil Platôs...* Vol. 4.p.135.

as associações fazem parte da tessitura de redes locais, uma vez que o fundo de pasto está legalizado em nome das associações. Logo percebe-se em algumas comunidades uma nova ocupação do espaço pelos jovens, que antes migravam para São Paulo ou outros locais. Esses lançam mão de novos modelos de residências, com jardins floridos, diferenciando-se daquelas construções tradicionais da região de caatinga. Uma rede em processo é uma rede em transformação, elas são próprias dos contextos e vai depender das preferências pessoais. Assim a dinâmica das comunidades mostram que as redes locais não esgotam em sua trajetória e precisam de desafios como condições para criar novos movimentos.

TECENDO A MANHÃ

João Cabral de Melo Neto

Um galozinho não tecê uma manhã,

ele precisar sempre de outros galos;

De um que apanhe esse grito que ele fangou,

e o lance a outro; de outro galo

que apanhe o grito que um galo antes

lance a outro; e de outros galos

que com muitos outros galos se cruzem,

os fios de sol de seis gritos de galo,

para que a manhã, desde uma tela tênue,

se vá tecendo entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos

se erguendo tenda, onde entrem todos

se entretendendo para todos, no todo

a manhã) que plana Ayre de armação.

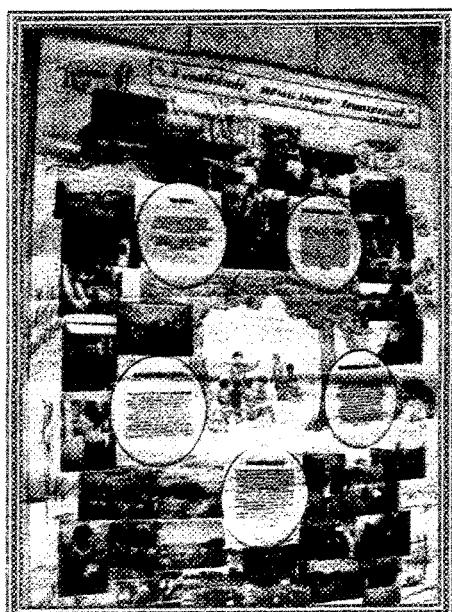
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo

Que, tecido, se eleva por si: luz balão.

CONCLUSÃO

Aquilo que chega ao fim deve produzir um novo começo. Não há nenhum lado bom para começar; é preciso começar por todos os lados ao mesmo tempo porque múltiplas conexões se produzem em diferentes dimensões numa pesquisa.

Constituindo o processo de desenvolvimento deste estudo e no sentido de não concluir, mas de abrir a discussão que vem ocorrendo em vários segmentos do CAAM, hoje, e portanto na educação, trago alguns elementos para possibilitar adentrar na visibilidade e dizibilidade dos desdobramentos alcançados. Não se trata, contudo, de idéias novas que não foram abordadas nos capítulos anteriores, mas trata-se de linhas de desterritorialização e reterritorialização onde foram produzidas multiplicidades que se operaram na rede de poder e saber no CAAM, que não pára de fazer-se e desfazer-se. É neste lugar que encerramos esta pesquisa.



Enquanto se desdobrava, ia traçando novas linhas e conexões em diferentes dimensões, movendo-se pelos conceitos que nos instrumentalizaram na formulação de questões do nosso problema. Não há, nesse traçado, nenhum resultado, nenhuma verdade distinta, nem a demarcação de um lugar ou funções do CAAM. Questões foram nos reconduzindo e outras relações foram se

Foto: Rede de relações conectadas ao cotidiano - mar/01.

fazendo para as práticas, na produção de novas multiplicidades que não começam nem aqui nem ali, mas se encontram no movimento transversal que as carrega.

Esta pesquisa procurou dar visibilidade às práticas movidas ora por interesses coletivos ora individuais, traçadas nas estratégias políticas em que se produzia o desenvolvimento local no CAAM e suas comunidades. Tentou traçar no movimento pelo qual a vida vai se refazendo e se ligando aos fios da rede de relações constituídas nas atividades desenvolvidas com a regularização fundiária de fundo de pasto, crédito alternativo, o caminhão, o trator, as comissões de apoio, o lote irrigado, a ERUM, transporte escolar, cisternas, estradas, água e canada energia elétrica, etc., e como abrem novas possibilidades e embates de forças na trama desta experiência.

Ao se pesquisar o modo de operação das estratégias de desenvolvimento local e dos diferentes desdobramentos nele surgidos, se gestou no cruzamento de uma série de práticas políticas que movimentam o CAAM. Estas práticas foram movidas pelas condições materiais com que se defrontavam as comunidades e as associações, na busca e no desenvolvimento de políticas públicas. Nesse processo, as políticas públicas, mesmo determinadas para atingir metas e resultados, foram linhas de fuga surgidas no processo.

Diferentes formas de articulação política, voltadas para um determinado problema, se tornaram palpitantes nos movimentos ao produzirem outros modos de existência. Que desdobramentos surgidos nesses espaços de organização do CAAM foram processando novas práticas?

Essa questão surge para dar visibilidade ao movimento pelo qual a vida nas comunidades foi se refazendo, a partir da primeira luta coletiva para a regularização de fundo de pasto e como outras questões começaram a se processar, remetendo, portanto, a um movimento que passou a ganhar força com a formalização de várias associações

comunitárias na busca de desenvolvimento local. Esse objeto de diferentes instituições e de diferentes técnicos compunha as forças também em jogo no processo.

Práticas diversas começaram a se cruzar, assim como uma série de estratégias foram constituídas no sentido de articular uma entidade representativa como o CAAM que, entendida como uma multiplicidade, deixa de ser simplesmente uma entidade representativa como uma área de abrangência, para se tornar uma rede de relações que foram traçadas num percurso de quase vinte anos, produzidas enquanto práticas e modos de existência. Nelas, passamos a incluir nossas práticas profissionais, técnicas, de pesquisa, de vida numa relação de implicação. E, por assim nos incluirmos, estamos também implicados nessa rede de poder e saber, que segundo Foucault, ninguém escapa.

Os movimentos gestados nas estratégias do CAAM e suas comunidades, pela articulação política com os poderes instituídos (local, estadual) e ONGs para o incremento do desenvolvimento local e da Educação, não remetem a uma vontade suposta de uma comunidade ou comissão, mas às multiplicidades que foram se movendo na busca de outras dimensões conectadas a cada nova estratégia. Os fios formam por sua vez uma trama, um jogo de forças que se aproxima das atividades ligadas ao crescimento das comunidades que foram se mostrando à medida que a luta por melhorias de vida ia se processando.

Desse ponto de vista, portanto, passamos a pensar que as diversas atividades desenvolvidas no CAAM, através do PGD, como os projetos de roça comunitária, melhoramento de pastagens, pequenas irrigações com cata-vento, crédito alternativo, entre outras, foram abrindo espaços para novos questionamentos, como a atuação da comissão de crédito que beneficiou apenas os dirigentes do Comitê. Tal situação produziu uma desterritorialização das atividades concentradas apenas na comissão de crédito, que puderam ser ditas e refletidas na dinâmica que se processava na ocasião. Outros desdobramentos passaram a produzir novas relações nessa rede, aliada à constituição de novas estratégias políticas no movimento de reterritorialização do processo.

Surge, nesse ínterim, o Caminhão do Comitê (quando ocorria uma grande seca na região), como um ponto de grande tensão e embate nas comunidades, gerado pela insatisfação das comunidades em relação ao funcionamento do crédito, que veio a provocar a desterritorialização de práticas coletivas em benefício individual, ao longo de quase dez anos de atuação do CAAM. Isso também proporcionou uma profunda discussão dentro do Comitê sobre a água e seus usos, incentivando a entrada de novas forças no Comitê (os jovens e as mulheres), que passaram a compor a direção do Comitê e a criar novos rumos de trabalhos. Nesse meio, nossas práticas foram atravessadas, retirando-se da linearidade de um território determinado para discutir a dimensão política, ética e estética, dando visibilidade ao percurso traçado nessa experiência. Daí fomos desterritorializados e reterritorializados, e passamos a conceber as práticas como multiplicidades para captarmos as suas diferentes linhas constituídas.

No percurso, pudemos experimentar a importância dos conceitos propostos pelos autores pesquisados, que se constituíram em ferramentas fundamentais para que pudéssemos traçar nossas práticas em outras linhas, e fazer novas conexões em diferentes dimensões. Não tratamos da análise e descrição sobre práticas, traçamos as linhas em que se teceram os desdobramentos nelas processados, que foram produzidos na experiência do cotidiano do CAAM.

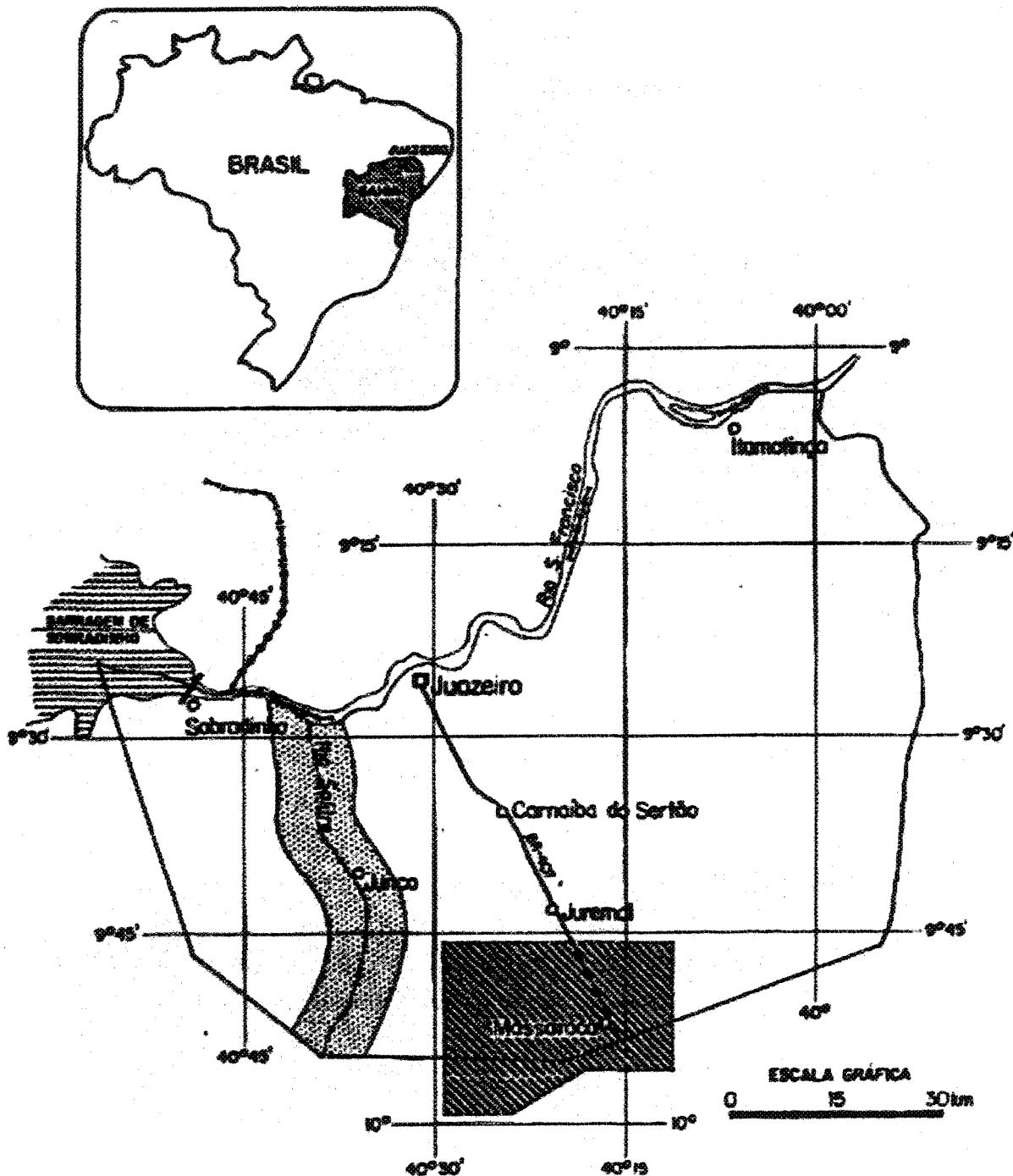
Portanto, esta dissertação, de um modo geral, percorreu as relações de poder de modo a tornar visível a maneira pela qual se constituem, encontrando suas condições de exercício em micro-relações de poder. Há movimentos que fazem com que as estratégias e as relações de poder possibilitem uma articulação de um novo tipo; permitem traçar linhas e aberturas, experimentadas na rede de relações no CAAM.

As estratégias políticas que se operam no comitê abarcam o ponto do exercício do poder e, ao mesmo tempo, produzem um lugar de formação de saber que, em determinados

momentos históricos, tem possibilitado novas conquistas políticas e outros desdobramentos, como: a regularização de fundo de pasto, crédito alternativo, aquisição do caminhão e do trator, do lote irrigado; o desenvolvimento de um projeto de educação (ERUM), água encanada, energia elétrica, a manifestação das associações pela sustentabilidade dos recursos naturais, entendidas aí como forças que atravessam as demais linhas de ação traçadas pelo PGD. Essas ações foram permitindo a invenção do novo, como outro movimento político na organização das comunidades. É aí que existe uma sedimentação de saberes que se apóia na rede de relações constituída em macro e micropoderes, que se fazem a cada nova conexão, criando-se novos modos de existência. A experiência desenvolvida na organização do CAAM, nas atividades realizadas nos eixos do projeto, nas comissões de apoio, na educação informal simultaneamente com a educação formal (ERUM) dá visibilidade ao processo em desenvolvimento.

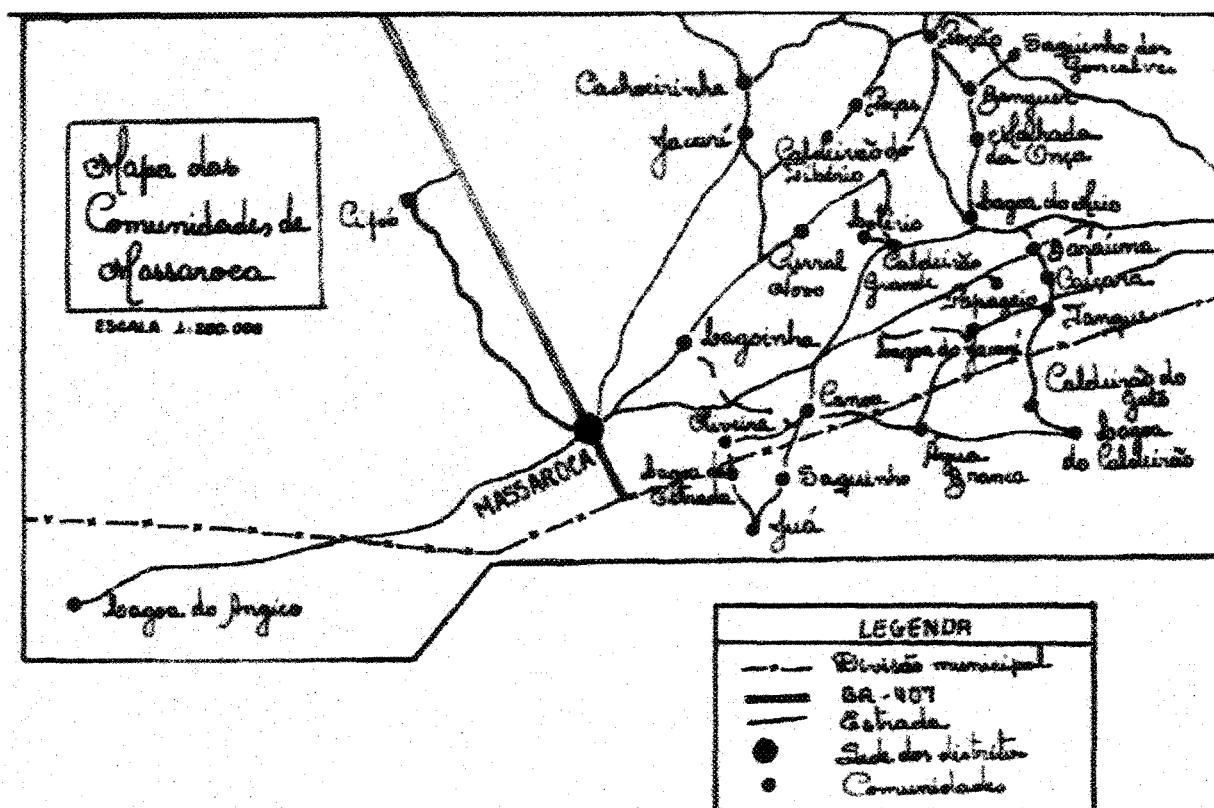
Esta dissertação não se refere somente às pessoas que propõem organizar-se de uma nova forma, mas abarca alguns segmentos que estão conectados a outras iniciativas, encontrando, no próprio tecido social, diferentes pontes com toda essa multiplicidade de núcleos de vontade coletiva sempre a se fazer.

ANEXO 1
MAPA GEOGRÁFICO DO MUNICÍPIO DE JUAZEIRO - BAHIA

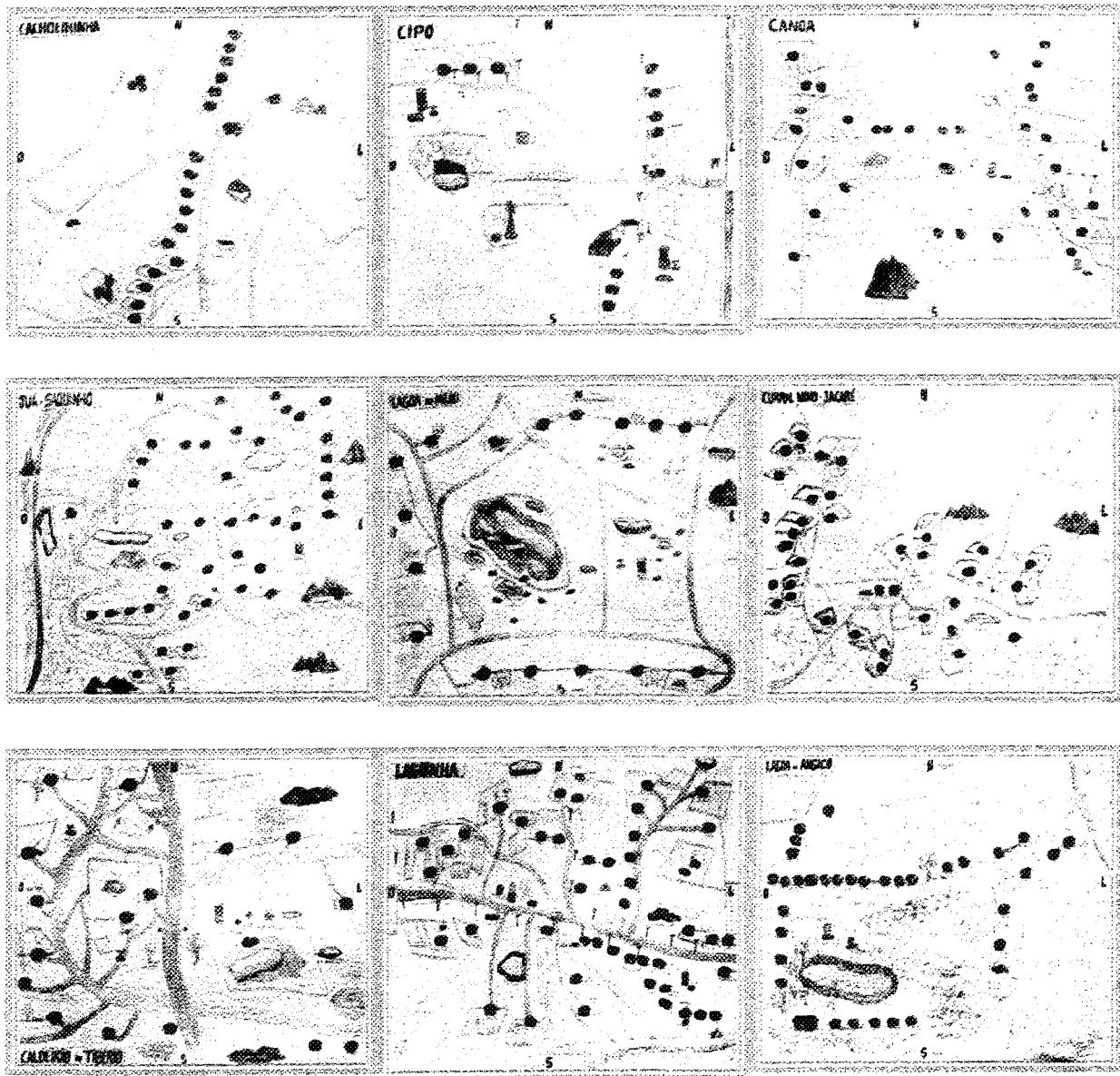


ANEXO 2

MAPA DAS COMUNIDADES DE MASSAROCA



In Oliveira, 2001

ANEXO 3**MAPA MENTAL DAS COMUNIDADES RURAIS DE MASSAROCA**

ANEXO 4**ROTEIRO DE ENTREVISTAS****Comissão de Crédito**

1-Como surgiu a comissão de crédito?

2-Qual o papel que essa comissão exerce no Comitê?

3-Como a comissão administra o fundo rotativo destinado aos investimentos agropecuários?

4-De que maneira os recursos dos empréstimos chegam ao Comitê?

5-Quais são as regras da comissão para fazer os empréstimos aos produtores?

6-Como a comissão atualiza o desembolso dos empréstimos?

7-Que mudanças teve o desenvolvimento das comunidades com a utilização do crédito alternativo?

8-Como se deu a apropriação do crédito alternativo?

9-Que desdobramentos se deram no percurso da comissão?

10-Qual a estratégia atual que a comissão utiliza para fazer novos empréstimos?

COMISSÃO DE EQUIPAMENTOS

- 1- Como foi formada a comissão de equipamentos?
- 2- Quais são as estratégias utilizadas pela comissão para administrar o caminhão e o trator?
- 3- Como se realiza o planejamento das atividades?
- 4- Que questões surgem no momento do planejamento?
- 5- Que critérios a comissão lança mão para atender a diferentes interesses?
- 6- Como a comissão faz o acompanhamento das atividades planejadas?
- 7- Que mudanças ocorreram nas comunidades com a aquisição do caminhão?
- 8-..Quais são as prioridades que a comissão elege para atender as solicitações de aração de terras por parte das comunidades?
- 9-...Que dificuldades a comissão enfrenta no momento da quebra da programação estabelecida?
- 10- Que desdobramentos ocorrem na comissão ao tratar as diferenças em relação aos produtores que desrespeitam a programação previamente estabelecida?

COMISSÃO DE CAPACITAÇÃO

- 1- Como surgiu a comissão de capacitação?
- 2- Quem participa dela?
- 3-...Qual o principal objetivo da comissão?
- 4- Que estratégias de trabalho foram formuladas pelas mulheres para a articulação entre a proposta pedagógica da escola e a comunidade?
- 5- Como a comissão participa da vida da escola?
- 6- Que relação se constitui entre a comissão e os cursos de capacitação destinados para as comunidades?
- 7- Quais as lutas travadas pela comissão em defesa de uma educação diferente nas comunidades?
- 8-.. Como a comissão participa dos estudos de realidade?
- 9-..Quais os pontos de conflitos que a comissão enfrenta na articulação entre a escola e a comunidade?
- 10-. O que a comissão aponta como ação mais importante na relação escola comunidade?

COMISSÃO DO LOTE

- 1- Como surgiu a comissão do lote no Comitê?
- 2- Que desafios foram lançados ao Comitê em torno de um novo projeto de irrigação?
- 3- Quem participa do lote?
- 4-..Que questões foram levantadas em relação a aquisição do lote?
- 5-.Qual o papel da comissão na admnistração do lote?
- 6- Qual o objetivo principal do lote?
- 7-.Que dificuldades a comissão enfrenta em ralação ao acompanhamento dos trabalhos do lote?
- 8-Qual o destino da produção do lote?
- 9-Como a comissão acompanha o balanço financeiro do lote?
- 10- Como a comissão destina os recursos financeiros provenientes do lote?

Entrevista com pessoas chaves

Técnica da ADAC que atua na região

- 1- Qual o papel do PGD no desenvolvimento local nas comunidades do Comitê?
- 2- De que maneira esse projeto foi estruturado?
- 3-Como se constituíram as parcerias institucionais no projeto?
- 4-.Que movimentos foram se surgindo depois do projeto?
- 5-. Como surgiu o projeto de uma educação no CAAM?
- 6-.Qual a ação de maior impacto desse projeto?
- 8- Que caminhos foram traçados entre o desenvolvimento local e a educação?
- 9- Que relação você faz entre o trabalho desenvolvido pela escola e o projeto de capacitação?
- 10-. Como você situaria a proposta pedagógica da ERUM após sete anos de implantação?
- 11-. Em que medida a escola tem contribuído para o surgimento de novos processos no Comitê e região?
- 12- Que sentimentos se produziu em você nessa trajetória de quase quinze de trabalho nessas comunidades?

Gerente do lote (técnico)

1- Como surgiu o lote no Comitê

2-Quanto tempo você trabalha como gerente do lote?

3-.Como você vem administrando os destinos do lote?

4-Quais são as maiores dificuldades encontradas no trabalho?

5-.Que sentimentos você percebe nos produtores de Massaroca em relação a sua administração?

6-.Como são tratados as questões referentes aos investimentos feitos no lote?

7-.Como são tomadas as decisões no que se refere aos destinos da produção do lote?

8- Como é feito o acompanhamento da contabilidade do lote?

9-. Como se estabelece a inserção do comitê no sistema produtivo?

10-Como a comissão do lote se articula com o gerente?

11- Quais os caminhos atuais do lote?

Entrevista com representantes do Comitê

- 1- Fale sobre a sua experiência comunitária ?**
- 2- Como você vê as mudanças ocorridas nas comunidades no percurso desse projeto?**
- 3- Como se dar a articulação entre o comitê e os poderes locais?**
- 4- Que políticas são traçadas pelo comitê para garantir a implantação de projetos públicos?**
- 5- Como se deu a luta do comitê para construir um projeto de uma educação diferente?**
- 6- Como se desenvolve as políticas internas de sustentação do Comitê?**
- 7- Como são tomadas as decisões do Comitê?**
- 8- De que maneira se produz a relação das comunidades com o Comitê?**
- 9- Qual a relação do Comitê com a ERUM?**
- 10- Que mudanças se processaram nas comunidades depois da ERUM?**
- 11- Qual a importância da educação para você?**
- 12- Quais foram as ações de maior impacto nesse projeto de desenvolvimento?**
- 13- Quais são seus sentimentos em relação ao trabalho desenvolvido nesses quase vinte anos de convivência comunitária?**

Entrevista com professores.

- 1- Como você ingressou na ERUM?
- 2- Como se processou a capacitação dos professores da ERUM?
- 3- Como se deu a luta pela escola ?
- 4- Qual o papel dessa escola na região?
- 5- Como foi a elaboração da proposta pedagógica da ERUM?
- 6- Em que se fundamentou os blocos temáticos que dão sustentação a ERUM?
- 7- Como se operam as relações da escola com a comunidade?
- 8- Que mudanças a ERUM está proporcionando na vida das comunidades?
- 9- Como você articula a coordenação do bloco temático com o projeto de capacitação?
- 10- Que trabalhos foram realizados em conjunto com os técnicos que atuam no projeto?
- 11- Qual a repercussão dos estudos de realidade na formação dos alunos?
- 12- Como se processa o estudo de cadeias produtiva nas comunidades e no lote irrigado?
- 13- Como você sente o seu trabalho na ERUM e o que faz a diferença entre as outras escolas?
- 14- -Quais são as dificuldades encontradas no percurso ERUM?
- 15- Em que momento a escola se atualiza com a velocidade dos desafios lançados as comunidades e ao CAAM?
- 16- De que maneira você avalia a contribuição da ERUM para os alunos , pais, comunidades e o CAAM?

17- Qual seu sentimento em relação a entrada dos novos professores que não tiveram a mesma formação que os primeiros professores da ERUM?

18- Qual a sua maior alegria como professor da ERUM?

Entrevista com jovens / alunos

1- Você sabe como foi a luta pela conquista dessa escola?

2- Porque a ERUM é diferente das outras escolas da região?

3- O que lhe chama mais atenção no tipo de educação desenvolvida na ERUM?

4- Qual o papel da ERUM na sua vida?

5- O que seus pais falam da ERUM?

6- A escola mudou alguma coisa em você e na sua vida?

7- Qual o bloco temático que mais chama sua atenção como aluno?

8- Como é a relação professor , aluno e comunidade?

9- O que os alunos pensam da ERUM?

10- Que dificuldades você sente em relação a ERUM e as comunidades?

11- Quais são as suas dificuldades enquanto aluno?

12- O que você sugere para que a ERUM cumpra o seu papel de escola do meio rural?

13- Que estudos foram realizados para entender como se processa os mecanismos de comercialização da produção das comunidades?

14- Como você visualiza a presença dos intermediários na comercialização dos produtos?

15- Que propostas você sugere ao CAAM para tratar da comercialização ?

16- Como os jovens se organizam dentro do CAAM?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- ABRAMOVAY, R. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. Campinas: Hucitec. 1991. 275.p. (Tese de Doutorado).
- ADAC. Projeto do Centro de Formação Rural de Massaroca: relato das atividades de formação numa perspectiva de desenvolvimento rural. Juazeiro: 1999: 50p . v.3.
- ADAC. A formação no meio rural de Massaroca: relato das atividades de formação numa perspectiva de desenvolvimento rural. (Projeto do Centro de Formação rural de Massaroca)
- ALBUQUERQUE, Júnior, D, M. A Invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortêz. 1999. 310.p.
- ANDRADE, C. M. Tradição e Mudança. A organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do submédio São Francisco. Rio de Janeiro: zahar. 1983.
- ARANHA, A. L. M. Filosofia da Educação. 2^aed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ASSY, A. R. M. Agitar, policiar, noticiar em maio de 98. São Paulo: 2000. (Dissertação de Mestrado)
- ALVES, N & GARCIA, R, L. O sentido da escola. 3^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL (Fortaleza, Ce). Avaliação do POLONORDESTE e do Projeto Sertanejo. Fortaleza: 1991. 37p.
- BARBIER, René: A pesquisa-ação na dominante existencial. Tradução Delcele Mascarenhaset. et. al. 27f. Mimeografado.
- BARROS, E. da R., & alli. Desenvolvimento Local e Associações de Pequenos Agricultores: o caso de Massaroca, Juazeiro-BA: 1995.
- BARROS, E. da R. Pequenos Produtores Frente a Novas Condições de (RE) Produção no vale do Salitre (Bahia): Porto Alegre: 1992 (Dissertação de Mestrado).
- BOUDON, Raymond. Os métodos em sociologia. São Paulo: Ática, 1989.
- BRANDÃO, C.R. Repensando a pesquisa participativa. São Paulo: editora Brasiliense, 1985.

- BRANDÃO, C.R. Repensando a pesquisa participativa. São Paulo: editora Brasiliense, 1985.
- BRUMER, Anita. O sistema paternalista no Brasil. In: Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, ano IV, 1976, p. 57-9.
- BURSZTYN, Marcel. O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste. Petrópolis: Vozes. 1984.
- CERQUEIRA, P. R. S. Características da Comunidade de Lagoinha: primeira etapa de uma experiência: pesquisa e desenvolvimento rural. Juazeiro-Ba: EMATER-BA. 1986. 40.p.
- DEMO, P. Problemas sociológicos da "comunidade". Cadernos do CEAS, Salvador, n. 31, p. 42-60, 1974.
- DENZIN, D. The Research Act. New York: Mc Graw Hill, 1978.
- EMBRAPA, CPATSA. Massaroca: uma experiência de planejamento comunitário. Petrolina-Pe: 1989. 80p
- FAZENDA, I. Metodologia de Pesquisa Educacional. 4^a ed. São Paulo: Cortez. 1997.
- FIRESTONE, W.A. e DAWSON, J. A. To Ethnograph or not to Ethnograph? Varieties of qualitative research in education. Philadelphia: Research for Better Schools. Pen., 1981. 27.p
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Por uma genealogia do poder; organização e tradução de Roberto Machado. 13^a ed. Rio de Janeiro: graal., 1998.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976); tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de L. M. Pondé Vassalo. Petrópoles: Vozes, 1987.
- FURTADO, C. Formação Econômica no Brasil. São Paulo: ed. Nacional. 1997. 248p.
- GENTIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social.2^a ed. São Paulo: Atlas. 1987.
- GUATTARI, F. As Três Ecologias. 5.^a ed. São Paulo: Papirus. 1980. 55.p.
- GUATTARI, F, &. ROLNIK, S. Micropolítica. Cartografias do Desejo. 4^a ed. Petropólis: Vozes, 1996. 59p.

- GUATTARI, F, & DEELEUZE, G. Mil platôs capitalismo e esquizofrenia. 34. 1996. v.3.
- GUATTARI, F, & DELEUZE, G. Mil platôs capitalismo e esquizofrenia. 34. 1996. v.1.
- KOHN, Ruth Canter. A pesquisa pelos práticos: a implicação como modo de produção dos conhecimentos. Paris: Universidade de Paris. 16f. mimeografado
- LATOUR, B. Jamais Fomos Modernos. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34. 1994.
- MINAYO, M.C de S. Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MOREIRA, J. N, & alli. Estudo do Circuito de Comercialização de Carne de Caprinos e Ovinos no Eixo Petrolina-PE / Juazeiro-BA: 22.p.
- OLIVEIRA, J. S, MACEDO, J.B.; REIS, E. dos S. Escola e Desenvolvimento Rural: a experiência de formação rural em Massaroca. 13.p.
- OLIVER DE SARDAN J.P. Anthropologie du changement. APAD. Karthala. Paris. 1995.
- PEIXOTO, S. E. Comunidade e desenvolvimento agrícola Salvador: 2000.mimegrafado.
- PRADO J, C. A Revolução Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- Raciocínio e ressonância: trabalho de pesquisador em ciências humanas, estudo do homem pelo homem: uma expressão paradigmática. In: congresso Europeu de sistêmica, 3, 1996, Roma: kappa, 1996. 6f.mimeografado.
- RANCIÈRE, J. O desentendimento. Tradução de Ângela Leite.Lopes. São Paulo: ed 34. 1996.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 2^a ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 273.p.
- SARDAN, J. P. O. Anthropologie et développement: essai en socio-anthropologie du changement social. Paris: APAD-KARTHALA,1995. 221.p.
- SILVA, J. G. da, A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira. São Paulo: UNICAMP. IE, 1996. p. 13.p.
- SILVA, M. S. e, Refletindo a Pesquisa Participante. São Paulo: Cortez, 1986.

SILVA, P. G., Um sistema de Financiamento das atividades rurais adaptado à pequena produção da região de Massaroca, Juazeiro-Ba. Paraíba: 1994. Dissertação (Mestrado em Economia Rural).

SOUZA, E.V. A Inserção de novos saberes e formas de organização comunitária de Massaroca através dos jovens. Juazeiro: 2001. (Monografia pós- graduação).

TRIVIÑOS, A. N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: ÁTICA, 1987.

TONNEAU, J. P. Modernisation des espaces ruraux et paysannerie, le cas du Nordeste du Brésil. Nanterre, França: Universidade de Paris X, 1994. 368p. Tese de Doutorado.

TURNES, Valério. A. Desenvolvimento local: uma nova forma de ver o espaço rural. Minas Gerais: CEPAGRO, 7f. mimeografado.

WILKINSON, J. O futuro do sistema alimentar. São Paulo: Hucitec. 1989. 142p.